

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Francisco José Barbosa

**História e magia no cotidiano da Igreja Evangélica
Assembléia de Deus em São Mateus.**

**São Paulo
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Francisco José Barbosa

História e magia no cotidiano da Igreja Evangélica Assembléia de
Deus em São Mateus

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em Ciências
da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

São Paulo
2007

Francisco José Barbosa

História e magia no cotidiano da Igreja Evangélica Assembléia de
Deus em São Mateus

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em Ciências
da Religião.

Aprovada em ____ de _____ de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Paulo José Benício
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Douglas Nassif Cardoso
Universidade Metodista

“Inclina os teus ouvidos sábios e aplica o teu coração ao meu conhecimento. Porque será coisa suave, se os guardardes no teu peito, se estiverem todos eles prontos nos teus lábios.”

Bíblia Sagrada, Provérbios 22.17-18.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada esposa Helena, que fez parte de todo o processo de idealização, planejamento e construção deste sonho. Pelo seu amor e dedicação. Pelos abraços acolhedores, pelos olhares doces e pelo sábio silêncio...

AGRADECIMENTOS

A Deus de quem sou e a quem sirvo. Fonte principal da minha existência.

Ao meu pai e amigo, com quem aprendi o significado da solidariedade.

À minha doce mãe com quem aprendi a dimensão do amor eterno.

Aos meus irmãos, grandes amigos, que a cada instante me mostram o valor da família.

Ao meu grande e amado amigo Sérgio, que esteve comigo em muitos momentos de dificuldades, e insistentemente esteve me apoiando e compartilhando as intermináveis leituras. Sempre ajudando com suas ponderações, sugestões, reflexões e indicações bibliográficas, sem quem minha jornada seria por certo muito mais difícil. Obrigado por partilhar seu talento intelectual e sua sensibilidade comigo. Obrigado pelo carinho, pela amizade verdadeira, pela força constante, pelas conversas informais que me ampararam nos momentos mais difíceis.

À Cássia por ser tão amável e sempre disposta a emprestar-me o seu MP3 para as minhas pesquisas de campo.

À Camila e a Carol, que de uma forma direta ou indireta contribuíram para a concretização deste sonho.

Ao amigo Wagner, que me influenciou e ajudou-me no primeiro projeto, muito obrigado, não me esquecerei de você.

Ao amigo Samuel de Freitas Salgado, onde tivemos uma história de 10 anos congregando juntos, muito obrigado.

Ao amigo Cláudio, sempre dedicado e otimista, obrigado, amigo.

Ao Pastor Deiró de Andrade, que tão gentilmente abriu as portas de sua igreja para minha pesquisa de campo e intermediou os contatos para a pesquisa externa. Muito obrigado, sem sua ajuda com certeza teria muitas dificuldades.

Ao Professor Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes, competente orientador, pela sua prestimosa orientação, paciência e disponibilidade em estar me acompanhando nesta trajetória.

À banca examinadora que me honrou com sua presença. E pelas valiosas ponderações e interlocuções desafiadoras e precisas no exame de qualificação.

Aos professores do programa de Ciências da Religião, que contribuíram com suas aulas, fortalecendo minhas idéias e abrindo caminho para outras.

A todos que participaram desta pesquisa, com seriedade e dedicação.

Este trabalho foi financiado em parte pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie, através do fundo Mackenzie de Pesquisa MackPesquisa. Muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a história da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil, principalmente nos seus primeiros 50 anos em que apresentou um crescimento muito expressivo.

Por serem as Assembléias de Deus e a Congregação Cristã no Brasil as mais antigas e maiores igrejas pentecostais do Brasil, formam-se a partir delas, as matrizes pentecostais brasileiras, sendo a Assembléia de Deus a principal responsável por essa matriz. Porém, a Assembléia de Deus não é uma igreja única nem homogênea, é múltipla em diferentes aspectos, como o movimento assembleiano de 1911-1946 e a instituição assembleiana de 1946 -1989.

A Assembléia de Deus Ministério de Madureira, em São Mateus, São Paulo, é uma igreja que surge entre os anos de 1947 e 1948, vinculada à Igreja Evangélica Assembléia de Deus Ministério de Madureira, Campo do Brás, São Paulo, que obteve sua emancipação em 1964, tornando-se uma igreja vinculada diretamente à Convenção Nacional de Madureira.

Em relação aos objetivos específicos, este trabalho se propõe a analisar a relação entre o carisma do líder máximo, do presidente do campo e o crescimento da Igreja. Também se propõe explicitar a sobrevivência das magias populares ou milagres institucionalizados no cotidiano da Igreja.

Através desta análise foi possível concluir que a presente pesquisa contribui para demonstrar que a religião institucionalizada tem seu lugar e prestígio, mas é um lugar, entre outros, necessário para demarcar a festa e o rito.

Palavras-chave: pentecostalismo, magia, Assembléia de Deus, carismática, tipologia weberiana.

ABSTRACT

This work has as main objective to analyze the history of the Assembly of God Gospel Church in Brazil, mainly in their first fifty years, when it gained an expressive growth.

Being the Assembly of God and the Christian Congregation in Brazil the most ancient and the biggest Pentecostal churches of Brazil, from them the Brazilian Pentecostal matrix were formed, being the Assembly of God the main responsible. However, the Assembly of God is not a unique nor an homogeneous church, it is multiple in different aspects like the Assembly movement from 1911 to 1946 and the Assembly institution from 1946 to 1989.

The Assembly of God Madureira Ministry, at São Mateus, São Paulo, is a church that arises between 1947 and 1948, tied with the Assembly of God Gospel Church Madureira's Ministry, Brás field, São Paulo, obtaining its emancipation in 1964, becoming a church directly linked to Madureira's National Convention.

Regarding to the specific objectives, this work sets out to analyze the relation between the church leader's charisma with the church growth and to set out the survival of popular magic or institutionalized miracles in the everyday life of the church.

Through this analysis it was possible to conclude that the present research contributed to demonstrate that the institutionalized religion has its place and prestige but it is a place, among others, necessary to demarcate the celebration and the rite.

Key-words: Pentecostalism, Magic, Assembly of God, Charismatic, Weber's typology.

SUMÁRIO

1. Introdução -----	1
2. Objetivos -----	3
3. Problematização -----	3
4. Hipóteses-----	4
5. Fundamentação teórica -----	5
6. Metodologia-----	7
7. Capítulo I A religião e a linguagem simbólica -----	9
8. Poderia existir magia no pentecostalismo? -----	9
9. Conceituando a magia-----	20
10. O simbolismo religioso-----	23
11. A religiosidade na esfera da razão-----	28
12. Capítulo II Panorama histórico da Assembléia de Deus no Brasil -----	33
13. Origem do pentecostalismo-----	33
14. A propagação da mensagem-----	36
15. Daniel Berg -----	37
16. Gunnar Vingren-----	39
17. A dissidência e o cisma-----	42
18. A oficialização da instituição da Assembléia de Deus-----	45
19. O ethos sueco-nordestino da Assembléia de Deus-----	50
20. O crescimento da denominação-----	54
21. A Assembléia de Deus segue a trilha da borracha em seu crescimento-----	58
22. A convenção de 1930-----	61
23. A versão sueca das “igrejas livres” e a construção da autonomia brasileira-----	65
24. O ethos norte-americano-----	68

25. O sistema de governo-----	70
26. Esboço histórico do ministério de Madureira-----	72
27. Capítulo III Panorama histórico da Assembléia de Deus em São Mateus-----	83
28. Introdução-----	83
29. São Mateus (distrito de São Paulo)-----	86
30. Aspecto demográfico-----	87
31. Mapa de São Mateus-----	88
32. História de São Mateus-----	88
33. Início da Assembléia de Deus ministério de Madureira em São Mateus-----	92
34. A liderança carismática-----	94
35. O sincretismo no cotidiano-----	102
36. A magia popular ou milagre institucional -----	107
37. O sagrado no cotidiano-----	121
38. Considerações finais-----	129
39. Referências bibliográficas-----	134
40. Anexos-----	142
41. Siglas usadas-----	142
42. Carta de convocação da Convenção Geral em 1930 em Natal-----	146
43. História de São Mateus-----	148
44. Carta de informação ao sujeito da pesquisa -----	153
45. Fotos da Igreja de São Mateus-----	154

Introdução

O pentecostalismo brasileiro, em seus primeiros 40 anos - *primeira onda* (Freston, 1996, p. 110), tem dois modelos: um italiano e outro sueco, ambos vindos dos EUA. A *versão italiana* é a CCB - Congregação Cristã no Brasil. Nascida em 1910, é, em suas primeiras décadas, uma “igreja italiana”. Cresce no meio da colônia italiana no Sudeste e até 1947 seus hinários e seus cultos são realizados nessa língua, quando começa a “abrasileirar-se” (Ibid; p. 100-109)¹.

A *versão sueca* é a Assembléia de Deus, que se mantém razoavelmente uníssona em seus primeiros anos, mas a partir da década de 50, além da disputa fratricida dos “Ministérios” e de seu processo de institucionalização irreversível, ela tem que disputar espaço com os diversos grupos pentecostais (citando apenas as grandes igrejas, temos a do Evangelho Quadrangular em 1951, Brasil para Cristo em 1955 e Pentecostal Deus é Amor em 1962), que surgem no cenário (Mariano, 1999, p. 29).

A Assembléia de Deus até os anos 50 sofre de uma “síndrome de marginal”, por escolha própria. Não ser vista e reconhecida pelo “mundo” não é demérito e sim “bênção”, como parte de sua missão. Mas, quantitativamente em ascensão após os anos 50, não poderiam mais permanecer invisíveis, nem pelas pesquisas, nem pelas demais denominações², nem por opção própria.

Por que a Assembléia de Deus não chama tanto a atenção dos pesquisadores? Sua *síndrome de marginal* mais uma vez se manifesta quando, na década de 50, o pentecostalismo pela primeira vez desperta o interesse da imprensa; um novo pentecostalismo, a chamada *segunda onda*, é mais interessante. Pelo viés do jornalismo, é

¹ É possível encontrar mais informações da Congregação Cristã no Brasil, através do sociólogo Key Yuasa.

² Há diversos trabalhos, tanto sociológicos quanto teológicos, em que as outras denominações evangélicas, as ditas tradicionais, começam a estudar o fenômeno pentecostal. E até mesmo a Igreja Católica, antes tranqüila em sua hegemonia, estuda o fenômeno como “ameaça”: Gutierrez (1997), César (1996).

claro que a *Cruzada Nacional de Evangelização*, que posteriormente vem a ser IEQ (Igreja do Evangelho Quadrangular), usando tendas, tocando rock com guitarra elétrica, o *top* da modernidade na época, com proclamação de curas, milagres e exorcismo, é mais atrativa que uma Igreja periférica, simples, avessa à publicidade, como a Assembléia de Deus.

A Assembléia de Deus é a maior igreja pentecostal no Brasil e falar de seu pretenso crescimento fenomenal acredito ser de grande relevância acadêmica, afinal a título de mera comparação, as estimativas são de que a Assembléia de Deus dos EUA tenha 2 milhões de filiados (Freston, 1996, p. 96) e a Assembléia de Deus no Brasil, 9 milhões (Revista Usp, 2005, p. 113). Portanto, a Assembléia de Deus brasileira é uma grande potência que merece ser observada.

Na memória de homens e mulheres que migraram para a Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus, nome e metáfora ao mesmo tempo, construíram em seu imaginário o lugar da terra prometida, como centro do mundo, em que a realidade e desejo se misturam e sobrepõem-se para afirmar que, em fim, tudo valeu a pena. A vida agora é melhor que antes.

Comum a todas são as experiências de peregrinação por vários lugares, sempre buscando um horizonte de vida melhor, quando não simplesmente empurrados por contingências, a maioria das vezes, fora de seu controle. Como uma rede invisível de incontáveis sentidos e imaginários, a religião emerge deste universo articulando poderes, saberes e energias, conferindo identidades a grupos e indivíduos, identidades estas também abertas e em gestação com o espaço recentemente ocupado.

Neste ambiente de saberes fluídicos e pouco dado a verdades fechadas e absolutas, a religião institucionalizada tem seu lugar e prestígio. Mas é um lugar, entre outros, necessário para demarcar a festa e o rito. Os rostos e sinais de Sagrado, contudo, são múltiplos e variados, não como doutrinas, mas como práticas, vivências e saberes.

Objetivos

A partir da análise bibliográfica das fontes primárias (publicações regionais, entrevistas) e fontes secundárias (livros periódicos), esta pesquisa pretende ser, como diria Berger, “uma tentativa de *compreensão*”³ da fundação e construção da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em sua história e principalmente nos seus primeiros 50 anos onde teve um crescimento muito expressivo.

E como objetivo específico: a) analisar a relação entre o carisma do líder máximo, do presidente do campo e o crescimento da Igreja; b) explicitar a sobrevivência das magias populares ou milagres institucionalizados, no cotidiano da Igreja evangélica Assembléia de Deus em São Mateus.

Problematização

Analisar a complexidade do fenômeno pentecostal é um desafio muito grande, portanto, dizer que o crescimento do pentecostalismo se deu como resultado da anomia produzida pela urbanização a partir da década de 50 poderia até ser uma explicação, a partir dessa época, mas como e por que o pentecostalismo cresceu – e cresceu muito – nas décadas anteriores? Ou como e por que cresceu também em áreas rurais?

O trânsito religioso é algo muito presente no cotidiano popular, portanto, seria esse o fator que contribui para o sincretismo religioso e conseqüentemente desenvolvem-se vários ritos que não fazem parte da estrutura de governo da Igreja?

A experiência religiosa através dos ritos é o fator de construção e apropriação de símbolos e imagens que permeiam este processo? Como se dá a apropriação do Sagrado nos

³ Esta é a função da sociologia da religião: compreensão dos fenômenos religiosos enquanto realidades sociais. Ou na definição completa de Berger (1997, p. 6-14) “*a sociologia não é uma ação e sim uma tentativa de compreensão*”.

diferentes grupos sociais da Igreja e como o Sagrado interfere no cotidiano de indivíduos e grupos?

Hipóteses

Analisando o pentecostalismo, acredito que este seja senso comum e o mais importante fenômeno religioso dos séculos XX e XXI. E senso comum também são alguns “princípios sociológicos” que explicam o pentecostalismo, ou pelo menos se tornaram padrões metodológicos.

“Princípios” que, resumidamente, seriam: a religião institucional não conseguiu responder a anomia (Durkheim) provocada pela urbanização e industrialização das cidades brasileiras, agravadas, ainda mais, pelo seu caráter opióceo, num amplo processo de alienação (Marx) deste continente pobre que não aderiu e/ou não entendeu a racionalização modernizadora protestante (Weber) das denominações históricas desenvolvidas no hemisfério norte.

Justificar a adesão ao pentecostalismo por absoluta alienação das massas empobrecidas é uma das respostas, mas por que parte da “massa alienada” adere também a outras religiões ou a nenhuma? E qual a explicação para as alterações sociais operadas concomitantemente a esta alienação? Alguns classificam como uma “efervescência carismática”, excluída minimamente de qualquer resquício de racionalização, esquecendo que Weber identifica racionalidade até na magia; racionalidade mágica sim, mas racionalidade.

Fundamentação teórica

A pesquisa abordará alguns tipos de dominação que são fundamentais para o presente estudo. Segundo a definição do autor Max Weber no livro *Economia e Sociedade*, dominação “é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis”. Dentro de sua classificação há três tipos de dominação: a racional, a tradicional e a carismática. A que nos interessa, mais precisamente, é a carismática que é definida como “veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas”.

Enquanto as anteriores, para funcionarem e serem legitimadas, necessitam de um corpo burocrático, ordens impessoais, qualificação pessoal, prebendas, etc., esta se legitima a partir dos *adeptos* (Ibid., p. 159).

O carisma é uma dotação pessoal extracotidiana, e como o próprio Weber diz, é impossível avaliar isto “objetivamente” com critérios estéticos, éticos, etc., pois o portador dos “carismas” é reconhecido por seus adeptos. O pentecostalismo se realizou, cresceu e expandiu-se a partir do reconhecimento endógeno dos carismas; líderes - homens e mulheres - na condição de “enviados por Deus” que reúnem em torno de seus dons um grande grupo de adeptos, causando a guinada. Só que este carisma, por mais fenomenal que seja, tende a se “rotinizar”, surgindo um novo personagem extracotidiano (de preferência mais extracotidiano que os anteriores), com um novo carisma (ou o mesmo carisma, mas com uma nova roupagem), que consegue novos adeptos e dá nova guinada.

Mesmo sem a intensidade original, porque por mais carismática que a igreja seja - ou pretenda ser - ela tende a se tradicionalizar (entrando, assim, na segunda fase da dominação tradicional) e também porque, como Weber diz, não existem “tipos ideais puros”, nenhuma

dominação é exclusivamente carismática ou tradicional - mesmo que as igrejas insistam em afirmar o contrário.

Ora, enquanto as demais instituições religiosas estão se legitimando a partir do Credo X, Documento Y, Comissão A instituída pelo Concílio D, com um corpo eclesiástico formado e racionalizado, a carismática não tem “funcionários profissionais”, porque não há seleção por critérios objetivos, mas pelas qualidades carismáticas (“discípulos”, “homens de confiança”, “nomeação”). Não há hierarquia, salário, autoridade institucional ou regulamento algum. Há somente a intervenção do líder, a camaradagem do amor, juízos de Deus, revelações e o reconhecimento como dever. O carisma e os adeptos. Haverá sempre espaço para os carismas se manifestarem e muito mais espaço legitimador para realimentarem os mesmos.

Este trabalho também analisará a questão da magia à luz de Antônio Flávio Pierucci no livro “A magia”. Segundo sua definição, a crença mágica reside na suposição de alguns seres humanos serem capazes de controlar forças ocultas (pessoais ou impessoais) e intervir nas leis da natureza por intermédio de técnicas rituais. Trata-se de um poder extracotidiano.

Esta pesquisa retratará a questão das magias populares ou milagres institucionalizados, algo muito presente na Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus. Para analisar este universo, houve a necessidade de definir os conceitos de símbolos e imagens. Para tal, validamos-nos das definições de Mircea e Eliade no livro O Sagrado e o Profano, no intuito de entender como esses grupos constroem e se apropriam de símbolos e imagens que permeiam este processo.

Metodologia

Segundo Thiollent (1984, p. 46), “a metodologia não consiste num pequeno número de regras. É um conjunto de conhecimento com o qual o pesquisador procura encontrar subsídios para nortear suas pesquisas”. E acrescenta: “as escolhas são efetuadas em função dos objetos das pesquisas” (46).

1. Pesquisa-partipante: Este método de pesquisa-participante é caracterizado como aquele em que há uma real participação das pessoas envolvidas, nesse caso líderes que têm algum dom sobrenatural e visa também, produzir conhecimentos tanto para pesquisadores quanto para as demais pessoas envolvidas (Thiollent, 1992, p. 14). E como objetivo específico: a) analisar a relação entre o carisma do líder máximo, do presidente do campo e o crescimento da Igreja. B) explicitar a sobrevivência das magias populares ou milagres institucionalizados no cotidiano da Igreja evangélica Assembléia de Deus em São Mateus.

1.2 Instrumentos: Será construído um roteiro de entrevistas após o contato com os membros da Assembléia de Deus. Após a elaboração do questionário, o mesmo será aplicado aos referidos sujeitos para validação e, posteriormente, será utilizado na coleta dos dados. As entrevistas serão gravadas. A seguir, as respostas dadas ao questionário que foi apresentado ao entrevistado serão transcritas pelo entrevistador. As mesmas serão realizadas nos locais onde os sujeitos realizam seus cultos, isto é, na própria Instituição. Este procedimento será muito importante para a compreensão do trabalho que vem sendo desenvolvido.

A pesquisa de campo foi realizada no período de abril a outubro de 2007. Foram entrevistadas 10 pessoas, sendo 5 homens e 5 mulheres, escolhidos segundo os seguintes critérios: exercerem alguma liderança religiosa e serem pessoas que admitem ter algum dom e

acreditar que sua dádiva foi manifestada com sucesso na vida de alguém da igreja. Todas as respostas dos entrevistados foram transcritas exatamente da forma que eles expressaram.

1.3 Procedimentos: O pesquisador pretende ir a campo realizar entrevistas semi-estruturadas com um roteiro previamente elaborado, permitindo aos sujeitos participantes da pesquisa a liberdade de expressão necessária para explicitar os fatos ocorridos no cotidiano da Igreja Assembléia de Deus.

Seguindo as orientações do Comitê de Ética da Universidade, antes da entrevista apresentamos a cada participante a Carta de Informação ao Sujeito de Pesquisa e após terem concordado com a mesma, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1.4).

1.4 Plano de análise dos resultados: Os dados coletados no estudo serão tratados seguindo as orientações propostas pelo o método de investigação elaborado por Bardin (1977, p. 42), conceituando a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Serão utilizados também os procedimentos decorrentes da aplicação do método da história oral, como propostos por Delgado (2003, p. 23):

As narrativas produzidas pela história oral incluem-se entre as narrativas históricas, que se distinguem das narrativas épicas, que são lendárias, atemporais. Ou seja, as narrativas históricas referem-se a 'um tempo pesquisável e pesquisado', com referências cronológicas passíveis de serem encontradas. Que trata do tempo mais recente do homem.

CAPÍTULO I

A religião e a linguagem simbólica

1. Poderia existir magia no pentecostalismo?

Podemos encontrar muitas pesquisas acerca do catolicismo popular. Autores como Carlos Rodrigues Brandão têm tentado desvendar seus mistérios e encantos, além de procurar defini-los. Mas podemos também observar características na prática deste catolicismo dentro do pentecostalismo que se desenvolveu na região de Belém do Pará e se estendeu para todo o Brasil. Terá o pentecostalismo das áreas rurais absorvido elementos do catolicismo rústico ou teria ocorrido um desenvolvimento paralelo, ambos valorizando os símbolos e a magia?

Analisando as proposições de Max Weber acerca do caráter da religião primitiva, percebemos que não se trata de religião, mas de magia, pois não fornece racionalização para a ação de uma classe. A religião não seria uma simples função de uma camada social, a representação de sua ideologia ou um reflexo dos interesses materiais ou de uma situação de interesses ideal dessas camadas, pois se originam da enunciação e promessa das fontes religiosas, sendo reinterpretadas pelas gerações para se ajustarem às necessidades religiosas

de seus membros. A função social da religião seria a de fornecer explicações racionais para o sofrimento e para as posições na estrutura social (Ribeiro, 2005, p. 2).

Weber acredita que os leigos esperam da religião as justificativas para “livrá-los da angústia existencial da contingência e do abandono, ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte, mas também, e, sobretudo, justificativas sociais de existir enquanto ocupantes de uma determinada posição na estrutura social” (Bourdieu, 2001, p. 84). O sofrimento é tido como um sintoma de desagrado aos olhos dos deuses e como sinal de culpa secreta (Ribeiro, op. cit., p. 3).

Contudo, ao discutir a avaliação do sofrimento, Weber distancia-se de suas formulações iniciais sobre a racionalidade econômica e religiosa e coloca importantes questões sobre a legitimação de posições de classe:

Se a expressão geral fortuna cobrir todo o bem representado pelas honras, poder, posses e prazer será então a fórmula mais geral a serviço da legitimação, que a religião teve para realizar os interesses externos e íntimos dos homens dominantes, os proprietários, os vitoriosos e os sadios. Em suma, a religião proporciona a teodicéia da boa fortuna para os que são afortunados. (Weber, 1974, p. 309).

Em contraste, a forma pela qual essa avaliação negativa no sofrimento levou à sua glorificação é mais complicada. Numerosas formas de punições e de abstinências em relação à dieta e sono, bem como de relações sexuais, despertam, ou pelo menos facilitam, o carisma extático, visionário, histórico, em suma, de todos os estados extraordinários considerados como sagrados (Ibid., p. 158).

Weber acredita que daí a crença de que certos tipos de sofrimento e estados provocados pelas punições seriam a fonte de poderes supra-humanos, isto é, poderes mágicos. A ligação pessoal com os que são investidos desses poderes, com o fim de conseguir a salvação individual da doença, pobreza e demais fontes de infortúnio é o que caracterizaria a irracionalidade das crenças mágicas encontradas tanto entre povos primitivos quanto entre camponeses. Ao mesmo tempo, seria essa glorificação do sofrimento que possibilitaria o

único tipo de religião entre os camponeses, que é aquela que surge dos seguidores da lei de um profeta.

Analisando este conceito, percebe-se que Weber sugere dois tipos de produção religiosa, diferença essa que prescinde e supera suas próprias formulações iniciais sobre a racionalidade ética da primeira, por oposição à irracionalidade da segunda. Na primeira, a riqueza, o poder, a saúde, são explicados e legitimados, enquanto que na segunda há uma valorização positiva implícita do sofrimento na figura do asceta que o assume totalmente. Ambas, portanto, constituem racionalizações, isto é, justificativas para uma certa posição dentro da estrutura social, tornando-a aceitável e fora de discussão (Ribeiro, 2005, p. 3).

Portanto, na grande maioria dos casos, uma religião de redenção, anunciada profeticamente, teve seu centro permanente entre as camadas sociais menos favorecidas. Entre elas tal religiosidade foi um sucedâneo, ou um suplemento racional da mágica (Weber, 1974, p. 317).

A necessidade de uma interpretação ética do significado da distribuição das fortunas entre os homens aumentou com a crescente racionalidade das concepções do mundo. À medida que os reflexos religiosos e éticos sobre o mundo foram se tornando cada vez mais racionalizados e primitivos, e as noções mágicas foram eliminadas, a teodicéia do sofrimento encontrou dificuldades crescentes (Ibid., p. 318).

Desta forma, Weber introduz sua idéia sobre a racionalização da religião, com a eliminação da magia do mundo, que teve seu início com os judeus e seu clímax com o calvinismo. “O puritano genuíno rejeitava até qualquer sinal de cerimônia religiosa no enterro e sepultava seus entes mais queridos e próximos sem cânticos ou rituais para que nenhuma superstição ou confiança nas forças mágicas e sacramentais de salvação pudesse se insinuar” (Weber, 2002, p. 80).

Weber sugere dois critérios básicos para determinar o nível de racionalização que uma religião apresenta: “O primeiro é o grau em que uma religião despojou-se da magia; o outro é

o grau de coerência com isso, à sua própria relação ética com o mundo” (Weber, 1997, p. 151). Analisando o cristianismo, Weber conclui que o protestantismo ascético nas suas várias manifestações representa o grau extremo de despojamento da magia. O protestantismo teria desencantado o mundo através de uma dominação racional deste mundo. Segundo Weber, um cristão genuíno desejava ser um instrumento de Deus, útil para transformar e dominar racionalmente o mundo (Ribeiro, 2005, p. 4).

Confrontando a religião das classes de camponeses e trabalhadores com a das camadas letradas e de nobres, Weber acredita que as primeiras manteriam a crença na magia e no carisma fortemente influenciado pelo poder da parentela, enquanto que os letrados e nobres seguiriam em direção a um formalismo e ritualismo hagiolátrico (Weber, 1974, p. 148). Porém, mais adiante, vem a defender que “a grande realização das religiões éticas, principalmente das seitas éticas e ascéticas do protestantismo, foram o rompimento dos laços de parentesco, a constituição de supremacia da comunidade de sangue e em grande medida mesmo da família” (Ibid., p. 153).

É possível observar que há um problema de relação entre a racionalização do mundo e a mistificação do mesmo, cujo Pierre Bourdieu aborda em sua reflexão sobre o fenômeno do surgimento de um campo religioso específico, para a qual ela compara as teorias de Weber com as de Durkheim.

Para Bourdieu, Durkheim está interessado nas funções lógicas da religião e nos seus símbolos, considerando a sociologia da religião como uma dimensão da sociologia do conhecimento. A religião é para ele um universo cognitivo, onde a dimensão lógica é subjacente a todo sistema do conhecimento. Durkheim acentua sempre o lado consensual da religião, sendo a igreja o espaço no interior do qual as crenças e as práticas se unem em torno de uma comunidade moral. Weber não se pergunta sobre essas funções lógicas, mas sobre as funções econômicas e políticas da religião, entendendo-a como parte da sociologia do poder.

Ambos afirmam que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social, contribuindo para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados”. O uso da teoria de Weber permite superar a teoria do consenso subjacente à obra de Durkheim, de aplicação mais difícil na medida em que se afasta das sociedades menos diferenciadas e das produções simbólicas menos diferenciadas das sociedades de classes (Ribeiro, 2005, p. 5).

Weber, ao contrário de Durkheim, estava principalmente interessado na criação de um campo religioso específico, em que as mensagens religiosas passam a ser produzidas e difundidas por agentes específicos, imbuídos de certos poderes que estabelecem uma relação especial com os grupos que recebem estas mensagens. Os sistemas de crenças e práticas religiosas constituem, então, “a expressão mais ou menos transfigurada das estratégias dos diferentes grupos de especialistas em competição pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e das diferentes classes interessadas por seus serviços” (Bourdieu, 2001, p. 32). Por causa disso, a teoria de Weber oferece uma saída para a alternativa simplista entre uma completa autonomia do mito e a teoria que reduz a religião a mero reflexo das estruturas sociais.

Bourdieu tenta chegar ao núcleo comum das posições de Weber e Durkheim, reformulando a proposição de Durkheim a respeito das “funções sociais” que a religião cumpre em favor do “corpo social” em termos das “funções políticas” que a religião cumpre em favor das classes sociais, pela sua eficácia simbólica. Repensando a teoria de Durkheim para a gênese sobre os esquemas de pensamento, percepção, apreciação e ação, relaciona-a com o fator da divisão de classes realizando assim a sua integração com a teoria de Weber:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (Ibid., p. 33-34).

Ao formular esta junção de teorias, Bourdieu rompe com o conceito de racionalidade de Weber e isso nos leva a crer que, ao fazer a integração entre a teoria da religião de Weber, ele não leva em consideração que essas teorias estão fundamentadas em concepções de estrutura de classes e de ideologia radicalmente diferentes. “Weber refere-se a estratos sociais, revelando que concebe a estrutura de classes como uma escala de posições de superioridade e de inferioridade em termos de poder (seja ele econômico, político ou simplesmente de prestígio social)” (Ribeiro, 2005, p. 7).

Na sua sociologia da religião considera, coerentemente com esta concepção, que os estratos sociais se utilizam da produção religiosa como um instrumento de auto-valorização social. Apenas as mensagens religiosas que de maneira explícita glorificam e justificam as atividades econômicas e as posições sociais dessas camadas são por ela consideradas como religiosas. A sua concepção de racionalidade leva-o a classificar de “mágicas” as crenças religiosas tradicionais dos camponeses.

Segundo Weber, a auto-valorização do camponês como um “homem piedoso” e a glorificação da agricultura são fenômenos modernos que constituem uma expressão da oposição ao desenvolvimento urbano sentido por grupos letrados ou patriarcais, ou mesmo por camponeses proletariados e oprimidos (Weber, 1996, p. 83-84). Portanto, para Weber, só se pode falar de uma religião entre camponeses quando estes entram em concorrência com outras categorias ocupacionais por mérito religioso, que, em última análise, é concorrência por prestígio social.

Ainda na análise de Bourdieu, quando este tenta recolocar o problema da oposição entre magia e religião, parte de dois pressupostos: que as sociedades primitivas não são diferenciadas e que não existem especialistas que possam conhecer as razões para o emprego dos símbolos, e de interpretá-los, nos esquemas de ação e pensamento religioso dessas sociedades. Ao refletir sobre o “progresso da divisão do trabalho religioso” e “o processo de

moralização e de sistematização das práticas e crenças religiosas”, Bourdieu fala em duas estruturas opostas de distribuição do “capital religioso” associadas implicitamente à sociedade primitiva (primeira estrutura) e a sociedade de classes (segunda estrutura). As oposições ocorreriam com relações aos bens religiosos e com relação aos tipos de sistemas simbólicos.

Com relação aos bens religiosos, na sociedade primitiva teríamos um conjunto de esquemas de pensamento e de ação objetivamente sistemáticos, adquiridos ao estado implícito por simples familiarização de comuns a todos os membros de grupo e utilizados de modo pré-reflexivo, enquanto que na sociedade de classes, teríamos um corpo de normas e saberes específicos, explicitamente e deliberadamente sistematizados por especialistas pertencentes a uma instituição socialmente habitada para reproduzir o capital religioso por ação pedagógica expressa.

Com relação aos tipos de sistemas simbólicos, Bourdieu defende que o mito está para as sociedades primitivas assim como as ideologias religiosas estão para as sociedades de classes, sendo as ideologias religiosas a reinterpretação letrada operada por referência a novas funções internas (agentes religiosos) e externas (constituição de estados e classes sociais) (Ribeiro, 2005, p. 8-9).

Na verdade, Bourdieu está novamente trazendo à tona o antiqüíssimo dilema Weberiano da oposição entre magia e religião. Enquanto a magia estaria centrada nas idéias de mana e tabu, ou seja, de uma força maléfica ou benéfica espalhada por toda a estrutura, a religião se basearia nas idéias de vida terrena e de vida supra-terrena.⁴ Outra idéia sempre presente na religião é a de transgressão e justiça divina, que tem a sua resolução através de duas orientações culturais, o karma, representativo das religiões orientais e de possessão⁵, e a

⁴ “A ação cuja motivação é religiosa ou mágica aparece em sua existência primitiva orientada para este mundo. As ações religiosas ou mágicas devem realizar-se para que te vá bem e vivas largos anos sobre a terra!” (Weber, 1974, p. 328).

⁵ Dentre as religiões de possessão, encontramos o espiritismo, a umbanda e o candomblé.

graça, presente no cristianismo, representada pelo perdão concedido gratuitamente aos pecadores arrependidos (Ibid., p. 9).

Por outro lado, a “analogia sincrética” que está no “fundamento do pensamento mágico-mítico” apenas se transforma em “analogia racional” e “consciente” de seus princípios quando surgem grupos letrados que operam a substituição da “sistematicidade objetiva” das mitologias para a “coerência intencional” das teologias e filosofias (Bourdieu, 2001, p. 38).

A oposição magia / religião é explicitada como uma oposição entre o profano e o sagrado, enquanto poderes detentos por grupos distintos de dominados (leigos) e dominantes (letrados).

A oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado, e os leigos, objetivamente definidos como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado, constitui a base do princípio da oposição entre sagrado e profano e, paralelamente, entre a manipulação legítima (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria) do sagrado, quer se trate de uma profanação objetiva (ou seja, a magia ou a feitiçaria como religião dominada), quer se trate da profanação intencional (a magia como anti-religião ou religião invertida) (Ibid., p. 43).

Desta forma, ao colocar em dois pólos opostos a magia das sociedades primitivas e a religião das sociedades complexas, Bourdieu exagera as diferenças entre elas, contradizendo suas afirmações sobre a religião como uma ideologia. Em ambos os sistemas tipificados, há um jogo do que é consciente e do que é inconsciente, do que é explícito e do que é implícito, já que a linguagem de qualquer sistema religioso, seja ele letrado ou não, é essencialmente simbólica e, portanto, tem significados implícitos ou inconscientes. Enquanto ideologia, a religião tem necessariamente uma coerência relativa, que oculta, intencionalmente ou não, algumas coisas e revelam outras. Mas a religião, como arte, constitui uma espécie de ideologia *sui generis*, que se expressa especialmente através de símbolos (Ribeiro, 2005, p. 10).

Esses símbolos podem ser reinterpretados de forma diferenciada por diferentes classes, em épocas diversas. Bourdieu (2001, p. 52) afirma que, “quanto maior for a distância econômica, social e cultural entre o grupo dos divulgadores e o grupo dos receptores, tanto mais ampla será a reinterpretação da mensagem religiosa veiculada.”

Em conseqüência, a forma que a estrutura dos sistemas de práticas e crenças religiosas assume em um dado momento do tempo (a religião histórica) pode afastar-se bastante do conteúdo original da mensagem e só pode ser inteiramente compreendida por referência à estrutura completa das relações de produção, de reprodução, de circulação e de apropriação da mensagem, por referência à história desta estrutura (Ibid., p. 52).

Para Bourdieu, as religiões se formavam como resposta às necessidades específicas de um grupo específico. Assim, o cristianismo deveria ter sofrido diversas mudanças de interpretação de acordo com o grupo que o adotava. No Brasil, nas regiões de catolicismo rústico, com a investidura de qualidades mágicas aos santos, festas agrárias sendo incorporadas ao calendário litúrgico, e o uso de objetos com fins mágicos, gera uma clara oposição entre o catolicismo rústico e o catolicismo oficial.

Monteiro (1974, p. 88) registra um embate entre o beato João Maria e o frei Rogério ocorrida em 1897, quando numa expressão sintética da pretensão de autonomia do catolicismo rústico, no clímax do debate, João Maria afirma: “A minha reza vale tanto quanto uma missa”. É um exemplo da relação entre a religião oficial e a agrária a qual se refere Bourdieu (2001, p. 68) “enquanto a religião agrária é constantemente reinterpretada na linguagem da religião universal, os preceitos da religião universal se redefinem em função dos seus costumes locais”.

Bourdieu abre caminho para uma reflexão neste sentido acerca do protestantismo das áreas rurais. Se esta reinterpretação da religião agrária é uma constante nas regiões rurais do Brasil onde predomina o catolicismo rústico, como esta reinterpretação aconteceria dentro de

uma religião protestante, que segundo Weber representa o clímax da racionalização e desmistificação do mundo? Para Ribeiro (2005, p. 11), não há um jogo entre uma religião dominante, tida como legítima e movida pela ação contestatória do profeta ou do mago, mas um pluralismo mercadológico, com uma competição entre os grupos religiosos pela preferência do fiel e consumidor. Se for assim, o protestantismo e o pentecostalismo das áreas rurais teria se adaptado às necessidades da população local, ajustando-se à mentalidade católica oriunda de nossas raízes colonizadoras.

De qualquer forma, a reflexão de Bourdieu é importante para o presente estudo pela sua proposição final sobre magia, explícita e coerente com a sua sugestão inicial de que a religião contribui para a imposição dos princípios de estruturação do pensamento que legitimam como naturais as divisões sociais. Bourdieu relativiza o conceito de racionalidade: não se trata mais de características irracionais, mas da legitimidade, do ponto de vista dos que controlam o “capital religioso”, da manipulação dos bens religiosos pelos grupos dominados ou categorias de pessoas dominadas (como as mulheres) ou ainda por aqueles que ocupam posições estruturalmente ambíguas. Essa oposição seria assim uma formulação ideológica existente em qualquer formação social.

Outro ponto importante da visão de Bourdieu acerca da religião está em seu poder simbólico, que consegue impor significações como legítimas, utilizando os símbolos como instrumentos de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida.

Um dos princípios fundamentais de estruturação do campo de produção e circulação de bens simbólicos é a relação de oposição e de complementaridade que se estabelece entre o campo de produção erudita e o campo das instâncias de conservação e de consagração. Weber faz um paralelo com o campo religioso, ao entender que a estrutura do campo religioso organiza-se em torno da oposição entre o profeta e o sacerdote (além das oposições secundárias entre o profeta, o feiticeiro e o sacerdote).

Trazendo a questão para a temática da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em estudo, podemos nos referir à oposição e à complementaridade entre a Igreja Assembléia de Deus (sede-mãe), pobre em aspectos mágicos (erudita) e a Igreja Assembléia de Deus (congregação-filha), rica em magia (conservação e consagração). Ambas pertencem a um mesmo sistema organizacional, fazendo parte de uma estrutura que se inter-relaciona, com reuniões periódicas, onde os membros se encontram e partilham de suas crenças em comum⁶.

Para Bourdieu, o sistema de ensino, enquanto instância de conservação e consagração cultural, cumpre inevitavelmente uma função de legitimação cultural ao converter em cultura legítima, exclusivamente através do efeito de dissimulação. Isso se deve ao fato de que toda ação pedagógica define-se como um ato de imposição de um arbitrário cultural que se dissimula como tal e que dissimula o arbitrário daquilo que inculca. Este arbitrário cultural é apresentado pela formação social pelo mero fato de existir e, de modo mais preciso, ao reproduzir, pela delimitação do que merece ser transmitido e adquirido e do que não merece, a distinção entre as obras legítimas e as ilegítimas.

O sistema de ensino contribui amplamente para a unificação do mercado de bens simbólicos e para a imposição generalizada da legitimidade da cultura dominante, não somente legitimando os bens que a classe dominante consome, mas também desvalorizando os bens que as classes dominadas transmitem e tendendo, por esta via, a impedir a constituição de ilegitimidades culturais. Dessa forma, o sistema das instâncias de conservação e consagração cultural cumpriria, no interior do sistema de produção e circulação dos bens simbólicos, uma função homóloga à da Igreja, na concepção de Bourdieu.

Sendo assim, a Igreja de São Mateus teria o poder de legitimizar a cultura religiosa nordestina ao qual pertence, impedindo a constituição de uma cultura ilegítima. Analisando as práticas no culto diferenciado na região em estudo, observamos que a falta de escolaridade

⁶ A Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus, realiza culto de Santa Ceia todos os primeiros sábados do mês, junto com as suas respectivas congregações.

dos pastores das congregações, corrobora para que os costumes tradicionais nordestinos que se desenvolveram no meio rural brasileiro se mostrem vivos, mesmo em meio a um contexto racionalista da Igreja sede.

Com base nos pressupostos desses autores, procurou-se estabelecer as relações entre este sistema classificatório mágico-religioso encontrado nas congregações com o sistema religioso oficial da sede, onde tentaremos decodificar o sistema religioso existente no ambiente da Igreja em São Mateus, procurando desvendar o real sentido de suas práticas e crenças religiosas.

1.1 Conceituando a magia

Fazendo uma distinção entre magia e religião, poderemos chegar a um conceito que magia não é religião. Não se acredita em magia do mesmo modo que se crê numa religião, não se pratica magia do mesmo modo que se segue uma religião. Segundo Pierucci (2001, p. 83) a magia tem a ver com resultados tópicos e parciais. Além de limitado, os resultados desejados costumam ser avulsos, sem constituir sistema unitário. E, além de limitados e avulsos, devem ser de ordem material, ou temporal. Oferecendo milagres a magia deve servir para melhorar a vida “aqui e agora”, não no “outro mundo”; no futuro, só se for o imediato, jamais na “vida eterna”.

Muito mais sublimada e espiritualizada que a magia, a religião caracteriza-se por alçar vôos mais ousados: promete a salvação eterna, a paz espiritual, o bem-estar geral. Por isso a religião se dedica a especulações metafísicas em torno dos últimos interesses - os últimos valores, os sentidos definitivos, os acontecimentos finais -, voltada que está para o “outro mundo”, o “outro lado”, a “outra vida”, o Além, o Absoluto, o Princípio e o Fim. Enquanto a

religião protela, a magia é imediatista. A religião está referida a sistemas de compensadores genéricos baseados em pressupostos sobrenaturais, enquanto a magia se refere a compensadores específicos que prometem promover aqui e agora as recompensas desejadas (Ibid., p. 83).

O ritual mágico é ação racional-utilitarista, que tem em vista um fim muito bem delineado. Não há prática mágica que seja um fim em si mesma. E, no entanto, é isso que se passa com as práticas religiosas: elas são fins em si. Um ritual realizado para evitar a morte de um bebê durante o parto é totalmente diferente, quanto ao fim visado, de um rito que celebra o nascimento de uma criança. O primeiro é um ritual mágico; o segundo, um ritual religioso. Os praticantes do primeiro agem em função de uma finalidade extrínseca ao ato – assegurar a sobrevivência daquela criança –, ao passo que o segundo não tem outro propósito a não ser comemoração enquanto tal, a confraternização, um ato social. A celebração religiosa contém em si sua própria finalidade, é a expressão não-utilitária de sentimentos e credos compartilhados por toda uma comunidade religiosa (Ibid., p. 84).

A relação do mago com as pessoas que o procuram é uma relação profissional/cliente. Também de natureza utilitária. Já o mundo da religião se caracteriza em termos ideais pela relação duradoura pastor/rebanho, sacerdotes/fiéis ou profeta/seguidores. O especialista em magia e seu cliente desempenham suas atividades como sujeitos privados e socialmente desencaixados, não como membros de um grupo ou, menos ainda, como seus representantes. É nesse sentido que Durkheim postulou ser a magia incapaz de formar uma igreja: “Não existe igreja mágica. [...] O mago tem cliente, não igreja” (Durkheim, 1989, p. 76).

O ritual religioso é serviço divino; o ritual mágico é coação divina. Eis a característica diferenciadora decisiva: o modo de relacionamento com o sagrado. Escreveu Weber:

Um poder concebido de algum modo por analogia com o homem dotado de alma pode ser forçado a estar a serviço dos homens: quem possui o carisma de empregar os meios adequados para isto é mais forte até mesmo que um deus, e pode impor a

este sua vontade. Neste caso, a ação ritual não é serviço ao deus, mas sim coação sobre o deus; a invocação não é uma oração, mas uma fórmula mágica. (1991, p. 292).

O mago ou o feiticeiro não se preocupa em aplacar a cólera dos deuses ou atrair para si seus favores – ele procura coagi-los. Dizer que o traço diferencial decisivo da magia é a coação divina é dizer que a atitude da magia em relação aos poderes divinos é manipulativa e instrumentalizadora, ao passo que a relação religiosa com o divino é de respeito, obediência e veneração (Pierucci, 2001, p. 85). A essência da magia é a dominação dos poderes supra-sensíveis, ao passo que a essência da religião é o abandono, a entrega de si, o obséquio, a submissão à sua soberana vontade. As religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islã – levam isso ao pé da letra. Não é à toa que, em árabe, a palavra *íshlam* quer dizer justamente “submissão” (Gaarder, 2000, p. 118).

A religião, noutras palavras, é o conjunto de práticas que nos permitem motivar os seres supra-sensíveis, dotados não apenas de poderes sobre-humanos, mas também de personalidade e vontade livre, enquanto a magia transforma os deuses em escravos do homem. Convoca-os e controla-os autoritariamente em função do objetivo visado pelo cliente pagante. Ela não ora nem suplica; submete-os ao poder da fórmula mágica (Pierucci, op.cit., p. 86).

Religião e magia diferem ainda quanto à garantia do efeito desejado. Na religião, o pedido feito em oração depende de a divindade aceitar ou não a solicitação ou a homenagem. Já no magismo, o efeito só depende de o agente seguir à risca o ritual e pronunciar corretamente a fórmula. Isso, aliás, é o mínimo que se pede de um bom profissional da magia. Todas as vezes, portanto, que, em vez de prostrar-se para suplicar um favor aos céus, o agente dito religioso exigir de um deus ou de um santo o efeito sobrenatural pretendido, podendo por isso prometer com segurança que o efeito buscado fatalmente se dará, estaremos diante de um

ato de magia, não de religião. Promessa de efeito garantido é promessa de feiticeiro. Essa forma autoritária de abordar os deuses e espíritos, sabendo-se fatídico o efeito da fórmula, será sempre magia, mesmo que ocorra como parte de um ritual reconhecidamente religioso (Ibid., p. 86).

No terceiro capítulo, no qual abordaremos a questão de magias populares ou milagres institucionalizados, trabalharemos com a hipótese da existência de uma tensão entre elas. Portanto, não só as definições como os depoimentos realizados nos darão por antecipação subsídios para desenvolvermos algumas análises que nos mostre a possibilidade de que mesmo com a existência de um sincretismo religioso, é possível uma harmonia social, pois todas essas diferenças estão sobre uma tolerância religiosa, uma tolerância religiosa popular e institucional.

1.2 O simbolismo religioso

Porque a religião liga humanos e divindades, porque organiza o espaço e o tempo, os seres humanos precisam garantir que a ligação e a organização se mantenham e sejam sempre propícias. Para isso são criados os ritos, que segundo a definição de Chauí (2002, p. 134-135):

É uma cerimônia em que gestos determinados, palavras determinadas, objetos determinados, pessoas determinadas e emoções determinadas adquirem o poder misterioso de presentificar o laço entre os humanos e a divindade. Para agradecer dons e benefícios, para suplicar novos dons e benefícios, para lembrar a bondade dos deuses ou para exorcizar sua cólera, caso os humanos tenham transgredido as leis sagradas, as cerimônias ritualísticas são de grande variedade. No entanto, uma vez fixada a simbologia de um ritual, sua eficácia dependerá da repetição minuciosa e perfeita do rito, tal como foi praticado na primeira vez, porque nela os próprios deuses orientaram gestos e palavras dos humanos. Um rito religioso é repetitivo em dois sentidos principais: a cerimônia deve repetir um acontecimento essencial da história sagrada (por exemplo, no cristianismo a eucaristia ou a comunhão que repete a Santa Ceia); e, em segundo lugar, atos, gestos, palavras, objetos devem ser

sempre os mesmos, porque foram, na primeira vez, consagrados pelo próprio Deus. O rito é a rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e que volta a acontecer, graças ao ritual que abole a distância entre o passado e o presente.

Uma interessante definição de religião nos é dada pelo sociólogo francês Willaime (1993) que define religião como “uma comunicação simbólica regular por meio de ritos e crenças se reportando a um carisma fundador e gerando uma cultura”. Se assim acreditarmos, então, é importante estudar as especificidades confessionais dessa comunicação simbólica e de reconstituir suas singularidades. Baseado nessa definição, para estudar o pentecostalismo, é necessário então estudar os símbolos sagrados que se reportam ao carisma fundador.

O universo religioso do pentecostalismo na Assembléia de Deus, baseado na doutrina do livre exame⁷, privilegia a Bíblia como símbolo mor para legitimar tanto a verdade religiosa como o seu modo de existência social. Willaime enfatiza o fato da religião ser geradora de uma cultura, mostrando que um sistema religioso não só cria grupos sociais (igrejas) como acredita Durkheim⁸, mas também define um universo mental, por meio do qual os indivíduos e as coletividades expressam e vivem uma certa concepção do homem e do mundo numa determinada sociedade.

Os símbolos revelam, segundo Eliade (2002) as mais secretas modalidades do ser. Compreendendo os símbolos, entendemos melhor o homem e a sua concepção de mundo. Considerando a religião como uma língua, observam-se duas tradições teóricas importantes: a “durkheimiana” e a “weberiana”. Os antropólogos que seguem a linha de pensamento de Durkheim tratam os sistemas mágico-religiosos como uma linguagem através da qual se fazem afirmativas sobre a estrutura social, legitimando seus princípios básicos e posições

⁷ Doutrina defendida por Martinho Lutero na Reforma Protestante.

⁸ “Uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem” (Durkheim, 1989, p. 79).

sociais relativas dentro dela, ou seja, que seus rituais e suas crenças têm uma função política além da função propriamente intelectual (Ribeiro, 2005, p. 17).

Se para Durkheim, a função da religião é dar uma visão explicativa da realidade, para Weber é sua função conservar a ordem social, constituindo nos termos de sua própria linguagem, a legitimação do poder dos dominantes e a domesticação dos dominados. Os especialistas da religião buscariam os meios de correlacionar o discurso mítico aos interesses em jogo, construindo sistemas de crenças segundo as estratégias do monopólio dos bens de religião destinados às diferentes classes sociais interessadas nos seus serviços. Ou seja, os mitos são correlacionados aos interesses de classe.

Na linha do pensamento Durkheimiano fica invalidada a proposição de Weber de que apenas as mensagens religiosas sistemáticas, próprias das religiões “superiores” são capazes de fornecer aos seus adeptos justificativas para as suas existências enquanto ocupantes de posições sociais diferenciadas. A falta de discursos religiosos sistemáticos na religião “prática” não quer dizer que inexistam um sistema relativamente coerente de idéias sobre a estrutura social tal como ela é percebida pelos agentes. A sua linguagem não é apenas verbalizada, ela também faz parte da ação ritual, que mantém uma importância crucial como meio de expressão de significados sociais. Essa linguagem é essencialmente simbólica (Ibid., p. 17).

Para Marcel Mauss a vida social é um mundo de relações simbólicas. Todo ato simbólico é um ato social em que o homem se identifica com as coisas e identifica as coisas com ele. Para Mauss, não basta descrever um mito ou um rito mágico, mas para compreendê-lo, é preciso analisar a organização social que os criou. Os fenômenos mágico-religiosos não podem ser simplesmente apreendidos a partir da forma que adquirem nas consciências individuais e as operações mentais da magia não podem se reduzir simplesmente ao raciocínio

analógico e a aplicações confusas do princípio da casualidade. É preciso descobrir qual a parte social que se manifesta no pensamento individual.

De acordo com Ribeiro (2005 apud Mauss, 1922, p.121) “quando as pessoas se juntam, quando conformam seus gestos a um ritual, suas idéias a um dogma, estão elas motivadas por intenções puramente individuais ou por intenções cuja presença em sua consciência só se explica pela presença da sociedade?”.

Através do uso de símbolos os agentes do discurso mágico-religioso estão se referindo a importantes noções abstratas, tais como solidariedade grupal, poder, autoridade, dependência, reciprocidade social, etc., para as quais podem não possuir termos precisos que facilitem a comunicação. Um objetivo pode ser um símbolo de algo mais que ele mesmo, assim, como animais, idéias abstratas, como a idéia de santo e determinadas ações sociais⁹. Metáforas e metonímias constituem os principais componentes dos códigos mágico-religiosos, estando ambas baseadas na relação de analogia, por similaridade ou por contigüidade, entre o símbolo e aquilo que este substitui e representa. Esse processo de substituição nunca é totalmente consciente, como os significados do símbolo também não o são. A sua percepção pelos agentes sociais é variável e relativa, variando de indivíduo e de contexto para contexto.

Por sua capacidade de conter significados discrepantes, os símbolos tendem a absorver “conflitos entre normas e impulsos, entre sociedade e indivíduo e entre grupos que são condensados e unificados numa única representação” (Turner, 1967). Os símbolos são testemunhas não apenas do “consenso” ou da “não diferenciação” das sociedades que surgem, mas, em outro nível, de suas contradições que são mascaradas na unidade aparente que os símbolos representam.

O misticismo de Lutero é inegável devido à importância que dava a experiência religiosa pessoal e a sua abordagem do sagrado, que almeja uma aproximação direta com

⁹ Veron (1970) demonstra que unidades de comportamento ou de ação podem também ser consideradas como linguagem, pois por meio de seus signos comunicam-se mensagens.

Deus, permitindo para isso que os fiéis usassem de meios didáticos como o de figuras nos vitrais, mas a intensa racionalidade dos reformadores seguintes obscureceu a lado místico da reforma, provocando a quebra.

Por outro lado, o protestantismo tem o seu início nas cidades, dentro de um processo de industrialização, sendo assim, uma religião urbana quanto a sua origem (Ribeiro, 2005, p. 20). “É nesse sentido que se pode afirmar que o protestantismo, na evolução religiosa do cristianismo, se constitui num processo tardio de espoliação do simbólico, apresentando-se como uma língua no sentido mais amplo que se possa entender” (Mendonça, 1984, p. 12).

A Assembléia de Deus tem uma origem mais ruralística, sendo assim, sua tradição é mais peculiar nas periferias, conservando mais a sua herança agrária, levando consigo mitos e ritos mais ou menos intactos, mesmo no trânsito rural/urbano. Para este autor, o fiel do campo mantém suas tradições santoriais, assim na cidade, mantém certo ponto a mesma relação com o sagrado, gerando grupos místicos que se formam isoladamente do corpo eclesiástico oficial.

Ao questionar os mitos e os ritos do cristianismo histórico, a reforma protestante acabou racionalizando também importantes mitos constitutivos. No dizer de Mendonça, “jogou fora o bebê juntamente com a água do banho”. A racionalização do protestantismo trouxe um efeito inesperado para os ideais de Lutero: ao invés de um acesso maior ao sagrado através da leitura da Bíblia, a racionalização dos símbolos criou um discurso elitista, reservado apenas aos detentores do conhecimento “secreto” das línguas originais, da exegese e da hermenêutica. O fiel torna-se novamente dependente da elite religiosa, através das explicações dos elementos constitutivos de sua crença, expostas no discurso religioso oficial.

Por tudo que foi dito, torna-se bastante claro que, ao simplificar as características dos sistemas religiosos, deixamos de entender os níveis complexos de adequação entre seus símbolos, sejam eles objetos, idéias ou ações, e aquilo que eles representam, falseando assim o consenso e a não diferenciação das mesmas. A “função” política do ritual de afirmar a

unidade e legitimar posições sociais e a “função” de comunicação e conhecimento de fazer o sistema social intelectualmente coerente para os membros da sociedade, não se negam mutuamente, eles são complementares (Ribeiro, 2005, p. 22).

Analisando estes conceitos, pretendemos tentar compreender a racionalidade e coerências relativas dos símbolos, categorias e rituais do pentecostalismo, em especial o da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus.

1.3 A religiosidade na esfera da razão

Fazendo uma reflexão sobre a pré-sacralização existente no imaginário das pessoas da Igreja Assembléia de Deus, concluímos que o exercício de nominar coisas e lugares conforme seus desejos e anseios não é novo, para isto nos remetemos aos colonizadores espanhóis e portugueses. Cada espaço conquistado da América ganhava imediatamente um nome, no qual representasse não só o direito da conquista, mas também a esperança que se depositava no local (Padovan, 2004, p. 45). Como diz Sérgio Buarque de Holanda: “Portos, cabos, enseadas, vilas, logo se batizam segundo calendário da igreja, e é um primeiro passo para batizar e domar toda terra. São designações comemorativas, como significar que a lembrança e o costume hão de prevalecer aqui sobre a esperança e a surpresa” (1996, p. 146).

A crença de uma realidade física do Édem se faz sentir nas viagens, nos depoimentos, nos registros e nos nomes. O caminho percorrido pelos portugueses ao chegarem no litoral paulista rumo ao interior exemplifica com clareza como o exercício de dar nomes era de fundamental importância para a fundação de cidades. Santos, São Vicente, São Bernardo, Santo André, São Caetano, São Paulo são nomes de cidades que surgiram de um processo de conquistas e sacralizações das terras. Poderíamos dizer que foi feito, nesse caso, um caminho

de canonização da terra, todas as cidades receberam nomes de santos. Por isso, após essa reflexão, arriscaríamos afirmar que da mesma maneira que as pessoas que fundaram a Igreja Assembléia de Deus, utilizaram-se de sua religiosidade como impulsionadora para as conquistas, também trouxeram em seu imaginário a necessidade de nominar o novo, e quando se nomina se batiza, se tem o domínio da terra (Padovan, 2004, p. 46).

Antes da manifestação da pré-sacralização, existe um outro fator que possibilita essa manifestação, a religiosidade. Mas o que definimos por religiosidade? É um termo amplo, portanto, é importante objetivá-lo para a análise a qual pretendemos desenvolver. Acreditamos que a religiosidade está presente no cotidiano das pessoas, independentemente da instituição em que está vinculado. Portanto, a religiosidade é algo que transcende as instituições religiosas, ela se manifesta o tempo todo no dia a dia das pessoas (Ibid, p. 46). E é com o apoio da obra de Immanuel Kant, filósofo alemão, nascido em 1724 na cidade de Königsberg, na Alemanha, que vamos tentar aprofundar o conceito de religiosidade. A religião dentro dos limites da simples razão será a obra Kantiana que fornecerá subsídios para a análise. É através do conceito de categorias a priori, fundamentado por Kant, que chegaremos a uma religiosidade universal, que sempre se manifesta ao contato com a realidade. Após esse primeiro contato as categorias a priori passam, inclusive, a antecipar a experiência, fato este que podemos reivindicar como a ato da pré-sacralização. Vamos começar definindo razão, categorias a priori, juízo sintético, para em seguida navegarmos no que conceitualizaremos de religiosidade (Kant, 1974, p. 23-24).

Para Kant a razão é uma estrutura, uma forma pura sem conteúdos. Essa estrutura é universal, e inata, é a mesma para todos os seres humanos. Por ser inata não depende da experiência e nem da idéia para existir. A razão é anterior à experiência e à idéia, portanto, a estrutura da razão está a priori. Essa estrutura da razão é formada por categorias a priori como: Deus, Mundo, Juízo (tempo, espaço), Ciência (lógica, matemática, física, geometria,

metafísica), Liberdade. E essas categorias só se manifestam quando em contato com a experiência.

Após esse primeiro contato as categorias a priori passam, inclusive, a antecipar a experiência, como já citado anteriormente. Fica claro que os conhecimentos surgem do contato das experiências com as categorias a priori, e desses conhecimentos teremos o que Kant classifica de juízos analíticos e juízos sintéticos. O primeiro é aquele em que o predicado não é senão a explicação do sujeito. Por exemplo: O quadrado é uma figura de quatro lados. Enquanto o segundo é aquele no qual o predicado acrescenta novos dados sobre o sujeito. Por exemplo: João Ubaldo é escritor. Um juízo, para ter valor científico e filosófico, deve preencher duas condições:

- Ser universal e necessário.
- Ser verdadeiro, isto é, corresponder à realidade que enuncia.

Nesse caso, o juízo analítico preenche essas duas condições, portanto, se torna um juízo a priori (Ibid., p.27). Já o juízo sintético, em um primeiro momento não, justamente porque se baseia em dados de experiências psicológicas e individuais, portanto, não é universal, necessário, nem corresponde à realidade. Ora, dessa análise nasce uma problemática. Um juízo analítico não nos traz conhecimento, pois simplesmente repete no predicado, o conteúdo do sujeito. Somente o juízo sintético é fonte de reconhecimento. Portanto, se quisermos realizar metafísica e ciência, temos que antes provar a possibilidade da existência de um juízo sintético universal, necessário e verdadeiro (Padovan, 2004, p. 47).

A busca dessa prova é fazer do juízo sintético uma categoria a priori, isto é, ele tem que estar antes da experiência, a manifestação do juízo sintético não pode depender da experiência. Mas quando o juízo sintético é a priori? Quando deriva de duas categorias a priori, a sensibilidade (mundo) e o entendimento (ciência). Mas como fica a realização da metafísica? Já que esta não deriva sua existência da sensibilidade (mundo) e do entendimento

(ciência), e é justamente nela que se encontra a questão da religiosidade (Kant, 1974, p. 29). Pra avançarmos, distinguiremos duas modalidades de realidade: a realidade que nos oferece a experiência e a realidade que não nos oferece a experiência. A primeira é a realidade que surge da relação das categorias a priori com a experiência, enquanto a segunda é aquela que não tem relação com a sensibilidade e com o entendimento, mas é afirmada pela razão, é a coisa em si ou o objeto da metafísica, que é dado para um pensamento puro, sem relação com a experiência, e nessa que encontramos a gênese da religiosidade.

A metafísica estuda as condições universais criadas pelos sujeitos transcendentais, como liberdade, moral e ética (Padovan, op.cit., p. 48). A metafísica é o conhecimento do conhecimento humano e da experiência humana, ela não deve se preocupar com o ser enquanto ser, nem com Deus, e alma, nem com o infinito, mas com o sujeito do conhecimento (sujeito transcendental) estabelece suas relações morais, éticas e de liberdade possibilitando sua existência num mundo objetivo. Conforme citado, a liberdade é uma categoria a priori, e é a partir dela que a moral e a ética se tornam objetos de estudos da metafísica (Kant, op.cit., p. 30).

O ser humano não nasce nem bom nem mau, pois é livre a priori, porém, a liberdade ao se manifestar através da experiência não tem limites, e muitas das vezes que essa liberdade busca sua manifestação plena, os contatos com experiências da natureza e da moral colocarão limites. A liberdade a priori do ser humano é autônoma, mas essa autonomia é ultrapassada quando se tem o contato com a experiência. Desses limites nascerá a tendência para o mal, a tendência de burlar os limites naturais e a moral estabelecida. Por exemplo: Uma criança ao ser colocada para o mundo não tem limites e os limites necessariamente serão colocados pela moral social. A tentativa dessa criança de desobedecer essa moral ou em qualquer outro momento da vida em que ela tentar romper com a moral estabelecida, será para Kant a manifestação do mal radical (Ibid, p. 48) .

O mal radical é empírico, está em todas as pessoas e nas suas relações sociais, portanto, o mal radical é universal. A moral vive em uma tensão permanente com a tendência do mal. Dessa tensão surge um desafio para a moral: criar máximas (princípios, leis) para possibilitar a convivência entre os seres humanos. É o indivíduo abdicar de sua liberdade plena (autônoma) em prol de uma liberdade vigiada. Em um dos pilares da construção dessa moral é a religiosidade (Padovan, 2004, p. 49).

Transportando esse conceito de religiosidade para o nosso objeto de pesquisa, analisamos que com o crescimento da região de São Mateus, mesmo com a chegada das instituições religiosas, neste caso, Assembléia de Deus que vão abarcando as pessoas debaixo de sua doutrina, os indivíduos quando chegam à igreja, geralmente já trazem consigo uma esperança de vida nova. Verificamos então, a presença do sujeito transcendental nos entrevistados que nos deixam transparecer a necessidade de se estabelecer de maneira objetiva nesse mundo, mas isso só foi e é possível devido à fé, a religiosidade que sempre esteve presente, mesmo quando, em determinados momentos de transição, de mudanças se viram órfãos de instituições religiosas. Todas as pessoas atribuem a Deus o fato de chegar a esta igreja, pois, expressões como graças a Deus, nunca aparecem vinculadas a nenhuma instituição religiosa a que dizem pertencer, antes de chegarem a Assembléia de Deus.

CAPÍTULO II

Panorama histórico das Assembléias de Deus no Brasil

1. Origem do pentecostalismo

Este capítulo tem como objetivo dar um panorama histórico sobre a Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil. Para isso, faremos uma busca sobre a história da denominação no Brasil, que conseqüentemente nos ajudará na compreensão de como surgiu a igreja em São Mateus que é nosso principal objeto de interesse.

O propósito desse resgate não é estabelecer nenhum tipo de juízo de valor ou de analisar teologicamente o movimento pentecostal brasileiro. A intenção é apresentar a importância do movimento pentecostal no processo de nacionalização do protestantismo no Brasil, pois, se é possível dizer que a igreja evangélica no Brasil é nacional, isso se deve em grande parte não à obra missionária estrangeira, mas ao pentecostalismo, que ajuda a forjar um protestantismo tupiniquim. Segundo Freston:

O pentecostalismo estava apenas na sua infância, quando chegou ao Brasil um fator importante para sua autoctonia. Sem grandes recursos ou denominações estabelecidas, e mais interessado numa última arrancada evangelística antes do fim que na criação institucional, o movimento não estabeleceu as relações de dependência que caracterizavam as missões históricas.¹⁰

¹⁰ C.f.PEREIRA, J. Reis. Breve História dos Batistas.Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.2ªed, p. 87.

Pelo fato do pentecostalismo ser de suma importância para o crescimento da Assembléia de Deus aqui no Brasil, façamos uma abordagem da sua origem que segundo historiadores são unânimes em mencionar que o movimento pentecostal surgiu em Topeka, Kansas (EUA). “O pregador Charles Parhan começou, em 1900, uma escola bíblica denominada Betel. Parhan reuniu cerca de nove alunos para que estudassem juntos e sem o auxílio de nenhum livro além da Bíblia, o tema do batismo com (ou no ou do) Espírito Santo” (Romeiro, 2005, p. 31).

Esse grupo que tinha a liderança de Parhan buscava evidências ou prova bíblica para o batismo com Espírito Santo e o seu sinal físico atestador: o falar em línguas.

Chegaram, então, à conclusão de que a única certeza e sinal escriturístico para o batismo com o Espírito Santo era o falar em línguas. No dia 1º de Janeiro de 1901, um moço estudante estava orando durante à noite, quando experimentou de repente a paz e a alegria de Cristo, começando a louvar a Deus em línguas. Dentro de alguns dias, toda a comunidade recebeu o batismo com o Espírito Santo e dessa maneira surgiu o moderno movimento pentecostal. Essa experiência, acompanhada por poderosos ministérios de conversões, curas, profecias, etc., se espalhou pelo Texas e (em 1906) alcançou Los Angeles, onde cresceu substancialmente, passando para Chicago, Nova York, Londres e Escandinávia em meados de 1915 (Kevin e Dorothy Ranaghan, 1972, p. 319).

Parhan foi, durante alguns anos, pastor metodista, todavia sua inserção nessa denominação religiosa durou apenas cinco anos e ele abandonou a Igreja Metodista por causa de sua crença pessoal na cura divina. É possível que a crença de Parhan na cura divina tenha se consolidado devido a diversas moléstias que atribularam a sua vida, das quais ele teria sido curado graças a uma intervenção divina (Revista Usp, 2005, p. 109).

Entretanto, uma característica do nascente movimento era o seu adventismo, a expectativa da volta iminente de Cristo. A glossolalia era simples confirmação da iminência do fim. Dentro de poucos anos, no entanto, com a não-concretização do advento, a glossolalia assumiu a centralidade na teologia pentecostal (Freston, 1994, p.75).

A rua Azusa, 312, em Los Angeles, Califórnia, em 1906, local considerado como berço do pentecostalismo tendo como líder principal um aluno de Parhan, filho de ex-escravo, chamado Willian Seymour o “apóstolo negro” (Forbers J. 1983, p. 12). Seymour era membro da Igreja Metodista Episcopal, uma congregação negra. Algum tempo depois, Seymour se mudou para Houston, depois de ter passado por Cincinnati entre 1902-1903, ali ele se uniu aos holiness¹¹, freqüentando uma igreja pastoreada por uma mulher, que logo em seguida deixou Seymour como seu sucessor e foi trabalhar na casa de Charles Parhan como governanta. Quando, em dezembro de 1905, Parhan transferiu a sua escola bíblica para Houston, onde Seymour assistiu às aulas, assentado em uma cadeira colocada para ele no corredor, por causa do racismo de Parhan. Data daí a sua ligação com as teorias e práticas pentecostais divulgadas por Parhan (Revista Usp, 2005, p. 113). De acordo com Freston (1994 Apud Anderson, 1979, p. 61). “O que havia sido, com Parhan, um movimento relativamente pequeno e localizado, assumiria proporções internacionais através do ministério em Los Angeles de um negro obscuro”.

Em 1906, Seymour foi convidado a pregar em Los Angeles por uma pastora de uma igreja negra holiness. Lá o “batismo com o Espírito Santo” com línguas fez sucesso, e Seymour alugou um velho armazém na Azusa Street para sua “Missão de Fé apostólica” (Freston, 1994, p. 74).

Apesar desse registro localizável, há diversos relatos segundo os quais o mesmo fenômeno acontecera simultaneamente em outros lugares, sem nenhuma conexão uns com os outros. A referência que se faz à Rua Azusa ganha destaque muito mais porque remanescentes dali se espalharam pelo mundo¹², ainda que sem todos os princípios doutrinários, porém unidos com o que pareceu mais “notável”, que foi a questão da glossolalia.

¹¹ Movimento de santidade.

¹² W.G. Hoover, o missionário metodista que inicia o pentecostalismo no Chile conhece o movimento através da mesma fonte que os missionários suecos e italianos que vêm para o Brasil, bem como diversos outros movimentos pentecostais no mundo (Conde, 1960, p. 160).

Em diversos momentos históricos da igreja podem-se encontrar fenômenos parecidos com os da Rua Azusa: profecias, visões, línguas. Além destas especificidades uma “postura pentecostal” pode ser identificada em outros movimentos. Se considerarmos, mesmo que estereotipadamente, como “postura pentecostal” a ênfase na espiritualidade e um pretensão retorno ideal aos Atos dos Apóstolos, dá para apontar para o movimento de santidade do Metodismo, os avivamentos do século XVIII, o pietismo, etc. Dada a fragmentação denominacional (Niebuhr, 1992) decorrente da Reforma protestante, há sempre grupos insurgentes contra a “frieza da liturgia”, o “desvio da igreja”, a “adesão ao Estado”, o “abandono da espiritualidade”, na procura de, segundo eles, “resgatar” o que seria o verdadeiro cristianismo.

Este discurso de retorno às origens é bem típico do protestantismo, ou uma variante da “Igreja reformada sempre se reformando”. Todas, aliás, justificam suas origens e quem sabe é uma forma de encobrir o problemático surgimento de cada uma denominação (Niebuhr, 1992) como um retorno à “verdade bíblica”, daí ser bem natural o “retorno ao Atos dos Apóstolos¹³” que o movimento pentecostal (neste momento a Assembléia de Deus, especificamente) tanto advoga (Alencar, 2000, p. 30).

1.1 A Propagação da Mensagem

A notícia desses acontecimentos foi anunciada em muitas cidades norte-americanas, tanto que na cidade de South Bend, no Estado de Indiana, “morava um pastor batista que se chamava Gunnar Vingren, que foi a Chicago para assistir uma conferência pentecostal, onde, conforme seu próprio testemunho, recebeu o Espírito Santo e o dom de línguas. (Vingren, 1973, p. 19)”.

¹³ É no livro de Atos dos Apóstolos (Cap. 2) que acontece o fenômeno do Pentecoste na Igreja nascente.

Segundo Vingren, “pouco tempo depois, Gunnar Vingren participou de uma convenção de igrejas batistas, em Chicago. Essas igrejas aceitaram o Movimento Pentecostal. Ali ele conheceu outro jovem sueco que se chamava Daniel Berg. Esse jovem também fora batizado com o Espírito Santo (Ibid., p.20)”. Após uma ampla troca de informações, experiências e idéias, Daniel Berg e Gunnar Vingren descobriram que Deus os estavam guiando numa mesma direção, isto é, levar a mensagem do Evangelho a terras distantes, e após uma reunião de oração decidiram pregar às bênçãos do Avivamento Pentecostal no Brasil, especificamente em Belém do Pará (Caldas, 2001, p. 25).

Berg era do sudoeste da Suécia, filho de um líder batista, teve influência pentecostal através de um amigo de infância chamado Lewi Pethrus, líder do movimento pentecostal sueco. Em 1910 Pethrus assumiu o pastorado de uma igreja batista em Estocolmo, a qual foi excluída da denominação em 1913. A partir de 1914 outros suecos começaram a chegar para colaborar com Vingren e Berg. Entre 1915 e 1917, a Missão Sueca Livre foi oficialmente organizada por Pethrus. Essa organização foi fundamental para que sua igreja assumisse uma ação missionária independente no Brasil, enviando outros missionários (Freston, 1994, p. 81).

1.2 Daniel Berg

Daniel Berg e Gunnar Vingren são dois imigrantes suecos afetados pela “febre das Américas” (Berg, 1995, p. 45; Vingren, 1973, p. 17), “em que milhares de europeus pobres vão à busca de riqueza na” terra prometida “; e, se não conseguem ficar ricos, tornam-se amigos e têm suas vidas interligadas e, as mesmas, ao Brasil” (Alencar, 2000, p. 50).

Daniel Berg nasceu em 19 de abril de 1884 em Vargön, Suécia. De família batista muito pobre, segundo relata sua biografia, sofre na infância a marginalização de ser “pagão”

(só se batizou aos 15 anos) numa sociedade que batizava as crianças e, em que, a Igreja Luterana, estatal, controlava escolas, igrejas¹⁴.

Aos 18 anos vai para a Inglaterra e de lá para os EUA. Chega no Brasil em 1910 com 26 anos, onde vive por 52 anos, vindo a falecer em 1963, na Suécia. Operário de fundição, apenas alfabetizado, no Brasil nunca assumiu qualquer igreja, cargo ou exerceu qualquer outra influência¹⁵, chega a admitir que pretendia “servir ao Senhor no futuro com sua força física” (Berg, op.cit., p. 16). No Brasil, trabalhou na Companhia Port of Pará, para sustentar seu amigo enquanto aquele estudava português.

Daniel Berg nunca assumiu a presidência da Convenção ou de uma igreja, muitos pastores atribuíam essa falta de liderança devido a sua grande humildade; era apenas um evangelista, vivia nas ruas e nos trens distribuindo literatura; era um analfabeto, nunca aprendeu a falar português! Enfim, este homem que é fundador da Assembléia de Deus, viveu no ostracismo. Não há nenhum registro de ter recebido alguma consagração como pastor. Seu nome desaparece dos jornais da denominação, e há apenas dois artigos assinados por ele. Já no final da vida, foi homenageado no Cinqüentenário da Igreja. A partir de década de 60, quando a Assembléia de Deus lança sua 1ª história e é uma denominação nacional querendo afirmação institucional, há todo um discurso elogioso sobre “dois heróis suecos” - talvez uma compensação pelos anos de esquecimento (Alencar, 2000, p. 51).

Berg trabalha algum tempo em Portugal¹⁶ e nos Estados do Espírito Santo e São Paulo, mas, oficialmente, não assume nenhuma igreja. Os novos missionários suecos que vão

¹⁴ “Fixou os olhos na moradia do pastor luterano. Lá estava o suntuoso edifício, com todo o seu esplendor. Representando ele o símbolo do poder local, que tomava conta tanto das questões espirituais como das do mundo, todos os moradores da vila faziam-lhe reverências. Daniel não mais sentiu-se estar entre aqueles que, sem refletir, aceitavam a linguagem do poder. Ele sabia da forte posição que tinha a igreja do Estado. E o pastor, como seu funcionário, tinha (..) de transmitir suas ordenanças para povo pobre.” (Berg, 1995, p. 45).

¹⁵ Por isso é estranho o título do 8º capítulo do livro de Hollengewer (1976) sobre a Assembléia de Deus no Brasil: “Um operário funda a maior igreja na América Latina – Daniel Berg e as Assembléias de Deus no Brasil”. A única explicação para isto que em seu período de pesquisa no Brasil (início da década de sessenta) Berg ainda vivo, e já esteja vivendo a “glorificação”. O autor “comprou” esta visão da forma como a igreja lhe passou sem nenhuma suspeita.

¹⁶ Período, aliás, sobre o qual a história da Assembléia de Deus em Portugal nada registra.

chegando passam a pastorear às igrejas já iniciadas, e ele é preterido. “Nos seus últimos anos no Brasil viveu em grande pobreza, algo que não seria novidade em se tratando de um pastor assembleiano no sertão nordestino. Mas Berg, pioneiro fundador da igreja, vivendo em São Paulo, quando a Assembléia de Deus já era grande e rica, é de se perguntar por quê?” (Ibid., 2000, p.51).

1.3 Gunnar Vingren

Ao contrário de Berg, Vingren era líder com formação teológica no Seminário Teológico Batista Sueco de Chicago (1909), nasceu em 8 agosto de 1879, em Ostra Husby, na Suécia. Era cinco anos mais velho que Berg. Em 1903, já com 24 anos, vai para os EUA e, depois de formado, inicia seu ministério pastoral junto à Primeira Igreja Batista de Chicago. Viveu vinte e dois anos no Brasil (1910-32), e além do pastorado na Igreja-mãe em Belém, também pastoreou a Igreja do Rio (capital federal, na época) por nove anos, vindo a falecer em 29 de junho de 1933, na Suécia (Alencar, op.cit., p. 52).

Um homem doente¹⁷, sendo sua doença provavelmente o resultado da mudança de clima da Suécia para Belém. “Não teve oportunidade de ver o resultado de seu trabalho e, provavelmente, em seus últimos dias tenha estado bem desiludido pelos rumos que a denominação que ele fundara estavam tomando. Escreveu 25 diários durante os vinte anos em que viveu no Brasil, mas foi publicado apenas um livro baseado neles” (Vingren, 1973, p. 8).

Retornou três vezes (1917, 1920 e 1930) à Suécia, passando pelos EUA. Parece que seu desejo era manter a igreja brasileira ligada à Igreja Filadélfia de Estocolmo. Foi ele quem

¹⁷ Ruth Carlson (entrevista 07/02/00, Olinda-PE) quando menina viveu na casa do Gunnar Vingren, diz que ele teve diversas malárias e sofria de botulismo. Segundo os relatos históricos, vivia em “constantes crises oriundas de suas enfermidades” (H.Belém, 1986, p. 9).

trouxe o Pr. Lewis Pethrus para “resolver a questão”, na Convenção de 30 (Anexo 1.2). Mas, possivelmente, todos os problemas existentes foram somatizados. Interessante, porém, seu silêncio sobre educação teológica apesar de formado num seminário, pois, em seus textos para os jornais nunca se pronunciou contra ou a favor - quando outros suecos escreviam contra. Segundo a análise de Alencar (2000, p. 52): “Se o Pr. Gunnar Vingren tivesse vivido mais tempo, e mantido sua liderança, esta igreja seria outra? Melhor ou pior não dá para saber, mas talvez tivesse tomado outro rumo”.

Os “dois apóstolos” desapareceram cedo, os demais suecos que continuaram a missão não tiveram carisma suficiente para impor um modelo, e os “caciques” nordestinos “tomaram o poder” e imprimiram seu estilo. Um bom exemplo disto é o livro “Despertamento Apostólico no Brasil”, publicado em 1934 na Suécia, que chega ao Brasil 53 anos depois.

Atualmente, após décadas da morte dos missionários, os suecos são elevados à categoria de “líderes ideais”, ou usando à expressão weberiana com “capacidade extracotidiana”; no entanto, durante suas atividades no Brasil eles são contestados diversas vezes. Evidentemente não há um só registro disso nos três livros da história oficial, mas nas Atas das Convenções, sim. Mesmo sendo um primor de dissimulação, há um momento em que a pergunta feita na Convenção de São Paulo, em 1947, é: qual a superioridade dos missionários em relação aos pastores?

O assunto foi discutido em diversas sessões. A que conclusão chegaram? Mudaram a pergunta: o que se deveria discutir não era a superioridade do missionário em relação ao pastor, mas a diferença entre um ministério e outro. Diferença, aliás, que se na teoria não havia, isso era desmentido na prática. Talvez esse, aliás, tenha sido o maior problema da Assembléia de Deus no Brasil em seus primeiros anos¹⁸ (Alencar, 2000, p. 53).

¹⁸ A Carta de Convocação da Convenção de 30 é uma prova evidente da contestação, desde essa época, que a liderança sueca começa a sofrer.

Dentro dessa construção ideal dos missionários, a capacidade altruísta deles é a mais falada. Constrói-se a Suécia como o melhor dos mundos e o Brasil, o pior. Saíram de um país rico, desenvolvido e vêm para uma Belém atrasada, cheia de doenças; lá tem boa alimentação, bom clima; aqui, muitas enfermidades, pobreza, calor, e ainda por cima, perseguição religiosa. Evidentemente, esta percepção historiográfica assembleiana se dá visando realçar o caráter dos missionários, mas Belém do Pará não é o inferno tanto quanto a Suécia não é o paraíso (Ibid., p. 53). “A Suécia da época não era a próspera sociedade de bem-estar em que se transformou posteriormente. Era um país estagnado com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte de sua população” (Freston, 1994, p. 76).

Um testemunho insuspeito sobre isso é de Frida Vingren, que chega a Belém em 1917.

Cheguei ao alvo de minha viagem. No dia 3 de julho à noite entramos no porto de Belém (...) A cidade parece grande e imponente. É bastante bonita com suas torres e casas altas. No dia seguinte de manhã tudo era sol e verão outra vez. As margens do rio são lindas, com duas pequenas ilhas lá fora. As praias tão lindas eram baixas, um pouco monótonas e atrás estava a densa mata (Vingren, 1973, p. 85).

E se Belém e seus arredores são um “mundo romântico, imensas selvas com grandes orquídeas e cipós por todos os lados”, a descrição que Vingren faz do Rio de Janeiro em sua primeira viagem é mais favorável ainda:

Aqui não faz calor nem frio, um clima agradável. A entrada do porto é maravilhosa a cidade também e muito linda. Parece com os Estados Unidos, há fartura e muito luxo também (...) Caminhei bastante naquele trânsito terrível e no meio de tudo senti o poder de Deus (Vingren, 1987, p. 87).

1.4 A dissidência e o cisma

No Brasil, foram recebidos por uma Igreja Batista, cujo pastor era Raimundo Nobre, onde foram acolhidos e passaram a residir nas dependências da igreja (Conde, 2005, p. 26). Como os missionários tinham dificuldades com a língua, primeiro foram aprender o português para posteriormente começarem a “disseminar a doutrina pentecostal, principalmente o batismo no Espírito Santo com o falar em línguas” (Romeiro, 2005, p. 38). Entretanto os jovens missionários tinham uma prática de oração incessante, e esses comportamentos começaram a chamar a atenção de alguns membros da igreja, que passaram a censurá-los, considerando-os fanáticos por dedicarem tanto tempo na oração e pregarem o batismo com o Espírito Santo (Reily, 2003, p.371).

A pregação de Vingren e Berg encontrou receptividade por parte de alguns e resistência por parte de outros, “e como resultado daquelas orações, alguns membros daquela igreja Batista creram nas verdades completas do evangelho que os missionários anunciavam” (Conde, op.cit., p. 30).

Podemos caracterizar a aceitação da nova doutrina por parte de alguns membros através do documento a versão de Vingren que diz:

Mais ou menos seis meses depois da nossa chegada, os diáconos da Igreja Batista me disseram: “Irmão Vingren, na próxima terça feira o irmão dirigirá o culto de oração!”

Eu entendi o seu pedido e li alguns versos no Novo Testamento sobre o Espírito Santo e disse algumas palavras. Isto foi em maio de 1911. Os diáconos tinham as suas Bíblias abertas para conferir se eu estava lendo certo. Parece que ficaram satisfeitos com o que eu disse.

Durante aquela semana tivemos culto de oração cada noite na casa de uma irmã, que tinha uma enfermidade incurável nos lábios e nós sentíamos tristeza, porque ela não podia assistir aos cultos na igreja. O primeiro que fiz foi perguntar se ela cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos então para que ela deixasse, desde aquele instante, todos os remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o Senhor Jesus a curou completamente. Nos cultos de oração, que se seguiram, ela começou a pedir e a orar pelo Batismo com o Espírito Santo. Na quinta-feira, depois do culto, ela continuou orando em sua casa. O seu nome era Celina Albuquerque. Ela continuou, pois, orando em sua casa juntamente com outra irmã. E

à uma hora da madrugada esta irmã Celina começou a falar em novas línguas e continuou falando durante duas horas. Foi, portanto, a primeira operação de Batismo com o Espírito Santo feito pelo Senhor Jesus em terra brasileira.

No dia seguinte à outra irmã, que presenciara tudo, foi e contou tudo o que vira aos outros membros da Igreja Batista. O seu nome era Nazareth. Na sexta-feira, depois de terminado o culto na igreja, veio à irmã Nazareth juntamente com outras irmãs para o nosso culto de oração. Aí mesmo Jesus batizou a irmã Nazareth com o Espírito Santo e ela também cantou um hino no Espírito.

Todos os demais que tinham vindo da Igreja Batista creram então que isto era uma obra de Deus, todos menos dois, o evangelista e a mulher de um diácono. O evangelista, que não quis crer, ficou muito orgulhoso e caiu debaixo do juízo do Diabo. Já no domingo seguinte notamos que ele havia sido tomado por um poder estranho e isto se notava mais ainda quando ele falava. Não era de admirar-se, pois ele era tão jovem e tinha tão pouca experiência.

Na terça-feira seguinte, ele convocou os membros da Igreja para um culto extraordinário e não permitiu nem que o pastor falasse. Ele somente disse:

“Todos os que estão de acordo com a nova seita levantem-se”. Dezoito irmãos se levantaram e foram imediatamente cortados da comunhão da igreja. O pastor da igreja, que era um homem verdadeiramente crente e muito sereno, orou então a Deus no seu coração e pediu a palavra. Abriu depois a sua bíblia e encontrou o verso que diz: “Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos diz o Senhor, e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vos Pai e vós sereis para mim filhas e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso”.

Estes dezoito irmãos saíram então da Igreja Batista para nunca mais voltar outra vez. Isto aconteceu no dia 13 de junho de 1911 (Reily, 2003, p. 370).

Que igreja protestante não nasceu cismática? Divisionismo, aliás, reside no cerne do protestantismo (Niebuhr, 1992). O movimento pentecostal brasileiro se inicia a partir de dissidências. Mesmo que nenhum dos imigrantes pentecostais tenha vindo para fundar igrejas, Luigi Francescon chega ao Brasil como membro da Igreja Presbiteriana em Chicago e Daniel Berg e Gunnar Vingren da Batista. No Brasil, em ambas as igrejas, a novidade da mensagem pentecostal foi rejeitada, e, os missionários, “convidados” a sair, resultando assim, no surgimento de novas igrejas. “Neste caso o pentecostalismo repete, como em outros países, o caráter cismático do protestantismo. Afinal que Igreja Protestante não tem um cisma em sua origem¹⁹?” (Alencar, 2000, p. 55).

É interessante como as versões dos historiadores²⁰ das duas denominações – Assembléia de Deus e Batista - coincidem no fundamental, mesmo que as visões sejam distintas: os missionários suecos chegam ao Brasil, e não tendo onde morar são acolhidos no

¹⁹ Sem muito esforço é fácil identificar isto em todas as igrejas protestantes no Brasil. Ex: Igreja Presbiteriana do Brasil, Independente, Unida.

²⁰ Hollenweger (1976, p.129) chama atenção para estes relatos paralelos, inclusive, o tom irônico do Mesquita.

porão da Igreja, o pastor batista viaja e deixa sua igreja na confiança dos dois. Eles começam a realizar reuniões de oração pentecostal e, confrontados pelo evangelista que está substituindo o pastor, são excluídos (Alencar, 2000, p. 55).

Tabela 1: Versão assembleiana e batista da divisão.

VERSÃO ASSEMBLEIANA	VERSÃO BATISTA
<p>“Daniel Berg e Gunnar Vingren até aquele momento estavam ligados à igreja batista na América (as igrejas que aceitavam o Avivamento permaneciam com o mesmo nome”) (Conde, 1960, p. 19).</p>	<p>“Em abril de 1911 desembarcaram em Belém dois missionários suecos (...) que se intitularam batistas... Dirigiram-se imediatamente a Nelson, seu conterrâneo, sendo acolhidos por ele” (Mesquita, 1940, p. 136).</p>
<p>“Raimundo Nobre (evangelista), apoderou-se do púlpito e atacou os partidários do Movimento Pentecostal. O grupo atacado começou a murmurar (...). Nesse momento o dirigente ilegal, dessa sessão ilegal, propôs que ficassem de pé todos aqueles que aceitavam a doutrina do Espírito Santo. A maioria ficou de pé. Imediatamente Raimundo Nobre propôs à minoria que excluísse a maioria, o que era ilegal também” (Conde, 1960, p. 25).</p>	<p>“O evangelista (...) convocou uma reunião da congregação, declarou que os pentecostais, que já eram maioria, estavam fora da ordem e, apoiado pela minoria²¹ que permanecera batista, excomungou os que tinham falseado a sua doutrina. (...) Desta forma a comunidade foi dizimada... Tal foi o começo do movimento pentecostal no Brasil” (Mesquita, 1940, p. 137).</p>

A mensagem pentecostal verdadeiramente foi o estopim para o cisma, obrigando os novos ideólogos dessa doutrina a se retirarem da Igreja e formarem outra segundo os novos pressupostos aprendidos. Podemos encontrar o registro dos nomes das pessoas que foram excluídas daquela Igreja Batista por haverem recebido a fé apostólica do batismo com o Espírito Santo. São eles:

²¹ Conde reclama disto em que a “minoria exclui a maioria” como se este princípio de democracia congregacional fosse válido na Assembléia de Deus.

Celina e seu marido Henrique de Albuquerque; Maria Nazaré; José Plácido; Piedade e Prazeres da Costa, estas, respectivamente esposa e filha daquele; Manoel Maria Rodrigues e esposa, Jerusa Rodrigues; Emília Dias Rodrigues; Manoel Dias Rodrigues; João Domingues; Joaquim Silva; Benvindo Silva, Teresa Silva de Jesus e Isabel Silva, respectivamente esposa e filhos; José Batista de Carvalho e esposa, Maria José de Carvalho; Antônio Mendes Garcia. Dessa lista, 17 eram membros, e outros, menores de idade (Conde, 2005, p.32).

As biografias dos suecos também confirmam estes fatos, só há um dado conflituoso em todos os relatos: o número de excluídos. A 1ª história (Conde, 1960, p. 26) registra 17; Berg, 18 (1995, p. 97); Vingren 18(1973, p. 33); 2ª história (Almeida,1982, p. 27) 19; 3ª história (Oliveira, 1998, p.51), 19. Em todos os livros (à exceção de Mesquita), há listas dos nomes, as quais não combinam com o número informado. Conde registra 17 excluídos, mas relaciona 20 nomes. A explicação provável está no próprio Conde quando diz que “dessa lista, 17 eram membros e outros menores” (Conde, 2005, p. 32).

1.5 A oficialização da instituição Assembléia de Deus

Em 1911, Daniel Berg e Gunnar Vingren fundaram em Belém do Pará a Igreja Missão da Fé Apostólica, juntamente com os que deixaram a igreja Batista (Revista Usp, 2005, p. 108). Entretanto, o ano de 1918 foi de suma importância para a continuação do movimento pentecostal no grande país. “O trabalho já contava com alguns anos. Agora chegou o tempo de registrar a igreja oficialmente, para que fosse pessoa jurídica. Isto aconteceu no dia 11 de janeiro de 1918, quando a igreja foi registrada oficialmente com o nome de Assembléia de Deus” (Vingren, 1973, p. 91).

A adoção do nome Assembléia de Deus permanece uma incógnita. O grupo expulso da Igreja Batista adota o de Missão da Fé Apostólica e, esta igreja em seus primeiros sete anos, não tem nenhuma definição institucional - apenas cresce assustadoramente. Em novembro de 1917, o Jornal Voz da Verdade publica a seguinte notícia:

Os nossos irmãos Samuel Nystron e Daniel Berg em uma viagem evangelística que fizeram em seis igrejas da fé apostólica, no interior deste Estado, batizaram 90 pessoas. A Assembléia de Deus em São Luiz (Pará) tem crescido tanto que o vasto salão da Casa de Oração se tornou pequeno para acomodar os irmãos que ali se reúnem, O pastor Gunnar Vingren batizou, no batistério da Assembléia de Deus nesta cidade (Belém) 12 pessoas (...). O nosso irmão (...) um missionário da fé apostólica (Assembléia de Deus).

Este jornal que se diz “devotado a propagar a Fé Apostólica” registra o nome “fé apostólica” com letra minúscula e “Assembléia de Deus” com maiúscula. Fica implícito que os dois nomes são usados alternadamente para a mesma igreja. E conseqüentemente, já havia uma propensão ao nome Assembléia de Deus, pois no relato que Frida Vingren faz de sua chegada ao Brasil, em 14 de julho de 1917, ela fala que havia uma placa de “Assembléia de Deus” no templo (Vingren, 1973, p. 87).

Abraão de Almeida, 2ª história, (1982, p. 27) no relato da expulsão dos batistas diz:

Estes irmãos (segundo sua lista, 19) resolveram organizar-se em igreja no dia 18 de junho de 1911... inicialmente chamada de Missão da Fé Apostólica... No dia 11 de janeiro de 1918, foi registrada oficialmente como Assembléia de Deus, primeira igreja do mundo a adotar este nome. Não era uma igreja filiada a alguma missão estrangeira, mas era genuinamente brasileira (grifo nosso).

Esta 2ª história, como já foi dito, é o livro do Conde, a 1ª história, copidescado por um grupo da CPAD, comete o erro de dizer que foi a primeira Igreja do mundo a usar o nome, quando a Assembléia de Deus já se oficializara nos EUA em 1914, na Guatemala em 1916 e no México em 1917²². O livro História da Assembléia de Deus em Belém (1986, p. 14) dá uma boa pista para a questão do nome:

Quanto à denominação Assembléia de Deus, o pioneiro Manoel Rodrigues lembrava, em fim dos anos setentas, sobre a primeira vez que se ventilou o assunto.

²² Cf. Walker (1990, p. 17 e 119).

Um grupo de irmãos saía da congregação Vila Coroa e se encontrava na parada do bonde de Bernal do Couto. Vingren indagou a respeito da questão e informou que nos Estados Unidos haviam adotado o nome Assembléia de Deus ou Igreja Pentecostal²³. Houve unanimidade em torno do primeiro nome. Em 11 de janeiro de 1918, o título Assembléia de Deus foi oficialmente registrado.

Se assim aconteceu, mostra bem o caráter ainda não institucional desta igreja: numa reunião informal, em um ponto de bonde, se decide o novo nome da igreja!

O certo é que, se em 1917 já havia uma placa com o nome Assembléia de Deus, em 1913 o nome ainda era Missão da Fé Apostólica, segundo o relato do diário de Vingren (1973, p. 55):

Naquele tempo (1913) se escreviam muitos artigos contra os crentes. Havia também jornais que defendiam os crentes e as ondas de discussão iam bem altas. Até que um dia veio um redator de um jornal de Belém verificar o assunto. Para alegria dos crentes, o redator desse diário defendeu-os contra os que os criticavam. Entre outras coisas escreveu esse redator que os que pertencem a esta “Missão da fé apostólica” (era o nome da igreja naquele tempo) só permitem manifestações do Espírito Santo (grifo nosso).

Em 1911 inicia-se a Missão da Fé Apostólica e somente em 1918 o nome Assembléia de Deus é adotado oficialmente, e isto passa despercebido como se fosse algo sem importância, mas não é. Qual a razão da mudança de Missão da Fé Apostólica para Assembléia de Deus?

A Missão da Fé Apostólica era a igreja dos negros pentecostais americanos e os brancos que haviam recebido a ordenação na Igreja de Deus em Cristo (predominantemente negra) saíram para fundar Assembléia de Deus (Freston, 1994, p.74-75; Hollenweger, 1972, p.17). Portanto, há um fosso abismal entre estas duas denominações não só teológicas, mas sócio-econômicas. A Assembléia de Deus, nos EUA, nasce como uma federação de igrejas que se haviam pentecostalizado e não queria identificação com o movimento negro e é, até hoje,

²³ O nome Assembléia de Deus, nos EUA, já está estabelecido, mas Igreja Pentecostal é um termo genérico e não identifica nenhuma igreja exatamente já que muitas eram assim denominadas. Isto, evidentemente, se deve a “imprecisão” da tradição oral.

congregacional. É, originalmente, uma igreja racista²⁴. Por que os suecos então optam por esta mudança? Suecos pobres e marginais, eles não deveriam ter nenhuma afinidade com o nome Assembléia de Deus, seria mais lógico sua identificação com a Missão da Fé Apostólica (Alencar, 2000, p. 60).

Nenhum dos pastores da igreja Assembléia de Deus em São Mateus que foi questionado soube-me responder esta questão. Alguns, inclusive, desconheciam que a Igreja havia se chamado Missão da Fé Apostólica. Não há nenhum registro explicativo nos jornais ou nas biografias. Se nos EUA a questão racista influenciou a mudança, esta possibilidade, aqui, é quase nenhuma²⁵, pois afinal, eles estão construindo uma igreja de pobres, pretos, mulatos, mamelucos e colhedores de borracha no norte do país. Ademais, eles, suecos, são imigrantes pobres também profundamente marginalizados (Alencar, 2000, p. 60).

Havia 30 anos, fora assinada a Lei Áurea, de libertação dos escravos (1888) e, legalmente, no Brasil, não havia segregação racial; já se vivia em plena manifestação da “cordialidade brasileira” (Freyre, 1993; Holanda, 1999), portanto, não havia espaço para igrejas segregacionistas típicas dos EUA²⁶. O conteúdo étnico que o pentecostalismo tem em suas origens norte-americanas não o acompanha aqui. No Brasil todos os “homens são livres mesmo em estado escravocrata” (Franco, 1997). Não há um só texto nos jornais sobre a questão da escravatura ou sobre o racismo - brasileiro ou norte-americano. Muitos ex-escravos estavam vivos ainda e, pelo ambiente que a Assembléia de Deus atingiu em todo o Brasil, deve ter tido muitos deles como membros. A questão é inexistente para os suecos. As

²⁴ Segundo texto do Ecumenical News Internacional; os pentecostais se arrependem do pecado de racismo e da divisão da igreja. Uma reportagem do histórico encontro de líderes da Assembléia de Deus, Igreja de Deus de Cleveland, Internacional do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Holliness e mais 13 igrejas onde, com uma solenidade de lavagem dos pés uns dos outros, oficializaram o lançamento de uma entidade multirracial que congregará brancos e negros pentecostais. Eni@ccxsmt.pcc.org Ecunet: Eni Po Box 2100 CH 1211 Genebra 2, 25/10/94.

²⁵ No navio para o Brasil “eles eram os únicos passageiros brancos a bordo, o que, embora fosse uma sensação nova, não deixava de ser uma preparação para a nova vida que estava à sua espera” (Berg, 1995, p. 60).

²⁶ Até no presente isto é válido, como diz Contins (1997, p. 6) “no caso norte-americano, os cultos pentecostais estão fortemente associados aos negros. Já no contexto brasileiro, a questão da identificação entre a cor e a religião não aparece nitidamente”.

únicas referências “racistas” aliás, está no livro *Despertamento Apostólico no Brasil*, publicado em 1934, Otto Nelson fazendo um relato do trabalho em Maceió, em 1915, diz:

A primeira que recebeu o batismo com o Espírito Santo foi uma irmã preta como carvão mas lavada no sangue de Jesus” (Vingren, 1987, p. 66), e mais adiante, “ele é preto no exterior, mas por dentro lavado no sangue de Jesus (Vingren, 1987, p. 66-77).

Um comentário desses escritos num livro em 1934²⁷ seria, lastimavelmente, “normal” até hoje para nossos padrões de “racismo cordial”²⁸ (Almeida, 2000, p. 61).

Se nos EUA, além do racismo, a questão da bênção tripla ou dupla de alguma forma provoca a divisão, a dissidência no Brasil se deu, nas igrejas batista e presbiteriana, por causa da glossolalia. Nos EUA, a polêmica da bênção, provocou a exclusão de Durham (anteriormente pastor de Gunnar) por Seymour (Hollenweger, 1976, p. 11), que antes já fora excluído de uma Igreja dos Nazarenos, pela pastora negra Neeley Terry (César, 1999, p.20; Hollengewer, 1972, p.11). E isto nos dá um indício razoável para a questão do nome: é que, nos EUA, o movimento pentecostal negro estava tão esfacelado²⁹ que não havia possibilidade de se construir algo em torno dele e Gunnar Vingren (ex-pastor batista), que em 1917 esteve nos EUA, lá deve ter revisto diversos amigos e igrejas batistas que se transformaram em Assembléia de Deus, e traz a idéia para o Brasil.

Nesse período de 1911 a 1918 chegam ao Brasil, Otto Nelson e esposa (1914), Samuel Nystron e esposa (1916), Frida Standberg (para casar com Gunnar em 1917) e Joel Carlson e John Aenis (1918). Não há registro de suas igrejas de origem (Filadélfia/Estocolmo?), mas é

²⁷ Entre 1934 e 1941, leis eugênicas foram adotadas pelo Parlamento Sueco. A proposta de “higiene racial e social” vigorou durante muitos anos na Suécia, com esterilização de mulheres para “preservação” da raça. Portanto, a imagem idílica da nação sueca não é tão real assim. Revista Istoé, n.º 1592, 05/04/00, pg. 109.

²⁸ Esta expressão, “racismo cordial”, foi amplamente usada numa pesquisa realizada pelo Data Folha, em 1994, onde demonstrou que, como dizia Florestan Fernandes, “o brasileiro tem preconceito de ter preconceito”.

²⁹ O Movimento Pentecostal se manifesta em diferentes locais e igrejas e de formas distintas. Só em Los Angeles, em 1906, havia 9 comunidades pentecostais negras diferentes não simpáticas entre si. As interpretações - e disputas - eram diversas (Hollengewer, 1972, p. 10-11).

muito provável que eles, no mínimo, já conhecessem a Assembléia de Deus, pois, o Departamento Executivo do Concílio Geral das Assembléias de Deus nos EUA desde o início sustentava seus missionários e, em 1919, foi organizado o Departamento de Missões Estrangeiras para coordenar às atividades missionárias mundiais Alencar (2000, Apud Hurlbut, 1979, p. 225).

1.6 O ethos sueco-nordestino da Assembléia de Deus

Podemos observar claramente que a “Assembléia de Deus tem um ethos sueco-nordestino. Começou com os nórdicos e passou para os nordestinos. Sem entender as marcas dessa trajetória, não se entende a Assembléia de Deus” (Freston, 1994, p. 76).

Como a “realidade é uma construção social” Berger (2004, p. 14) e a religião é nada mais do que um dos principais fatores da preservação desta realidade, entendemos o porquê do caudilhismo assembleiano e como ele se mantém em terreno tão fértil. Começamos fazendo uma análise sobre as “afinidades eletivas” do pentecostalismo com o coronelismo nordestino, sendo que o modelo coronelístico tem nuances políticas e econômicas imbricadas desde sua herança na implantação das capitânicas hereditárias: um grande chefe, com poderes absolutos e um exercício vitalício.

Politicamente, numa época em que apenas os homens votavam e eram votados³⁰, a Assembléia de Deus apenas seguiu o modelo de liderança masculina. Aliás, algo comum em todas as demais igrejas protestante e católica. E nisto, mais uma vez, o assembleianismo

³⁰ Apenas na Constituição de 1946 é que foi dada paridade eleitoral entre homens e mulheres, pois a Constituição de 34 permitia o voto feminino apenas das mulheres que exercessem função pública remunerada (Fausto, 1999, p. 400).

brasileiro se distancia do pentecostalismo e do assembleianismo norte-americano (Alencar, 2000, p. 103). Lá, desde o início, as mulheres exercem liderança³¹.

Os pastores da Assembléia de Deus que foram indagados louvaram a ação dos suecos, quando perguntado sobre a sua liderança. Então, os novos líderes assembleianos, nos primeiros anos, quase todos nordestinos, estão na “escola sueca de liderança”: a palavra carismática (Weber), ou, como alguns falam, “os suecos tinham a doutrina pentecostal”, é dada para ser seguida, cumprida e não questionada. Ressalvando-se às proporções, no Brasil da época, ainda se tem a “inspiração” de Getúlio Vargas.

Acompanhar os 90 anos da Assembléia de Deus é uma boa síntese da história do Brasil. As mudanças ocorridas na igreja e/ou no país, apesar da correlação, não são simultâneas, mas estão absolutamente implícitas umas nas outras. Nas igrejas às mudanças talvez demorem um pouco mais, mas não há dúvida que igreja-sociedade, querendo ou não, se alteram mutuamente (Alencar, op.cit., p. 102).

Tabela 02: Relação Assembléia de Deus e Brasil: desenvolvimento institucional.

CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO	ASSEMBLÉIA DE DEUS	BRASIL
1900-1930	- liderança carismática; - A Igreja é dirigida por visão/revelação; - todos os obreiros são voluntários sem vínculos financeiros;	- 1ª. República; - messianismos; - o funcionalismo ainda não é burocratizado;
1930-1960	- liderança tradicional, há o início de uma classe sacerdotal; - surgimento dos Ministérios, consolidação de igrejas-sede;	- só a partir da Constituição de 1946 é que temos eleições livres e secretas, incluindo-se às mulheres; - fortalecimento de grandes

³¹ Freston (1994, p.74) “A liderança de negros e de mulheres é marcante nos primórdios do pentecostalismo”.

		lideranças, a partir de GV; - processo de urbanização e industrialização; -alternância de ditadura e democracia;
1960-1990	-liderança racional/burocratização; - cargos na CPAD e CGADB; - pluralização e emancipação de igrejas locais.	- profissionalização do serviço público; - fortalecimento da sociedade civil; - pluralização e emancipação partidária.

A Suécia da época não era a próspera sociedade de bem-estar em que se transformou, mas sim, um país estagnado com pouca diferenciação social, obrigando mais de um milhão de suecos imigrarem para os Estados Unidos entre 1870 e 1920 (Caldas, 2001, p. 25). O governo implantou em 1864 uma série de reformas liberais que incluiu, formalmente, a liberdade religiosa. Entretanto, apenas em 1905 é que houve o primeiro governo realmente parlamentar, e somente em 1907 o sufrágio masculino universal. “O princípio de sua virada econômica se deu no período da Primeira Guerra Mundial, o qual criou a base econômica para as reformas dos governos social-democrata a partir de 1932” (Freston, 1994, p. 77).

A Suécia da virada do século era muito diferente do denominacionalismo norte-americano, sendo que as pequenas dissidências protestantes eram reprimidas e marginalizadas. “Muitos batistas preferiam emigrar” Freston (1994 apud Martin, 1990, p. 14), foi no meio desses batistas, que o pentecostalismo se firmou. E não demorou muito para sobrepujá-los, confirmando a regra de Martin de que “em culturas luteranas, a dissidência explícita tende a chegar tarde e a adquirir forte componente pentecostal” Freston (1994 apud Martin, 1978, p. 11).

Segundo o relato histórico dos missionários suecos, que tanto influenciaram os primeiros quarenta anos da Assembléia de Deus no Brasil, eles vieram de um país socialmente

e culturalmente marginalizados, e pertenciam as minorias religiosas num país onde vários trâmites burocráticos ainda passavam pelo clero luterano. Desprezavam a Igreja estatal, com seu alto status social e político e seu clero culto e teologicamente liberal. Havia experimentado um Estado unitário no qual uma cultura cosmopolita homogênea não permitia a dissidência religiosa e à construção de uma base cultural capaz de resistir à influência metropolitana. Por isso, eram portadores de uma religião leiga e contra-cultural, resistentes à erudição teológica e modesta nas aspirações sociais. Acostumados com a marginalização, não possuíam a preocupação com a ascensão social tão típica dos missionários estadunidenses formados no denominacionalismo (Freston, 1994, p. 78).

Tudo isso contribuiu para a maior liberdade da Assembléia de Deus, em comparação com as igrejas históricas, de se desenvolver em mãos nacionais. Forçosamente, suas vidas pessoais foram marcadas pela simplicidade, um exemplo que ajudou à primeira geração de líderes brasileiros a ligar pouco para a ascensão econômica. Assim, o ethos da Assembléia de Deus evitou um aburguesamento precoce que antecipasse às condições oferecidas pela própria sociedade brasileira aos membros da igreja (Ibid., p. 79).

Portanto, o processo de nacionalização ocorreu quando à igreja era muito nortista/nordestina, contribuindo muito para sedimentar uma característica que subsiste até hoje. Assim sendo, a mentalidade da Assembléia de Deus carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural; e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60 (Ibid., p. 84).

1.7 O crescimento da denominação

“Crescimento é tanto mais notável quanto mais jovem é a denominação” (D’Epinay 1970, p. 67).

“A evangelização no Brasil tem sido realizada pelos pobres e para os pobres” (Gondin, 1995, p. 79).

“O alvo de todos era ganhar o máximo possível de almas para o Senhor. Todos se esforçavam o máximo possível e o resultado não tardou. Surgia uma igreja após outra” (Vingren, 1973, p. 82).

Tabela 03: Expansão da Assembléia de Deus em seus primeiros anos.

ANO	ESTADO/ LOCALIDADE	PESSOA/FORMA
1911	PARÁ – interior	- se propaga acompanhando a construção da linha do trem Belém-Bragança.
1911	PARAÍBA E R.G. NORTE.	- um fazendeiro, após uma revelação visita diversas cidades; depois o pastor passa batizando pessoas em 23 localidades (Vingren, 1987, p. 21).
1914	CEARÁ – Serra de Uruburetama	-Maria de Nazaré, resolve visitar parentes; -1914 Vingren visita o Ceará já encontra uma igreja.
1914	AMAZONAS	- perto da fronteira da Venezuela havia um irmão que fora batizado no ES no Ceará (Vingren, 1987, p. 40).
1915	ALAGOAS	- irmão visitando parentes.
1928/29 (?)	BAHIA – Canavieiras	- uma irmã visita seus parentes (Vingren, 1987,p. 76). Em 1930 já tem igreja.
antes de 1920	RIO DE JANEIRO	- Gunnar Vingren faz uma visita a uma família que veio do Norte. Há um grupo de 20 pessoas (Vingren, 1973, p. 98).
antes de 1924	ESPÍRITO SANTO	-Daniel Berg chega em 1924 e já havia convertidos.
1923(?)	SÃO PAULO - Santos	- “pessoas do Norte a procura de emprego no Sul” (Vingren, 1987, p. 91).

A Assembléia de Deus iniciada em 1911 no Pará, chega em 1914 ao Ceará, em 1915 a Alagoas e em 1916 ao Pernambuco e Amapá e, em 1924 alcança o R.G. do Sul. Nos seus vinte anos alcançou todo o país. A disseminação da igreja é desordenada, aleatória, acidental, mas persistente. Como ela não tem um órgão administrativo/estratégico para elaborar um plano de ação, e sua liderança no primeiro momento, parece nem ter consciência do que esteja

acontecendo, ela vai se alastrando sem nenhuma condição para este crescimento. Isto não é necessariamente um fenômeno inédito, pois todos os movimentos sociais, notadamente religiosos carismáticos, têm, inicialmente, um crescimento grande e no decorrer da caminhada, vai sofrendo um processo de acomodação (Alencar, 2000, p. 64).

Nos seus primeiros anos no Brasil os novos crentes, cheios de um entusiasmo contagiante, não preocuparam às igrejas históricas, fossem elas frutos da imigração européia (anglicanos, luteranos) ou de missões norte-americanas (congregacionais, presbiterianos, metodistas, batista, episcopais). Algumas dessas confissões contavam com mais de meio século de existência e uma estrutura nacional bastante estável, embora em grande escala dependente de seus países de origem (César, 1999, p. 22).

Igrejas são abertas sem ter pastores para delas cuidar; pessoas são batizadas nas águas (efetivando assim, a membresia), mas não há obreiro credenciado para lhes ministrar a Santa Ceia³², missionários chegam do exterior sem definição de igrejas e locais de trabalho³³. Há seguidas cartas, nos periódicos da época de pessoas de diferentes cidades/povoados pedindo visita pastoral. “No ano de 1927(...) considerando-se a falta de pastores e evangelistas e atendendo ao fato de muitas igrejas passarem meses seguidos sem visita de obreiros, iniciou-se o que se pode chamar de trabalho de evangelismo itinerante” (1ª história, Conde, 1960, p. 56).

Portanto, devido ao grande crescimento da denominação, e a notória falta de obreiros onde as igrejas e as congregações já haviam se estabelecido, Vingren inicia o processo de consagração de pastores brasileiros³⁴ para ajudá-lo, e em cinco anos, cinco pastores foram consagrados para o ministério pastoral. O primeiro pastor separado foi Absalão Piano, o

³² Pelo visto, nesta época ainda não há o costume da celebração religiosa de casamentos. Com exceção do casamento de Gunnar e Frida Vingren, realizado em 1917 em Belém por Samuel Nystron (qual a validade do mesmo juridicamente também não é explicado) não há um registro sobre a problemática dos casamentos, o que fica implícito mesmo é que, nas regiões ribeirinhas e sertões, os casais viviam “juntos” sem oficialização do matrimônio.

³³ Não há nenhum dado sobre esta questão, mas os registros históricos apenas informam que tal missionário chegou e foi para tal local. Fica implícito que não há uma programação anterior para tanto.

³⁴ A partir deste episódio começa a se delinear o perfil dos obreiros assembleianos no Brasil: brasileiros iriam tocar o projeto.

segundo foi Isidoro Filho, o terceiro foi Crispiano de Melo, o quarto chamava-se Pedro Trajano e o quinto foi Adriano Nobre (Conde, 2005, p. 36), e Daniel Berg, em seu ministério de colportagem no interior, começa a cair no ostracismo.

Podemos encontrar a divisão da Assembléia de Deus na sua história classificada em quatro períodos:

O primeiro período vai de 1911 até 1924, tendo como fatos principais à aquisição do primeiro templo, a publicação do primeiro periódico pentecostal brasileiro, denominado Voz da verdade, e o início do trabalho missionário da denominação, com o envio de José de Matos a Portugal, em meados de 1913. O segundo período vai de 1924 a 1930 e destaca o crescimento da igreja em todo o estado do Pará. Nessa época, foram instituídos o diaconato e o presbiterato na denominação. O terceiro período vai de 1930 até 1950 e destaca a colaboração da igreja do Pará com as construções de templos nas cidades de São Luís (Ma), Manaus (AM), Teresina (PI) e Porto Velho (RO). O quarto e último período vão de 1950 até os dias atuais, quando acontece uma expansão ainda maior da denominação. Em 1961, o movimento pentecostal brasileiro já contava com um milhão de membros (Mensajeiro da Paz, março de 2002, p. 9).

Em geral menos sofisticada intelectualmente que a cosmovisão iluminista dos missionários “históricos” do protestantismo de missão, a cosmovisão pentecostal encaixou-se mais facilmente a essa cosmovisão mística do povo brasileiro³⁵. Este fator não só ajudou o processo de nacionalização das igrejas do pentecostalismo clássico³⁶, como de suas herdeiras mais jovens genuinamente brasileiras.

Para identificarmos a diferença entre o estilo pentecostal e não pentecostal basta observar a forma de culto. Sendo que nas igrejas “históricas” ou “tradicional”, a participação do povo no culto é bastante limitada, enquanto nas pentecostais essa participação é bem mais intensa, sendo que os fiéis têm mais liberdade para expressar suas emoções, sem coibições (Caldas, 2001, p. 75).

³⁵ A cosmovisão popular brasileira consiste de um misto de cosmovisões: a portuguesa com toda a abertura medieval pré-iluminista ao místico, ao mágico e ao maravilhoso, a dos diferentes povos indígenas e a dos africanos trazidos como escravos (Caldas, 2001, p. 74).

³⁶ Originadas do movimento pentecostal norte-americano (Assembléia de Deus e Congregação Cristã) (Mariano, 1999, p. 25).

O crescimento da Igreja Evangélica Assembléia de Deus ficou tão evidenciado no Brasil que o autor Carlos Caldas (Ibid., p. 76) diz “uma igreja como a Assembléia de Deus é tão brasileira que já se diz popularmente que cidade brasileira que se preze possui uma agência do Banco Bradesco, um cemitério, uma igreja Católica e um templo das Assembléias de Deus”.

Na capital paulista, Daniel Berg e esposa chegaram em 1927, e residiu na Vila Carrão, onde deram início às Boas Novas. Os primeiros cultos tinham um número muito reduzido de pessoas, mas com o passar do tempo, alugaram um salão para os cultos, pois, a casa não comportava o número de pessoas, e assim a primeira sede passou a ser na Avenida Celso Garcia, 1209 (Conde, 2005, p. 238).

Com o crescimento e expansão do trabalho e para melhor organizar a estrutura da igreja, em 1935 realiza-se a primeira Convenção Regional do Estado de São Paulo. Mais estruturada a igreja, sente-se capacitada para hospedar a Convenção Geral que se realizou nos dias 3 a 17 de outubro de 1937 (Ibid., p. 239).

A expansão inicial da Assembléia de Deus foi moderada. Nos primeiros 15 anos limitou-se praticamente ao Norte e Nordeste, onde a oposição católica e a dependência social de boa parte da população não eram favoráveis à mudança de religião; porém, no final dos anos 40, já ultrapassava a sua rival, a Congregação Cristã no Brasil, lucrando com a sua base territorial mais ampla e com o proselitismo público, mais adaptado às cidades em crescimento, mas rechaçado pela Congregação Cristã (Freston, 1994, p. 82).

Conde faz uma análise da história dessa organização religiosa, afirmando que:

Nenhuma organização religiosa foi tão combatida, tão mal compreendida e recebida com tantas reservas, suspeitas e malquerenças, quanto foi o Movimento Pentecostal. Porém, também é certo que nenhum outro movimento cresceu tanto em igual período, nem se projetou com tanta rapidez, como às Assembléias de Deus, apesar de as mesmas não contarem com recursos financeiros, nem possuírem destacados valores intelectuais (1ª história, Conde, 1960, p. 7).

Este texto de Conde não é falso, mas também não é completamente verdadeiro. Primeiro porque, no mesmo período, as demais denominações protestantes e outras manifestações religiosas também foram perseguidas³⁷; segundo, porque em parte, a perseguição pentecostal era também resposta ao seu avanço proselitista que dizimava algumas igrejas tradicionais da época³⁸(Alencar, 2000, p. 67).

1.8 A Assembléia de Deus segue a trilha da borracha em seu crescimento

A Assembléia de Deus se espalhou, não só com a ação planejada dos líderes, mas também pela mão de leigos, geralmente pessoas simples. Aliás, a expansão para outros Estados parece ter sido provocada pelos leigos, uma vez que Berg evangelizava ao longo da Estrada de Ferro, Belém-Bragança e na Ilha de Marajó, enquanto Vingren pastoreava à igreja em Belém (Almeida, 1982, p. 21). Talvez, eles entendessem a profecia que os chamava para o Pará de uma forma limitante. Depois, em boa parte, seguiram os migrantes. A Formação inicial de uma comunidade foi freqüentemente facilitada pela existência de outros grupos protestantes, os quais forneceram uma porcentagem da primeira liderança.³⁹

³⁷ Os cultos afros, definitivamente, foram as manifestações religiosas mais perseguidas no Brasil desde o século passado até bem recente. (Prandi, 1991). O espiritismo chegou a ser considerado “malefício social” pela Constituição de 1884- Guimbelli (1997). Pr. José Rego (1942, p.34) em sua “História da Assembléia de Deus no Ceará”, registra que a polícia prendeu um grupo de crentes confundindo-os com um “grupo de catimbozeiros e comunistas”, mas logo após perceber o engano os crentes foram soltos.

³⁸ Evidentemente que o registro disto nos jornais é com tom ufanista: igrejas batistas, presbiterianas e até congregação cristã inteiras se tornam assembleianas (Vingren, 1973, p.64, 89 e 92). Fato histórico de difícil comprovação, pois os historiadores das demais denominações não registraram obviamente isto. Portanto, temos apenas a versão assembleiana.

³⁹ Exemplos disso são os batistas e adventistas que iniciaram a igreja de Maceió (Vingren, 1982, p.70); membros dos Irmãos Unidos (ou “Casa de Oração”), vários dos quais se tornaram pastores da Assembléia de Deus no Estado do Rio (Vários, 1987, p.87); os adeptos da Igreja de Deus, no mesmo Estado (Almeida, 1982, p.209); e os membros da Congregação Cristã no Brasil que se transferiram no começo da Assembléia de Deus na Cidade de São Paulo (Cohen, 1986, p.68).

Quase sempre, o trabalho se iniciava nas capitais. A expansão segundo os dados de (Vasconcelos, 1983, p. 27-39) foi:

1915: 3 Estados (1 do Norte, 2 do Nordeste).
 1920: 9 Estados (3 do Norte, 6 do Nordeste).
 1925: 15 Estados (4 do Norte, 6 do Nordeste, 3 do Sudeste, 2 do sul).
 1930: 20 Estados (4 do Norte, 9 do Nordeste, 4 do Sudeste, 3 do Sul).

Por fim, de fato, se comparada com as demais denominações, a Assembléia de Deus não tinha o poder financeiro vindo do exterior, mas estava tornando-se forte, do ponto de vista quantitativo (e logo, obviamente, se tornaria forte financeiramente) e já tem “valores intelectuais” - ele, Emílio Conde, é um bom exemplo disto⁴⁰. Para toda a literatura da igreja sua expansão é - apenas - “obra do Espírito Santo”. Pode ter sido, mas a crise da borracha ajudou muito (Alencar, 2000, p. 68).

Boris Fausto (1999), analisando os processos migratórios dos Censos de 1920 e 1940, acentua algo muito interessante. Apesar do aumento da população, de 30,6 milhões para 41,1 milhões, o crescimento da população urbana não foi correspondente. Ou seja:

os imigrantes não se dirigiram em regra para as cidades, ou pelo menos para cidades de razoáveis proporções (...) O Norte (região) apresentou uma elevada taxa negativa de migração interna (-13,72%), como resultado da crise da borracha. Foi, em grande medida, um movimento de retorno dos nordestinos para sua região de origem (Conde, 1960, p.390).

Até 1918 a borracha é o segundo produto mais importante no Brasil, representando em 1910, auge da produção, 25,7% das exportações. A partir daqui, declina quando a Ásia entra no mercado, pois, em 1910, detém 13% da produção mundial, mas em 1915 chega a 68%. A

⁴⁰ Emílio Conde (08/10/01-05/01/71) é uma figura impar na AD. Poliglota, trabalha com exportação e em hotéis no Rio de Janeiro. Converteu-se na Congregação Cristã do Brasil, representou o Brasil em Conferências Mundiais, e recusou a ordenação ministerial (Costa, 1985,p.157). Escreveu os livros: Asas do ideal, Igrejas sem brilho, O homem, Pentecoste para todos, Nos domínios da fé, Caminhos do mundo, Flores do meu jardim, Tesouros de conhecimentos bíblicos, Estudos da palavra e a 1ª. história da AD. Hollenweger diz que ele tinha um doutorado em filosofia na França, no artigo que publica na Revista Simpósio, n°.3, de junho de 69, mas quando lança seu livro ‘El Pentecostalismo’, em 1976, exclui esta informação. Como era celibatário, não há nenhum descendente para confirmar ou desmentir esta informação. Aliás, sobre o mesmo, há diversas histórias, no mínimo sui generis, sem comprovação.

Região Amazônica, que de 1890 a 1900 teve uma migração líquida de mais 110 mil pessoas vindas principalmente do Ceará, a partir de então, tem um retraimento de extração de borracha. Os missionários suecos chegam no início da queda de produção. Há, de agora em diante, todo um processo migratório de retorno para seus Estados de origem - e a mensagem pentecostal os acompanha!⁴¹

A tabela 03, mesmo sem todos os dados, de alguma forma confirma isto. Mesmo sem dados estatísticos específicos de cada estado para confirmar, pelos livros de história da Assembléia de Deus, dá para perceber isto: o Ceará é o quarto Estado brasileiro a receber uma mensagem pentecostal, seguindo-se a ele, diversos outros estados Nordestinos e Nortistas, e os mensageiros são sempre pessoas que retornam à sua parentela para anunciar o evangelho. Como já foi dito, não há uma decisão da liderança da igreja em prol da evangelização do país, há sim, uma dispersão indisciplinada de pessoas - homens e mulheres - retornando as suas antigas cidades. Até porque, jamais a liderança da Assembléia de Deus enviaria mulheres e, a pioneira cearense foi Maria de Nazaré. Invariavelmente, a Assembléia de Deus se inicia nos Estados em alguma cidade do interior e não na capital (Alencar, 2000, p.69).

Não fôra qualquer missionário nem mesmo qualquer obreiro credenciado quem levara a mensagem pentecostal ao Estado do Ceará; não foi um varão (...) uma mulher humilde, mas ardendo de zelo (...) desejou que seus parentes também conhecessem as Boas Novas e o Evangelho Completo (1ª. história, Conde, 1960, p.113-114).

Nos relatos da expansão da Assembléia de Deus pelos Estados, os pastores/missionários chegam para realizar batismos e oficializar a igreja, mas quem a iniciou? Quando e como a mensagem pentecostal chegou a esse município? Quem reuniu o grupo e ensinou-lhe, inclusive, da necessidade do batismo? Gente anônima - a militância assembleiana.

⁴¹ Cf. Mendonça (1984), O Celeste Porvir, em que o autor analisa o crescimento do protestantismo acompanhando o ciclo do café em SP.

Como era maravilhoso nos reunirmos para cantar, orar, testificar e louvar ao Senhor, enquanto os corações estavam transbordando de alegria e gozo. Na verdade, ali não havia cerimônia de nenhuma espécie, mas o povo de Deus se reunia com toda a simplicidade para louvar o Senhor. E o santo fogo do Espírito Santo se espalhava cada vez mais entre os moradores das margens dos diferentes rios (Vingren, 1973, p.42).

1.9 A convenção de 1930

“A rotinização não se realiza, em regra, sem lutas” (Weber, 1998, p.166).

Na primeira Convenção Geral da Assembléia de Deus, em Natal em 1930, assistida por 11 missionários suecos e 23 líderes brasileiros, é o que se depreende da fotografia da Convenção publicada no (Mensageiro da Paz, fevereiro de 1986, p.19), “todos os templos e salões de reuniões que pertenciam à missão sueca foram entregues às igrejas brasileiras” (Ibid., fevereiro de 1990, p.13). Mesmo que essas propriedades não fossem tão valiosas quanto à das missões protestantes norte-americanas, esse ato de desprendimento parece ter tido muito a ver com a presença no Brasil do próprio Lewi Pethus (Freston, 1994, p.83).

O ano de 1930, momento em que a expansão geográfica está basicamente completa, é importante por mais duas razões: marcou a autonomia da igreja com relação à Missão Sueca, e a transferência efetiva da sede da denominação, de Belém para o Rio de Janeiro. A nacionalização da obra, portanto, é acompanhada pela mudança para a capital federal (Freston, op.cit., p. 83). No entanto, “havia surgido dificuldades que se acentuaram quando a responsabilidade do trabalho foi sendo transferida, paulatinamente, dos missionários para os obreiros brasileiros” (Vingren, 1982, p.150). Talvez, do lado dos brasileiros, o problema fosse justamente a lentidão do processo: eles “se achavam diminuídos de não terem oportunidade em assumir as administrações das igrejas locais” (Mensageiro da Paz, fevereiro de 1990, p.13).

Entretanto, do lado da missão, o problema era eclesiológico. Reagindo contra a experiência de uma igreja estatal protestante, os pentecostais suecos guardavam zelosamente a autonomia da congregação local. Como disse, “a organização local e livre deve ser a única... que se deve manter num trabalho no exterior... Mas, na prática, quase sempre chegamos a uma situação contrária àquilo que desejávamos” (Vingren, op. cit., p.154). Os missionários estavam sendo acusados (por pentecostais suecos?) de haver se organizado numa organização eclesiástica a nível nacional (Ibid., p.167). Neste embate, o quase inevitável autoritarismo missionário contrariava o ethos do pentecostalismo sueco. Ao mesmo tempo, entre os próprios brasileiros a tendência autoritária se evidencia. A decisão, então, foi de tirar os missionários da linha de fogo, deslocando a maior parte deles para o Sul do país onde o trabalho ainda era incipiente (Freston, op. cit., p. 84).

Aqui, portanto, reside à importância da Convenção de Natal, em 1930, pois ela, oficialmente, foi a primeira e, apesar de inúmeras perguntas ainda pendentes sobre a mesma, foi definitiva para a sua caminhada.

A versão oficial enfatiza o acordo entre suecos e brasileiros. Não podia ser diferente, em se tratando de historiografia oficial da igreja. Vejamos a versão da 1ª história (Conde, 1960, p. 132):

No ano de 1930, no mês de julho, a igreja de Natal hospedou a Convenção Geral, a primeira e a mais importante até então realizada. Essa Convenção abriu o caminho para as Convenções Gerais ou Nacionais que até então não tinham esse caráter. Entre outras coisas que ali se decidiram destaca-se a unificação dos jornais Boa Semente e Som Alegre, dando lugar ao aparecimento do Mensageiro da Paz, evitando-se assim a divisão do trabalho preste a realizar-se.

Versão da 2ª história (Almeida, 1982:30):

Os assuntos tratados nessa convenção podem ser resumidos em: relatório do trabalho realizado pelos missionários; a nova direção do trabalho pentecostal no Norte e Nordeste; a circulação dos dois jornais existentes e o trabalho feminino na igreja. (...) Os missionários suecos (...) sentiam que era chegada a hora de deixarem

a Obra nas mãos dos trabalhadores nacionais e partirem para as áridas terras do Sul do País. Todos os templos e locais de reuniões que pertenciam à Missão foram entregues às igrejas brasileiras.

Conhecendo apenas as versões dos livros de história se chega a esta conclusão: os suecos sentem a necessidade de “entregar” a liderança nas mãos dos brasileiros porque pretendem, altruísticamente, ir para as “áridas terras do sul” (?). Mas há um detalhe: a convocação dessa convenção acontece pela primeira vez nas páginas do Boa Semente ⁴²(n.º. 105, fevereiro/30, p. 8), assinada por brasileiros . Fica excluída, portanto, a versão de que os suecos “sentiam ser chegada à hora de deixarem a obra nas mãos de obreiros nacionais” - os suecos foram pressionados (Alencar, 2000, p. 117).

As biografias de Daniel Berg e Gunnar Vingren não falam claramente, mas insinuam que estão sendo preteridos. E Ivar Vingren, diz em entrevista no Mensageiro da Paz (n.º. 1178, junho de 85, p. 7) diz:

Apesar de, na época eu ter apenas 12 anos de idade (...) fiquei sabendo que havia dificuldades no Norte entre pastores e missionários por causa do trabalho. Porém, Deus colocou no coração de meu pai para ele ir à Suécia e trazer o Pr. Lewis Pethrus para participar daquela importante Convenção. Os convencionais trataram de resolver o assunto da entrega do trabalho nas mãos dos obreiros nacionais (...) os pastores brasileiros choraram muito, pois queriam continuar tendo comunhão com os missionários e contando com ajuda deles. Os missionários estavam deixando todo o trabalho nas mãos dos pastores brasileiros e seguindo para outros lugares (grifo nosso).

Versão da 3ª história (Oliveira, 1998, p. 183).

Decisão tomada na primeira convenção de pastores da Assembléia de Deus no Brasil, realizada em Natal, em 1930, definiu, sobre alguns importantes aspectos, os rumos da igreja. E explica, em parte, o seu acelerado crescimento. Os obreiros nacionais, conhecedores da psicologia do povo, com os mesmos usos e costumes, mas resistentes às endemias e outras espécies de enfermidades que grassavam na época, alcançaram também maturidade espiritual e assumiram a liderança em vários estados onde nasciam as primeiras igrejas. Os missionários rumaram ao Sul, para abertura de novos trabalhos.

⁴² A leitura foi feita do xerox já que os originais estão perdidos. E estas ainda estão incompletas. Há um exemplar do “Voz da Verdade” e 114 edições do “Boa Semente”. Faltam os números 2 a 21, 31 a 43, 63 e 80 a 91.

Versão do texto de Convocação dos brasileiros:

Tivemos pela graça de Deus a inspiração da necessidade urgente de uma Convenção Geral (...) para resolverem certas questões (...). Todos nós sabemos a crise por que, como uma dura prova, passou a Assembléias de Deus neste país e não podemos nos conformar com estado de coisas (...) temos em vista convidar todos os obreiros por meio deste manifesto (...). Deve começar no dia 12 do referido mês e se não precisamos o termino da mesma Convenção, é porque achamos justo deixar ao arbítrio das necessidades e circunstancias da ocasião(...) pois só assim será possível remover certos obstáculos que podem embaraçar a causa do Nosso Senhor Jesus Christo (...) Francisco Gonzaga, Cicero Lima, Antonio Lopes, Ursulino Costa, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa, Francisco Cesar, Nathanel G. Figueiredo, Pedro Costa (mantém-se a grafia original).

Têm-se as seguintes questões:

Numa reunião nos dias 17 e 18/12/1929 em Natal foi-se decidida essa convocação. Apenas brasileiros estavam nela? É provável, pois são estes que assinam a convocação;

1. Está havendo “dificuldades sobre a direção do trabalho”;
2. A “necessidade urgente” é por causa da “crise”. Qual? Onde?
3. A reunião não tem previsão de data para terminar, mas funcionará até a remoção dos “certos obstáculos”;
4. Nenhum desses signatários são nomes de pastores conhecidos⁴³; ou têm textos publicados no jornal Boa Semente.

⁴³ Ressalve-se apenas o nome de Cícero Lima que aparece nesta lista. Seria o Pr. Cícero Canuto de Lima que, durante décadas, foi pastor da Assembléia de Deus, Ministério do Belém-SP? Natural de Mossoró, RN, foi consagrado ao pastorado em 1923 em Belém.

2.0 A versão sueca das “igrejas-livres” e a construção da autonomia brasileira.

Além da previsível questão do exercício do poder que os suecos tinham e, parece que, este grupo de obreiros nordestinos tenta subverter, há duas outras questões: 1. (a tentativa de organização nacional) e 2. (o “modelo” de liderança de Frida Vingren).

Uma “Convenção Geral” envolvendo todo o país? De onde este grupo tirou esta idéia tão “moderna”, já que isto não existia na Assembléia de Deus? Qual o objetivo de um organismo como este, já que os suecos, na “direção do Espírito Santo”, lideravam essa igreja muito bem? A gravidade da situação transcende à questão do patrimônio que teria sido adquirido pela Missão Sueca. Por ser pequeno e insignificante, ele foi doado, segundo a versão oficial, sem muita dificuldade. A resistência a isto é ideológica, porque os suecos estavam convictos da necessidade de igrejas locais (Alencar, 2000, p. 120).

No diário de Vingren, em seu relato desta convenção, há diversos trechos de artigos e cartas de Lewis Pethrus, escritos posteriormente a sua visita ao Brasil, defendendo a idéia de “igrejas-livres”. Originalmente, portanto, os suecos eram congregacionais, mas os líderes brasileiros não (Vingren, 1973, p. 141-160).

Durante os últimos anos, temos sido enganados aqui na Suécia com a notícia de que os missionários e a missão no Brasil estavam organizados numa (sic) denominação bastante forte. Quem nos disse isto, mencionou que a sede da organização está no Pará e que no princípio consistia somente de três missionários, mas depois se estendeu dominando a obra em todo o Brasil. Os missionários no Brasil, estão, quando se trata do assunto de organização, inteiramente no mesmo ponto de vista que as igrejas livres da Suécia. Todos expuseram a sua perfeita aprovação sobre o pensamento bíblico de igrejas locais livres e independentes, entre as quais deve haver uma colaboração espiritual, mas sem a organização da qual os missionários agora tinham sido acusados que professavam e até praticavam (Vingren, 1973, p.157, grifo nosso).

Em segundo lugar, nesta convenção, foi discutida a posição da mulher no Ministério “em razão de haver diferentes opiniões sobre o trabalho da mulher na igreja” (Vingren, op. cit., p. 158), a Convenção publicou a seguinte declaração:

As irmãs têm todo direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também apresentando instrução se assim for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora da mesma, salvo em casos de exceção mencionados em Mt. 12:3-8. Assim dever ser, especialmente quando não existem na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (Ibid., p.158 , grifo nosso).

Moderno demais para a época? Afinal, as mulheres ainda não participavam da vida política do país nem mesmo como eleitoras, mas a Assembléia de Deus permite que elas, excepcionalmente, sejam pastoras e ensinadoras. A Assembléia de Deus no Rio de Janeiro, em 1925 (Conde, 1960, p.229), já havia consagrado uma diaconisa. É a única da história, assunto que morreu completamente depois disto.

Influência de Frida Vingren? Com certeza. Ela prega, canta, toca, escreve poemas, textos escatológicos, visita hospitais, presídios, realiza cultos e – nada comum – dirige a igreja na ausência do marido e, segundo algumas insinuações, na presença também (Alencar, 2000, p. 121). Frida chega a escrever um texto no Mensageiro da Paz (nº. 5, maio, 30) disciplinando a conduta dos obreiros.

O projeto nacional da Convenção Geral, então, se viabilizou? Sim e não! Essa tensão entre o desejo dos brasileiros de se organizarem nacionalmente e a doutrina da igreja local sueca, inviabilizou um organismo nacional. Se os brasileiros têm projeto nacional, ele é inviabilizado por um detalhe significativo: além de assumir o “trabalho” de forma genérica como constam nos livros de história oficial, eles precisavam mesmo assumir as principais igrejas, o que não aconteceu pelo que se nota na tabela abaixo.

Na convenção de 30, segundo a versão oficial, os suecos “entregam” a direção do trabalho nas mãos dos brasileiros. Mas entregam o quê? Já que permanecem na liderança das

principais igrejas, e se não são as principais porque ainda não cresceram o suficiente, fatalmente vão tornar-se pois, se encontram nas principais cidades (Alencar, 2000, p. 99). No entanto, os líderes continuam se encontrando, porém, cada vez mais “informalmente”. Seus espaços/igrejas locais vão se fortalecendo em detrimento de uma igreja nacional. Afinal, como disse Pethrus, a ligação era apenas “espiritual” (Alencar, 2000, p. 122).

Tabela 04: “Igrejas Sedes” e pastores em 1931⁴⁴:

MP	CIDADE Igrejas “Sede”	PASTOR	PASTORES ESTRANG.	PASTORES NACIONAIS
Nº. I 01/12/30	Rio de Janeiro Belo Horizonte Recife Maceió Natal Paraíba do Norte Maranhão Manaus Santos Pará Curitiba-Paraná Bahia	Pr. Gunnar Vingren Pr. Nills Kastberg Pr. Joel Carlson Pr. Algot Syenson Pr. Francisco Gonzaga Pr. Cícero de Lima Pr. Manoel Cezar Pr. José Moraes Pr. John Sorheim Pr. Nels Nelson Pr. Bruno Skolimowsky Pr. Otto Nelson	07 58,3%	05 41,7%
Nº. 1 01/01/31	Belo Horizonte Porto Alegre Salvador-Bahia S. Paulo ⁴⁵	Pr. Climaco Bueno Aza Pr. Gustavo Nordlmed Pr. Otto Nelson Pr. Samuel Nyströn	09 64,3%	05 35,7%
Nº. 2 15/01/31	Niterói-Estado do Rio	Pr. Samuel Heldlum	10 66,7%	05 33,3%
Nº. 16 15/08/31	Fortaleza-Ceará Belo Horizonte	Pr. Antonio Rego Barros Pr. Nills Kastberg	11 68,7%	05 31,3%
Nº. 21 15/11/31	Maceió Fortaleza	Pr. Antonio Rego Barros Pr. Julião Silva	09 56,3%	06 43,7%

⁴⁴ Quadro publicado no Mensageiro da Paz, em 1931. Foi mantida a grafia original da época. As edições não citadas ou omitem esta seção ou simplesmente a repetem sem alteração. O aparecimento dessas igrejas na lista implica, presumivelmente, a “oficialização” delas como “sede”. Por exemplo: a Assembléia de Deus do Ceará é fundada em 1914, oficializada como Igreja em 1929, mas só aparece na lista em agosto de 31.

⁴⁵ Desde 1927 Daniel Berg e família estão em SP e iniciam a Assembléia de Deus, mas ele nunca assumiu a direção de igreja alguma (Almeida, 1982, p. 246).

2.1 O ethos norte-americano

É possível que as igrejas fundadas pela missão norte-americana têm uma história bem parecida e repetitiva em todos os países: um casal de missionários vem ao país implantar a denominação e, talvez, o único estilo idêntico aos suecos no Brasil é a manutenção do poder em suas mãos, algo, aliás, que causa problemas diversos. Mas duas ênfases distintivas são evidentes: a educação teológica e a institucionalização. Preocupam-se os americanos em fundar escolas teológicas, e em alguns casos antes mesmo da igreja, de construí-la nos moldes americanos. Já os livros de história da Assembléia de Deus no Brasil privilegiam fenomenologicamente a história carismática, ou seja, o batismo no Espírito Santo, as curas, as manifestações de dons, livramentos de perseguição, as revelações, as fundações de igrejas (mesmo escondendo as brigas dos ministérios) e não se reportam em nenhum momento a este modelo de instituição importado, pelo contrário até o depreciam (Alencar, 2000, p. 98).

Ademais, nunca esse modelo americano foi cogitado pelos suecos. E, posteriormente, já nas mãos de brasileiros, o coronelismo eclesiástico jamais permitiu a implantação de instâncias de poder que se lhe viessem rivalizar. Exatamente por este ethos sueco-nordestino é que nunca se cogitou da inclusão do ministério feminino⁴⁶, que a Assembléia de Deus nos EUA tem desde seu início, a liberação dos costumes, a educação teológica ou uma estrutura administrativa nacional com o sistema congregacional de autonomia das igrejas locais (Ibid., p. 99).

A Assembléia de Deus norte-americana nasce do encontro fraterno de igrejas autônomas, na sua maioria batistas (portanto, congregacionais), brancas (portanto, segregacionistas) e de classe média, que têm em comum a doutrina pentecostal. Estabelece-se

⁴⁶ Ruth Carlson (entrevista 08/02/00, Olinda-PE) informa que até hoje a Igreja Filadélfia não aceita mulher no pastorado e quando foi indagada sobre uma desavença ocorrida com duas missionárias e Bruno Skolimowsky no Ceará (Rego, 1942, p.78), ela lembra que foi por causa “destas duas que a Missão não mais enviou moças solteiras”. Inversamente nos EUA a liderança pentecostal negra era, em grande parte, composta por mulheres (Freston, 1993; Hollengewer, 1972).

a partir de uma estrutura eclesiástica racionalizada, com um status já estabelecido e uma doutrina previamente conhecida⁴⁷. O carisma, neste caso, já se inicia rotinizado. Já há uma direção nacional legalizada e requerida, por isso seu crescimento não é fenomenal na época de seu nascimento nem é hoje (Ibid., p. 99).

A Assembléia de Deus brasileira é, inicialmente, a soma do visionarismo de dois suecos, adesão emocionada de dezoito batistas por causa de uma cura e da glossolalia e, majoritariamente, de católicos marginalizados do “catolicismo devocional” (Rolim, 1979), portanto, acostumados com uma igreja conservadora, carismática, centralizada, clerical, com um discurso dogmático. Não há - e nem se faz necessário? - uma diluição do poder, uma estrutura administrativa, uma tradição teológica; há apenas uma liderança carismática para “dar a visão”.

Nas últimas décadas, o maior contato internacional da Assembléia de Deus tem sido com os Estados Unidos, porém, o contato é reduzido, mas a chegada do missionário estadunidense em 1934 gerou uma dificuldade de aceitação por parte dos suecos, provavelmente, sendo uma das razões financeiras: isso é caracterizado quando um estadunidense chegou em 1939, desembarcou com seu Chevrolet do ano e alugou um apartamento em Copacabana (Brenda, 1984, p. 89).

Tanto suecos como brasileiros tinham algo em comum: não aceitavam a interferência da Assembléia americana, e a atitude menos severa na área de costumes, gerando os tabus comportamentais, que conseqüentemente levariam os missionários estadunidenses a serem vistos como “mundanos” (Boa Semente 03/28, pg. 8). Um líder brasileiro sintetizou bem a situação: “Os suecos têm a doutrina, no sentido pentecostal, de costumes comportamentais e os estadunidenses têm os dólares” (Freston, 1994, p. 85).

⁴⁷ Hollenweger (1976) publica uma *Declaração de Fé* das Assembléias de Deus Americanas apontando, inclusive, as diferenças que esta tem com a declaração das Assembléias de Deus no Brasil. Por sua visão teológica, ele insiste em ver “afinidades e diferenças teológicas” em ambas. No entanto, as diferenças ou afinidades ocorrem – ou ocorreram – ocasionalmente. Esta declaração – ou qualquer outra – nunca foi objeto de discussão em qualquer Convenção no Brasil.

Com o passar do tempo, os missionários estadunidenses tiveram que aceitar às normas do trabalho no Brasil. Entretanto, a influência financeira da igreja estadunidense também é reduzida, principalmente, quando o pregador de televisão Jimmy Swaggart, que era pastor da Assembléia de Deus nos Estados Unidos, financiava algumas obras sociais de igrejas brasileiras e projetos especiais. Mas sua queda devido a um escândalo de adultério, significou o fim de doações. Em consequência, as obras da nova sede da Casa Publicadora da Assembléia de Deus brasileira atrasaram consideravelmente (Mensageiro da paz, março de 1988, p. 3). É possível caracterizar maior resistência por parte dos suecos, no que se diz respeito à educação teológica, admitindo apenas o modelo de Pethrus, de escolas bíblicas de poucas semanas, sem diploma, e principalmente, resistir à tentativa de vincular o pastorado com a formação teológica. Essa afirmação é possível devido à tentativa sem sucesso de um missionário estadunidense de implantar um seminário em 1948, seu intento naufragou devido à resistência dos suecos e da maioria dos brasileiros (Brenda, op.cit., p. 119).

2.2 O sistema de governo

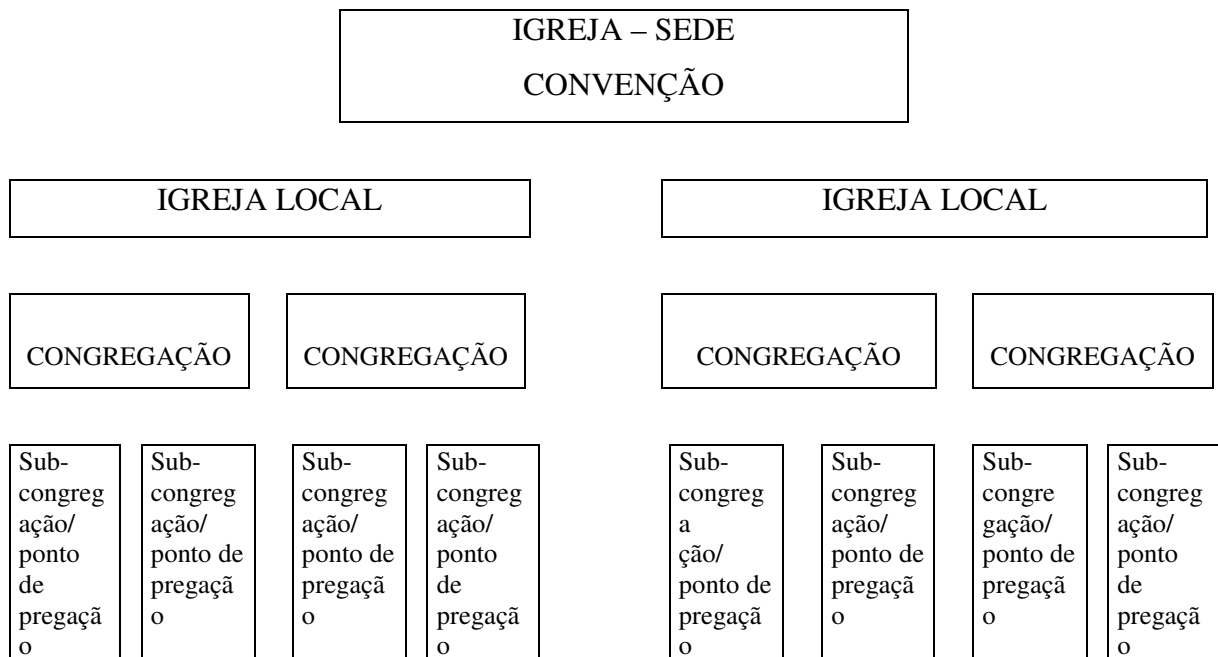
O sistema de governo da Assembléia de Deus pode ser caracterizado como oligárquico, assim seria mais fácil o controle pelos missionários e depois foi reforçado pelo coronelismo nordestino. O pastor-presidente da rede é, efetivamente, um bispo episcopal vitalício, com talvez mais de cem igrejas e uma enorme concentração de poder (Freston, 1994, p. 86). A relação piramidal se consolida cada vez mais, fortalecendo, evidentemente, a figura do pastor-presidente da igreja-sede, pois às igrejas locais, congregações e sub-congregações, além de trazerem para à sede toda a arrecadação financeira, dependem dela para toda e qualquer definição (Pinto, 1985, p. 27). Ou seja, estas igrejas agregadas à Sede não têm nenhuma

autonomia, mas existem em absoluta dependência - e o pastor-presidente é a palavra final e definitiva sobre tudo e todos⁴⁸.

O pastor-presidente é escolhido por voto unânime do “ministério”, um corpo composto de pastores, evangelistas e presbíteros. “Embora aconselhado pelo ministério, o pastor-presidente permanece a fonte última de autoridade em tudo..., assim como o patrão da sociedade tradicional que, mesmo cercado de conselheiros, maneja sozinho o poder” Freston (1994 apud Hoffnagel, 1978, p. 78).

Tradicionalmente, um homem chega a ser pastor na Assembléia de Deus, vencendo uma série de estágios e aprendizado: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor e sendo o bispo o grau máximo a ser adquirido. Embora haja elementos clericais no sistema (ritos reservados aos pastores), não há um abismo entre clero e laicato. O pastor é apenas aquele que chegou ao topo da escada, mas não se distancia do membro comum por uma formação especializada (Freston, op.cit., p. 87).

Tabela 05: Gráfico do Modelo Eclesiástico Assembleiano:



⁴⁸ Como já foi dito, nenhuma generalização é válida para a Assembléia de Deus: cada Ministério/Convenção é diferente do outro, inclusive pela atuação do pastor-presidente. Uns são mais centralizadores que outros. Hoje, inclusive, há a figura da “Igreja Local Emancipada”, que não depende da Sede e/ou Convenção, nem presta-lhes contas, mas dela é membro “fraternal”.

A Assembléia de Deus enfrenta crises de vários tipos, resultantes do seu modelo, da ascensão social e da concorrência com novos grupos pentecostais. Pode se caracterizar esta crise nitidamente no cisma da Convenção de Madureira, pois, é comum ouvir um membro da Assembléia de Deus dizer que pertence à “Madureira” ou, então à “Missão”. Este é o tronco principal que vem da obra da Missão Sueca, por sua vez dividida em inúmeros ministérios, sendo que Madureira é um desses ministérios que cresceu muito (Freston, 1994, p. 89).

2.3 Esboço histórico do ministério de Madureira

O fundador da Convenção Nacional das Assembléias de Deus de Madureira foi um gaúcho chamado Paulo Leivas Macalão (1917-1982). O pai (José Maria Macalão) era militar de carreira, na época, oficial na fronteira e, depois, general no Rio de Janeiro. A mãe era de família culta e o jovem Paulo chegou a ter governanta; uma origem atípica para um futuro líder da incipiente Assembléia de Deus. Ficando órfão de mãe, foi morar no Rio de Janeiro com o tio materno, um engenheiro agrônomo. Estudou no Colégio Batista (apesar da família não ser protestante) e no Colégio Dom Pedro II. O pai queria que seguisse a carreira militar, mas, com 20 anos de idade, Paulo teve um contato casual com um grupo pentecostal liderado por um missionário inglês da Igreja de Deus e freqüentado por alguns assembleianos migrados do Nordeste. Converteu-se lá, pouco antes da Assembléia de Deus resolver organizar uma igreja no Rio de Janeiro, à qual passou a assistir (Vingren, 1982, p. 127).

Paulo Leivas Macalão logo entrou em desacordo com os missionários suecos. “A força com que ele pregava, e a convicção com que dirigia seus ataques violentos contra o pecado, vinham sendo motivo de censura. Incompreendido, o irmão Paulo, em setembro de 1926, decidiu pregar, exclusivamente, nos subúrbios da Central” (CPAD, 1983, p. 37). Foi consagrado pastor por Pethrus em 1930 e se tornou efetivamente independente, embora sem

cisma formal. Já em 1937, abriu um trabalho em São Paulo, seguido por outros Estados do Sudeste e Centro-Oeste (Conde, 2005, p. 239). Entretanto,

a partir de 1938 às circunstâncias impuseram a existência de várias Assembléias de Deus independentes na capital, cada qual com responsabilidades e orientação própria. Serviram às igrejas nesse período os pastores Francisco Gonzaga da Silva, Bruno Skolimowski, Antonio Alves dos Santos, Cícero Canuto de Lima, Alfredo Reikdal, João Corrêa, Otávio José de Souza e Álvaro Mota (Ibid., p. 239).

A grande liderança de Macalão no Rio de Janeiro, capital da República, a mais importante cidade da época, onde a Igreja cresceu assustadoramente sem as perseguições típicas dos rincões do sertão; viria a ser (como é até hoje) o centro do poder da Igreja, por isto, Vingren deixa à Igreja de Belém e vai para o Rio. Entretanto, não esperava encontrar a resistência de Macalão. Se considerarmos a primeira reunião convencional, de 1923, até 1953 são trinta anos de hegemonia dos suecos na liderança, mas em 1937 Macalão, é o primeiro e único brasileiro, a assumir a presidência da Convenção. Por quê? (Alencar, 2000, p. 126).

Não há nenhum registro sobre este “acidente” na liderança sueca, mas o mais provável é que, o caldo do nacionalismo da época e as turbulências do período da Segunda Guerra, tenham feito os suecos se afastarem estrategicamente. Até porque sua “presidência” dura menos de um ano, pois de 38 a 46 não houve convenção. Macalão tinha uma certa simpatia pelos suecos e demonstrava uma aversão ao “modernismo” da Assembléia de Deus norte – americano (Ibid., p. 126).

A consolidação do Ministério de Madureira se torna um fato, rivalizando com a “Missão”, neste caso representado, no Rio, pela Assembléia de Deus no bairro de São Cristóvão. Em 1958, é eleito Pastor Presidente Nacional do Ministério de Madureira⁴⁹ e, em

⁴⁹ Isto é apenas um registro histórico, porque na prática ele já era há anos o presidente nacional. Nas Atas da Convenção de 47 (p. 37). Paulo Macalão fala de “seu campo”.

1960, lança um jornal próprio, *O Semeador*. Em 1988, o ministério é desligado da Convenção Nacional.

Vingren entrou de novo no trabalho que estava em plena expansão. O irmão Paulo Macalão sentiu a direção do Senhor de ocupar-se especialmente da obra nos subúrbios do Rio de Janeiro (Vingren, 1973, p.137).

Enfim, qual foi a razão da incompatibilidade de Macalão com os suecos? Alguns líderes insinuaram que foi porque “Paulo Macalão era muito firme na doutrina”,⁵⁰ mas isto poderia ser aceito se os suecos não fossem também “firmes na doutrina”. Legalistas tanto quanto Macalão (ele teve escola), os suecos não se sentiriam distanciados de alguém que prezava a disciplina. Se esta foi à única “razão” encontrada, ela não faz sentido, só nos resta a possibilidade de ser a luta pelo poder. Muito óbvia, aliás, em Macalão, pelo seu nacionalismo (Alencar, 2000, p.127).

Madureira versus São Cristóvão, no Rio; e *Belém versus Brás*, em São Paulo, são apenas exemplos de algo que aconteceu em todo Brasil, a partir da década de 50, tanto como prolongamento desta disputa como reprodução.

Prolongamento, porque à Assembléia de Deus de Madureira abriu muitas igrejas em diversos Estados do país, onde já haviam Assembléias de Deus locais, provocando dissidências intestinais: insatisfeitos e/ou disciplinados - tantos membros comuns como obreiros - de um determinado Ministério se transferiam para outro. A cena se repetiu - ainda se repete - com todos os demais Ministérios⁵¹.

⁵⁰ “Doutrina” na concepção assembleiana não é, como se espera desta palavra, uma teoria bíblica-teológica sobre os conceitos fundamentais, tais como: salvação, batismo, Deus, etc. “Doutrina” implica meros costumes que viraram padrões ético/dogmático, como, por exemplo, mulher não cortar cabelo, depilar as pernas, etc.; homens não jogar futebol, não beber nem refrigerante nas primeiras décadas, etc. Evidentemente, que não há apenas esta circunscrição folclórica, mas dentro da “doutrina” também cabem os conceitos teológicos fundamentais. No entanto, quando expressos principalmente pelos mais velhos, os “costumes das Assembléias” são mais importantes.

⁵¹ Em alguns Ministérios, as divisões foram traumáticas, ultrapassando a meros estilos de lideranças, chegando à luta física. No Ceará, por exemplo, na divisão do Ministério de Bela Vista e Templo Central, aconteceram diversas brigas físicas a ponto de a polícia ter que intervir. Conhecemos histórias e pessoas doentes como

Reprodução, porque o mesmo vai se repetir em diversos Estados e cidades. Os nomes que aparecem na liderança das Igrejas-sede, em 1930, se tornam pastores-presidente (equivalente a bispo, num sistema episcopal), com cargo vitalício, poder absoluto e incontestável, igrejas em amplo crescimento (financeiro e social), igrejas filiadas às centenas, é este caldo de cargos, poderes, dinheiro, status e rivalidades que produzem os cismas irreversíveis na história da Assembléia de Deus (Ibid., p. 127).

Uma igreja que nunca teve uma direção nacional instituída (inicialmente, não quis; posteriormente, não conseguiu), abriu espaço para figuras isoladas se fortalecerem. O discurso - oficial e oficioso - da igreja de ser contra organização (Conde, 1960), casa com a mentalidade personalística latina do caudilhismo (D'Épinay, 1970), com nuances de messianismo popular e o coronelismo nordestino. Em resumo, o sistema de Ministérios, deu-se devido:

1. *À síndrome de "Movimento"*: por não aceitar ser uma denominação se autointitulava de movimento, e era contra todo e qualquer tipo de organização;
2. *À ausência de uma liderança burocrática e o personalíssimo carismático dos líderes em disputa*: o grande líder original era Gunnar Vingren, mas morreu cedo. Não deixou à igreja organizada burocraticamente nem um substituto que tivesse carisma;
3. *Ao crescimento das igrejas nos grandes centros*: longe da perseguição e do trabalho mais duro, estas igrejas "enriqueceram" mais que as outras; fortes e importantes, não admitiam viver a reboque - financeiro e administrativamente - de outra;
4. *As rivalidades dos líderes*: pastor de uma igreja que cresce numericamente constrói templo e aumenta assim seu patrimônio, e tem uma infinidade de "discípulos/obreiros" ao seu redor, por que ele haveria de se submeter a outro?
5. *Ao fato de que Ministérios são grandes feudos*: onde cada chefe estabelece seu estilo, modelo de liderança, sua "doutrina" (por exemplo: consagração de presbíteros⁵²), suas idiosincrasias (em Madureira, por exemplo, nos anos 30 e 40, era "pecado" um obreiro não usar chapéu, porque o Pr. Macalão impunha isso) (Alencar, 2000, p. 128).

resultado disto. Durante anos, obreiros insatisfeitos ou alvo de punição por algum erro (não se tem como saber se com justiça ou não) mudavam de Ministérios e, ao sair, levavam metade da igreja consigo e, na nesta cidade/bairro, abria uma "nova Assembléia". Diversas igrejas têm uma história parecida com esta.

⁵² A hierarquia assembleiana tem a presumível pirâmide: na base, auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor, e no topo, o pastor-presidente. No entanto, até hoje, há alguns Ministérios que não consagram presbíteros, pois entendem que esta designação é sinônimo de pastor.

Em 1953 Macalão inaugurou o atual templo da sede em Madureira, Rio de Janeiro. Sendo que detalhes desta construção foram relatados pelo reverendo Isaías de Souza Maciel, presidente da OMEB (Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil) sempre manteve um relacionamento amistoso com o pastor Paulo Leivas Macalão. Segundo a liderança de Madureira, ele acompanhou de perto à construção do Templo e testemunhou fatos que muitos só passaram a conhecer depois que foram divulgados. Ele, no entanto, teve o privilégio de participar de cultos quando o Templo ainda não havia sido erguido. Como amigo íntimo do pastor Paulo Leivas Macalão, freqüentou sua residência e participou de reuniões de obreiros dirigidas pelo mesmo. Durante todo o desenvolvimento da obra, ali estava o reverendo Isaías de Souza Maciel presenciando, in loco, cada nova etapa da construção. Por isto, o seu relato é de suma importância para detalharmos alguns fatos que ocorreram e marcaram a construção do exuberante Templo Matriz das Assembléias de Deus no Brasil - Ministério de Madureira.

Foi no dia 14 de março de 1948 que Deus concedeu ao seu servo, pastor Paulo Leivas Macalão, e ao grande rebanho que ele liderava, a alegria de lançar a pedra fundamental do futuro templo da Assembléia de Deus de Madureira. Aquela majestosa Casa de Oração, que se tornaria um marco de bom gosto, beleza e funcionalidade entre às igrejas evangélicas do Brasil, foi surgindo pouco a pouco no terreno comprado com muita dificuldade na Rua Carolina Machado, número 174. Naquela época o povo de Deus não dispunha dos recursos de que dispõe hoje. Para que a construção se iniciasse foi necessário que os irmãos doassem suas pequenas economias. Outros ofertaram objetos que foram vendidos e o dinheiro, imediatamente, transformado em cimento, cal, madeira, pedra, areia e ferro. Paredes, colunas e a grande torre começaram a se erguer diante dos olhos atônitos e maravilhados dos que passavam na Rua Carolina Machado, como testemunho do que Deus pode fazer em resposta às orações e à união de um povo que o adora e serve com dedicação e fidelidade. No decorrer daquelas obras, por diversas vezes Deus interferiu com milagres. Não havia água no terreno. Vários poços foram cavados, mas a água não jorrou. Porém, quando os irmãos resolveram orar pedindo a Deus água, uma fonte jorrou impetuosamente no porão da igreja, e as obras foram supridas com água em abundância. Um inspirado biógrafo do pastor Paulo Macalão escreveu sobre aquele período de intensa atividade de construção do belíssimo templo: “Quem tivesse olhos espirituais para contemplar o espaço celeste que separava àqueles irmãos das santas moradas de Deus, certamente veria o grande número de anjos que subiam e desciam, ocupados em levar ao trono da Graça às orações daquela multidão que confiadamente suplicava a Deus pela conclusão daquela obra. No dia 1º de maio de 1953, o templo foi inaugurado. Uma multidão de quase oito mil pessoas reuniu-se ali para louvar ao Deus que lhes deu aquele suntuoso templo adornado de magníficos vitrais, de possantes colunas, de sublimes ramalhetes de flores pintados no teto, de bancos e portas fabricados com madeira de lei. O Senhor se fez sentir em todo o amplo espaço da nave, em todo o seu esplendor e plenitude. Durante as festividades de inauguração muitas autoridades civis e militares, se fizeram presentes. Enquanto o Hino Nacional era executado, a fita”.

simbólica foi desatada pelo representante do Presidente da República, e o pastor Paulo Macalão e a irmã Zélia, seguidos das autoridades convidadas e dos demais pastores do ministério local e pastores convidados entraram naquela magnífica casa de oração, que foi construída na terra, mas podemos dizer que tem suas janelas e portas espirituais abertas para o céu. Para acrescentar mais detalhes descritivos desse magnífico templo, recorro outra vez às palavras do citado biógrafo do pastor Paulo Macalão: “Seu interior, em estilo gótico, é cheio de uma certa majestade que faz interiorizarem-se os sentimentos, levando o coração e o espírito a adorarem a Deus. À noite, o amplo espaço da nave é invadido por uma suave luminosidade. Numa sucessão de curvas graciosas, arcos góticos, colunas entremeadas de ramagens floridas, cúpulas e pórticos de linhas dóceis, terminadas em curvas entrelaçadas de flores de gesso, a beleza surge espontaneamente diante dos olhos de quem se detiver a contemplar aquele templo do Senhor. A tonalidade suave das paredes, a largueza e amplitude do teto coroadado de ramalhetes de flores artisticamente pintados, contribuem para que as diminutas lâmpadas, ocultas sob os frisos que se salientam em meia-parede produzam, em vários pontos, um bordado luminoso de várias cores. Porém, a majestade de Cristo e o esplendor de sua presença é o que se busca ali, na súplica e no louvor do seu santo nome”. Que o templo-sede da Assembléia de Deus de Madureira continue a ser essa coluna de Deus na cidade do Rio de Janeiro, esse farol que há cinquenta anos vem iluminando e orientando a navegação espiritual de milhares de almas no escuro e perigoso mar desta vida. Hoje, este templo que abriga a Sede Nacional do Ministério de Madureira, tendo como presidente da Convenção Estadual o pastor Abner Ferreira, que também preside o grande rebanho do Senhor, tem como Presidente Nacional do Ministério de Madureira o bispo Manoel Ferreira. Ele é líder nacional e mundial do evangelismo na Seara do Senhor⁵³(www.admadureira.com.br).

Era gaúcho numa igreja de nortistas e nordestinos, filho de general, numa igreja de pobres. Mas, longe de levar à Assembléia de Deus a subir de nível social, ele tornou-se o líder absoluto dos mais miseráveis (Freston, 1996, p.90). Com ele, como diz a biografia oficial, “Jesus se apossava dos subúrbios” (CPAD, 1983, p. 35). Macalão vestia “um surrado terno lavado às pressas, e botas rústicas” (Macalão, 1986, p.38); um homem de origem militar, feito líder religioso das massas urbanas.

Com um estilo destemido e um rigorismo militar entrou em choque com os missionários, mas compreendeu as possibilidades do momento. Havia se convertido sem a ajuda dos suecos, e sua classe e formação social não o faziam disposto a aceitar as peias desses homens que, embora estrangeiros, eram socialmente seus inferiores. Não tinha disposição de ser controlado por um sueco; queria - e conseguiu - impor seu próprio estilo.

⁵³ O Reverendo Isaias de Souza Maciel é membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil e presidente nacional do SASE, da OMEB, da COMBRASE, da APE, e ainda diretor presidente da Rádio Boas Novas.

Mas, a estrutura caciquista, então, em formação, permitiu que a sua cisão autonomista produzisse apenas um novo “ministério” dentro da Assembléia de Deus, e não uma nova denominação independente. Há indícios de uma influência nacionalista, à qual Macalão, com seus vínculos militares, teria sido especialmente suscetível no período após a Revolução de 1930 (Freston, op. cit., p.91). Paulo Macalão foi beneficiado por ser presidente vitalício, dirigiu a sua obra com grande liderança e mão firme até sua morte em 1982.

Sempre cultivou vínculos com os militares. Sua morte foi o sinal para que os outros líderes assembleianos aumentassem a pressão contra Madureira, talvez esperando que implodisse. Cresceram as acusações de “invasão de campo” e desrespeito às normas da Convenção Geral, culminando na exclusão de Madureira em setembro de 1989. Com isso, a Convenção Geral deixou de representar talvez um terço da Assembléia de Deus no Brasil. Agora, livre de constrangimentos, Madureira tem se expandido a todos os Estados, extrapolando a faixa do Centro-Sul que é sua base histórica. Campinas ilustra a dinâmica do conflito entre a “Missão” e “Madureira”. Um missionário sueco fundou a primeira igreja lá em 1936. Mas, diante de suas dificuldades em viajar durante Guerra, sugeriu que à igreja convidasse Madureira a enviar um pastor, o que foi feito. Desacostumados com o maior rigor legalista de Madureira, muitos crentes saíram. Em 1950 a “Missão” decidiu abrir outra igreja. Posteriormente, a igreja que era de Madureira “se rebelou” sob a liderança de um pastor dissidente e se tornou autônoma. Aí, Madureira abriu uma obra própria, a terceira Assembléia de Deus da cidade. Diz um crente antigo: “Agora, as três igrejas se dão melhor. Não se unem, mas pelo menos não estão em pé de guerra como antes, cada um tentando desfazer o trabalho da outra, cada uma quase escondendo seus crentes para outra não roubá-los (Freston, op.cit., p. 91).

O cisma é das lideranças e possivelmente será superado. Mas, a duplicação institucional por parte de Madureira (editora própria), sugere que não. Editoras são importantes na institucionalização de igrejas pentecostais, pois dão poder financeiro a quem as controla e se tornam “cabides de emprego” para pastores. No caso da Assembléia de Deus, a Casa Publicadora (CPAD), fundada em março de 1940, teve um papel central. Ao contrário da educação teológica, o jornalismo não encontrou nenhuma restrição por parte dos suecos, os quais iniciaram o primeiro jornal pentecostal em 1917.

A convenção realizada em Natal, Rio Grande do Norte, no mês de outubro de 1930, determinou que os dois jornais existentes, Boa Semente e Som Alegre se fundissem, e no lugar deles fosse publicado um novo jornal que funcionasse como o órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil. O título escolhido foi Mensageiro da Paz, cujo primeiro número saiu em 1º de dezembro de 1930 (Conde, 2005, p. 310). No final dos 70, começou a ser vendido em bancas de jornal e, em meados da década seguinte, chegou a uma tiragem de 300.000 exemplares mensais. Em seguida, caiu para 50.000, evidenciando uma crise séria na Assembléia de Deus. A CPAD tornou-se, nas palavras de um ex-editor, “um cavalo de sela muito bem equipado que todo mundo quer sentar em cima”. Era a principal fonte de renda para a Convenção Geral, a qual era deixada à míngua pelos caciques regionais. “Temos que começar a questionar o que tem sido feito com o lucro da CPAD”, brada um jornal assembleniano de linha dissidente (O Alerta, novembro de 1989, p. 7).

Hoje, a Assembléia de Deus tem passado por um processo de ascensão social. “Há uma acentuada preocupação com a respeitabilidade social e orgulho nos êxitos educacionais e profissionais dos membros” (Freston, 1996, p. 92). A Assembléia de Deus quer se distanciar de grupos como a Universal do Reino de Deus. Os cultos se tornam mais comedidos, principalmente, nas igrejas-sede para onde gravitam às pessoas em ascensão e onde os membros humildes das congregações de bairro já não se sentem à vontade. Com o passar do tempo, muitos fiéis começaram a ingressar nas universidades, e o questionamento ao radicalismo defendido até então aumentou. Despontava, assim, no cenário brasileiro, uma nova geração de crentes que rompeu com as práticas radicais do pentecostalismo e alteraram os usos e costumes, a liturgia, a cosmovisão, a eclesiologia e a espiritualidade (Romeiro, 2005, p. 76).

Um dos sinais da passagem para “igreja erudita” é a preocupação com a história. “Quanto mais erudita a igreja, tanto mais ela procura controlar, entre seus fiéis, narrativas

não-oficiais sobre os seus próprios começos” (Brandão, 1986, p. 262). O Mensageiro da Paz na década de 80, publica uma série de editoriais com o título “vamos preservar nossa história” (Mensageiro da Paz, novembro de 1984, p.3).

A Assembléia de Deus hoje em dia parece uma enorme banheira enchendo constantemente de água, mas com profundas rachaduras e água saindo de cima pelo “ladrão”. Ficou demasiadamente diversificada em termos sociais para continuar como estava, mas hesita entre opções contraditórias para o novo momento. Já tem todas as classes dentro dela, desde empresários de porte razoável até mendigos (Freston, 1996, p. 94). Observamos que muita coisa mudou. Os bens materiais já não são inimigos da fé a serem combatidos, mas grandes aliados na busca da felicidade e do sucesso. A preocupação com o céu, com a vida após a morte e com o retorno de Cristo arrefeceu sensivelmente, dando lugar à busca das bênçãos financeiras e da solução de problemas e conflitos.

Há uma tensão entre o desejo de aderir explicitamente a valores burgueses, e a tradição assembleiana de um certo populismo religioso que tende a gloriar-se na escolha dos humildes por parte de Deus. Mas, a nova geração de homens de negócios tende a rejeitar não só os elementos disfuncionais do moralismo restritivo, como também à própria tendência de idealizar teologicamente a pessoa “humilde”. Isso causa uma perda de atratividade pelos fiéis (Romeiro, op.cit., p. 76).

Nos anos 50, nos Estados Unidos, a subida de status social de uma camada de leigos ainda excluídos das esferas decisórias pelo clericalismo da Assembléia de Deus levou à formação da Associação de Homens de negócio do Evangelho Pleno (Adhonep), a qual se implanta efetivamente no Brasil nos anos 80. Mas não é suficiente para resolver o problema.

Ocorre também uma série de vazamentos do topo da Assembléia de Deus, na classe média e estudantil, pessoas cujas experiências de vida colocam-nas em contato com um mundo mais amplo. Estes vazamentos assumem a forma, ou de transferências para igrejas

“renovadas” e para as “comunidades evangélicas”, ou do desligamento de igrejas inteiras da Assembléia de Deus. O objetivo é o mesmo: a busca de algo que mantenha a tradição carismática de uma religião entusiasta, mas sem os tabus legalistas. Segundo um pastor que liderou um desses cismas, a Assembléia de Deus perdeu a maior parte da atual geração de jovens que fazem estudos superiores. A taxa de crescimento também está diminuindo por causa das lutas intestinas dos caudilhos. Podemos acrescentar que, mesmo quando não estão em luta, a formação cultural ultrapassada que representam, faz com que percam terreno para grupos pentecostais mais novos, com menos tradições arraigadas para dificultar sua adaptação à moderna cultura urbana brasileira (Freston, 1996, p. 95).

Depois de algumas sangrias, causadas pela questão dos “costumes”, pode ser que a Assembléia de Deus acabe aceitando as suas novas igrejas de classe média e média alta. A pressão de fazê-lo deve ser grande, pois representam dinheiro e apoio político, e seus pastores não podem ser coagidos, porque têm futuro garantido com o respaldo de congregações prósperas. Mas, se a denominação viesse a aceitá-las, aceleraria o processo de mudanças: de “costumes”, de etilo de culto, de formação de ministros e, por conseguinte, de linha política. Na questão política, haveria um fracionamento entre os conservadores da teologia da prosperidade e os progressistas em contato com correntes teológicas mais amplas do mundo protestantes. Em todo o caso, a atual política corporativa seria atenuada (Ibid., p. 95).

A cúpula da Assembléia de Deus admite que o crescimento tem sido menor, mas a reação não promete mudanças substanciais a curto prazo. De um lado, procura-se reascender a chama sectária (Mensageiro da Paz, julho de 1988, p. 6-7). Num artigo contra a utilização nas igrejas de play-backs com vozes de incrédulos, ou mesmo instrumentistas que sejam incrédulos, o diretor da Casa Publicadora afirma que “o mundo jamais fará coisa alguma para agradar a Deus... O povo de Deus não somente é diferente, mas é também melhor”. Não se trata de qualidades morais aqui, mas capacidades técnicas.

A mesma atitude permeia às repetidas afirmações políticas de que “nós somos a resposta”. Do outro lado, busca-se reacender a chama conversionista. Os anos 90 foram decretados pela Assembléia de Deus do mundo inteiro a “Década da Colheita”. A Igreja do Brasil estabeleceu o alvo de 50 milhões de convertidos, ou seja, de que um em cada três brasileiros fossem membros da Assembléia de Deus até o ano 2000 (Mensageiro da Paz, julho de 1989, p. 20).

A Divisão de Missões Estrangeiras da Assembléia de Deus norte-americana publica estatísticas para todos os países onde possui missionários. Segundo as tabelas para 1990, os Estados Unidos possuem em torno de 2 milhões de assembleianos; nenhum país estrangeiro chega perto disso, com exceção do Brasil, o qual registra um total de 14.400.000 membros da Assembléia de Deus.

Nem seus irmãos americanos conseguem esconder a descrença: Os números brasileiros, como registrados pela igreja nacional e aqui publicados, são difíceis de verificar independentemente. Freston calcula que a Assembléia de Deus gira hoje em torno de 7 milhões de pessoas (1996, p.96). Os dados do último Censo pelo IBGE (2000), ilustram bem esse crescimento. Naquele ano havia no Brasil 17,7 milhões de brasileiros incluídos na categoria de pentecostais, o que equivale a 67,65% do total de 26,2 milhões de evangélicos. Desse número de pentecostais, 47,47% pertenciam à Igreja Evangélica Assembléia de Deus, chegando a um número de mais de 8,4 milhões de fiéis (Revista Usp, setembro/novembro 2005, p.113).

Assim a influência política está garantida por muito tempo, seja qual for o cenário do futuro: se continuar crescendo, pelo peso numérico; se estagnar, acelerando o processo de abertura e reformulação teológica, pela conversão do seu já amplo público em alvo de projetos rivais de atuação política de conteúdo mais nitidamente ideológico (Freston, 1996, p. 96).

CAPÍTULO III

Panorama histórico da Assembléia de Deus em São Mateus

1.1 Introdução

Este capítulo tem como objetivo dar um panorama sobre a região de São Mateus, onde está situada a igreja que é nosso objeto espacial de estudo. Abordaremos a questão de magias populares ou milagres institucionalizados, trabalharemos com a hipótese da existência de uma tensão entre elas. Portanto, não só as definições como os depoimentos realizados nesse capítulo nos darão por antecipação subsídios para desenvolvermos algumas análises que nos mostre a possibilidade de que mesmo com a existência de um sincretismo religioso, é possível uma harmonia social, pois todas essas diferenças estão sobre uma tolerância religiosa, uma tolerância religiosa popular e institucional.

O ocidente, nos últimos cinco séculos, passou por vários processos históricos de caráter eminentemente secularizante: renascimento, reforma protestante, iluminismo, revolução industrial, urbanização crescente, ascensão das ciências exatas, biológicas e humanas, emancipação da educação do poder eclesiástico e sua virtual socialização para o conjunto da população, separação da Igreja do Estado, laicização da cultura e dos valores e ampliação do pluralismo religioso.⁵⁴

⁵⁴ O pluralismo religioso, antes de representar eventual “reencantamento do mundo”, colabora para a secularização, já que o aumento da concorrência relativiza as definições religiosas tradicionais da realidade e acarreta racionalização das estruturas religiosas. Cf. Peter Berger, *O Dossel sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*, São Paulo, Paulinas, 1985, p.139-64.

O Brasil, sobretudo da segunda metade do século XIX em diante, paulatinamente passou a beber dessas mesmas fontes modernizantes. Com isso, hoje, pode-se afirmar tranquilamente que os elementos estruturais e simbólicos hegemônicos constitutivos deste país, como escreveu Reginaldo Prandi, “são tipicamente capitalistas, racionais, burocratizados, dessacralizados... Suas instituições, seus governos, mercados escolas, meios de comunicação, tudo é não-religioso... O comportamento esperado é sempre o fundado na razão”.⁵⁵

Apesar dessa extensa secularização, que corrobora em grande parte as previsões, cada vez mais freqüentes a partir do advento do Iluminismo, de um progressivo e inelutável processo de “desencantamento do mundo”, paradoxalmente, deparamos, no Brasil, em pleno século XXI, com o extraordinário crescimento de religiões densamente sacrais, mágicas. Surpresa igual sucede quando se observa que esse crescimento, contrariando a tese que vinculava e, em muitos casos, até restringia a magia às áreas e populações rurais, vem ocorrendo mais rápida e intensamente nas metrópoles e nos médios centros urbanos industrializados, os quais, hipoteticamente, estariam destinados a ser lócus privilegiado da racionalidade científica e da tecnologia de ponta, provocando a retração inexorável do pensamento mágico e de suas variantes nas regiões sob seu domínio (Thomaz, 1991, p. 524-541).

Se a pobreza, a marginalidade social, a baixa escolaridade e até o analfabetismo aparecem fortemente correlacionados com o crescimento do pentecostalismo, por exemplo, o mesmo não ocorre com estas últimas. Indicadores de renda e escolaridade mostram-se, pois, insuficientes para explicar o avanço atual desse tipo de religiosidade notadamente mágica, uma vez que tanto multidões de pobre-semi-analfabetos quanto expressivos segmentos da classe média escolarizada têm aderido, ainda que de modo, em grau e direções diversos, a tais

⁵⁵ Cf. Reginaldo Prandi, “Cidade em transe: Religiões Populares no Brasil no Fim do Século da Razão”, in Revista Usp, nº 11, 1991, p. 65.

religiões, práticas e crenças. De onde provém tamanho êxito, tanto poder? De nossa própria sociedade, ou, melhor, de significativa parte dela, já que é em seu interior que a mensagem religiosa da Assembléia de Deus faz sentido, mostra-se eficaz e conquista multidões de adeptos. Como estes, milhões de brasileiros (em sua maioria católicos não praticantes) percorrem diariamente as mais diferentes religiões à procura de uma “magia superior” para organizar a vida, superar dificuldades do cotidiano. Por que fazem isso? Fazem não porque careçam necessariamente de outros meios e opções, mas, sim, porque, imersos num caldo cultural hiper-religioso, acreditam a priori que podem sanar seus problemas através de seres sobrenaturais, rituais religiosos, procedimentos mágicos (Revista Usp, 1996, p. 125).

A igreja estabeleceu deliberadamente, com pleno conhecimento de causa, um sistema de magia organizado, por sinal, bem elaborado, e se propõe, por intermédio mesmo de poderes sobrenaturais, a resolver os problemas terrenos de seus fiéis. É justamente para atender eficientemente a tais interesses e necessidades de sua clientela, pródiga em demandar soluções mágicas, que ela organiza e racionaliza sua oferta de serviços religiosos. Verifica-se isso, de imediato, na rotinização da dispensação das graças divinas e na fixação de uma programação de cultos e rituais para prestar atendimento especializado a problemas determinados. Assim todos os dias da semana a igreja oferece cultos, oferecendo soluções sobrenaturais para quem deseja prosperidade, cura física, para problemas familiares, libertação espiritual e culto de adoração a Deus, portanto supostamente sem caráter utilitarista, na realidade, são enunciados como capazes de criar maior intimidade entre o fiel e Deus, modalidade de relacionamento que, na cosmovisão difundida pela igreja, tornaria este ainda mais generoso e atento às necessidades dos devotos, “desinteressados ou não”.

Contribui para a intensa freqüência desse embate espiritual o fato de seus pastores e fiéis enxergarem a atuação divina e demoníaca nos acontecimentos mais insignificantes do cotidiano. Para eles, não há acaso. Tudo é prenhe de sentido e a Bíblia, a verdade eterna,

contém todas as respostas de que necessitam. Daí a banalização de fenômenos sobrenaturais nesta igreja e, de modo geral, nos meios pentecostais, os quais - diferentemente dos grupos e teólogos cristãos liberais, para quem os demônios não passam de metáfora, abstração – não estão nem um pouco dispostos a abrir mão do sentido que o personagem do Diabo e a de seu criador e oponente, Deus, são capazes de conferir à caótica e precária vida humana. Este, sem dúvida, constitui bom exemplo do protesto liberador, de que nos adverte Levi-Strauss, do pensamento mítico “contra a falta de sentido com o qual a ciência, em princípio, se permitiria transigir” (Strauss, 1989, p. 37-38). Transigência a que se permitem também os adeptos da secularizada teologia liberal, cuja interpretação bíblica fundamenta-se nos métodos e na epistemologia das ciências humanas. Assim, passados dois milênios, a boa nova de que Cristo e seus seguidores possuem poder e autoridade para derrotar Satanás e seus demônios, como salientou Weber a respeito do cristianismo primitivo, firma-se agora como uma das mais destacadas e eficazes promessas dos pentecostais.

1.1 São Mateus (distrito de São Paulo)

São Mateus é um distrito localizado no Extremo Leste da cidade de São Paulo, a aproximadamente 18 km do Centro. Loteado a partir de 1948, somente a partir de 1956 teve seu desenvolvimento mais acelerado, devido ao grande desenvolvimento econômico do ABC e à forte migração para São Paulo (principalmente de mineiros, portugueses, japoneses, pessoas oriundos do interior de São Paulo e nordestinos).

1.2 Aspecto demográfico

Em termos demográficos a região de São Mateus possui, de acordo com os dados do Censo de 2000, uma população de **381.605 habitantes**, representando 3,6% da população total do município de São Paulo. Em comparação com os dados dos Censos anteriores (1980 e 1991), e da contagem populacional de 1996, ambos do IBGE, a população apresentou significativas mudanças em sua evolução. Comparando-se com as décadas anteriores verificamos que em 1980 a população desta região atingia pouco mais de 220.000 habitantes, e em 1991, cerca de 300.000. Para 2010, segundo dados disponíveis de SEMPLA, a população de São Mateus deverá crescer em mais de 110.000 pessoas, chegando a aproximadamente **493.000 habitantes**. Todavia vale destacar que a população da região já é comparável a vários centros urbanos da grande São Paulo, como os municípios de São Bernardo do Campo, São Caetano, entre outros.

Segundo dados da sub-prefeitura de 2004, a região de São Mateus tinha 2586 estabelecimentos de empregos, sendo que a maioria encontra-se no comércio com 1348 estabelecimentos e 451 indústrias, gerando aproximadamente 26.948 empregos. Na região encontra-se 92 escolas oferecendo 61.343 vagas para seus alunos, e a taxa de analfabetismo está na faixa de 6,53%.

A região de São Mateus tem 5 hospitais disponibilizando 978 leitos, com aproximadamente 7.550 crianças que nascem por ano e 1735 óbitos. São encontradas 45 favelas, sendo que 38.770 pessoas moram nelas, 3 terminais de ônibus, 4 (reservatório de água) piscinões, 1 clube e 8 (CDMs) clube desportivo municipais.

1.3 Mapa da região de São Mateus



1.4 História de São Mateus

A história de São Mateus remonta ao século XIX. Mais precisamente ao ano de 1.842, época em que existia uma fazenda de propriedade de João Francisco Rocha, onde se criavam cavalos, carneiros e bois. Posteriormente, a fazenda foi adquirida por Antônio Cardoso de Siqueira, que optou por dividi-la em 5 (cinco) glebas⁵⁶. Já no século XX, na década de 40, tudo não passava de uma grande fazenda: a Fazenda Rio das Pedras. Em 1.946, uma gleba de 50 alqueires de terras foi vendida à Família Bei (Mateo e Salvador Bei), dando origem à fazenda São Mateus.

Dois anos depois da aquisição das terras, em 1948, Mateo Bei, o patriarca da família, decide lotear a área e vende os primeiros lotes com total sucesso, surgindo dessa iniciativa o bairro de São Mateus. Para personalizar a importância dela, foi celebrada a primeira missa em ação de graças, no dia 8 de Dezembro do mesmo ano, pelo bispo Dom Antônio de Macedo.

⁵⁶ Porção de terra não urbanizada.

"Cidade São Mateus" foi o nome escolhido por Salvador Bei, em homenagem ao pai, Mateo Bei, que mais tarde teve seu nome dado, também, à primeira avenida do bairro (atualmente, o principal ponto de referência do bairro). O termo cidade foi empregado porque todos da Família Bei tinha convicção de que o bairro um dia se transformaria em uma grande cidade.

Nildo Gregório da Silva, já falecido, foi quem iniciou o trabalho de abertura das ruas em 16 de Dezembro de 1946, às 7 horas da manhã. Foi puxando burros, que ele, então, dava à abertura da Avenida Mateo Bei, exatamente no marco "zero", na Avenida Caguaçu, mais tarde Avenida Rio das Pedras. Em meio às recordações, Nildo Gregório da Silva, funcionário de uma empresa e responsável pela terraplanagem da Avenida, conta como tudo aconteceu: "Naquela época, eu morava em São Miguel Paulista e a minha empresa foi contratada por Mateo Bei para fazer o serviço. Não medimos esforços e sob o sol que despontava, demos início às obras, num clima de euforia e dedicação".

Mas Nildo continuava residindo em São Miguel. Para chegar em São Mateus às 8 horas, tinha que sair de casa às 3 horas da madrugada, tomar três conduções e ainda andar cerca de 12 quilômetros a pé até o Largo Carrão para pegar outro ônibus. Essa via-sacra durou três anos, quando apareceu um pau-de-arara, muito comum na época, fazendo lotação. Ele trabalhou durante anos na aberturas das ruas e, em pouco tempo, assumiu a identidade de um defensor do bairro.

Foi Nildo Gregório da Silva quem fundou em 1952, a Associação Divulgadora "A Voz da Colina", um instrumento para as reivindicações de melhorias da região em diversos setores: transportes, educação, saúde e lazer. "Entra no ar a nossa divulgadora A Voz da Colina, uma voz amiga que cruza os céus de Piratininga". Esse prefixo ficou na história de São Mateus.

Mateo Bei foi, também, um lutador incansável que dedicou-se à formação cultural e sócio-econômica de São Mateus. Foram muitos anos de perseverança e fé. E, em

agradecimento a tudo que fez por São Mateus, seu nome foi dado a uma praça, situada no início da avenida Mateo Bei. Vindo a velhice, seus descendentes continuaram a trilhar pelo caminho que lhes ensinara o tenaz batalhador, da propriedade que a todos honra. Algum tempo depois os filhos e o genro adquiriram para mais de um milhão de metros quadrados, na antiga "Fazenda do Oratório" em homenagem ao respeito e às lições deixadas pelo ente querido; lotearam-na, fazendo da gleba uma verdadeira comunidade - que culminou em mais do que isso: um bairro-cidade. Deixando um legado de lutas e conquistas como herança aos familiares e aos moradores de São Mateus, Mateo Bei faleceu em 11 de maio de 1956.

Esforço e dedicação sempre estiveram presentes na História da Cidade de São Mateus. Um bairro que nasceu e cresceu através das lutas populares. Aqui, pessoas de credos, raças e tendências políticas, das mais diversas, se reuniram num só objetivo: Transformar este lugar da Zona Leste da Capital num bairro de fato. Assim, era chegada a hora do comércio ocupar seu espaço e dar um novo impulso ao recente bairro. O primeiro ponto comercial do bairro surgiu em 1949, o Empório do Eustáquio, seguido pelo Empório do Maninho no ano seguinte.

Os lotes da Avenida Mateo Bei valorizavam a cada dia (o valor de um lote de 350 m² custava 7.500 cruzeiros) e a solidariedade foi o fator básico para o crescimento de São Mateus. A Loteadora Bei Filho doava 500 telhas e dois mil tijolos aos novos proprietários (material este transportado das olarias em carros-de-boi), que, através de mutirões, levantavam suas casas. Tudo era muito difícil naquela época, principalmente o transporte. Como não havia empregos no bairro, os moradores tinham de se deslocar para o centro ou então para os outros bairros. No início a Jardineira do Manoel, ou pau de arara, era o único meio de transporte e levava os moradores até o Largo do Carrão. Em 1950 dois ônibus começaram a fazer o itinerário até a avenida João XXIII. O percurso era longo e as ruas cheias de buracos e poeira. Os passageiros tinham que dividir o espaço com galinhas e outros animais, além das tranqueiras que eram transportadas. Em dias de chuva, era impossível

realizar todo o percurso, sendo necessário várias baldeações. Foi somente em 1952 que a primeira linha de ônibus coletivo passou a funcionar (através da Empresa Cometa) indo até a Avenida Sapopemba. Depois veio a empresa de ônibus Vila Carrão. Outras empresas se instalaram no bairro nas décadas de 70 e 80, contudo, até os dias de hoje o transporte é um dos principais problemas do bairro.

Foi na década de 50 que os moradores se organizaram para pedir melhorias. Primeiro pediram escolas, iluminação e transporte. Depois, a luta foi pela implantação do asfalto, redes de água e esgoto, iluminação pública e outros serviços, como delegacias e agência dos Correios. A construção de uma escola para São Mateus foi uma luta árdua dos moradores, pois a escola mais próxima distanciava sete quilômetros, entre Vila Nova Iorque e Vila Antonieta. A maioria das crianças ia a pé, porque não dispunha de dinheiro para pegar condução. Segundo constam os historiadores, em 1952, o estupro de uma criança de dez anos foi à gota d'água para que outra luta começasse. Somente em 1955, a Secretaria da Educação e Cultura construiu um galpão de madeira. Era a primeira escola de São Mateus que nascia.

São Mateus é um bairro que tem uma história de lutas, tem a oferecer a seus moradores uma perspectiva de desenvolvimento que foge à estagnação econômica e ao pessimismo de alguns. São Mateus, até pelos exemplos de seu fundador Mateo Bei, não tem decepcionado aos que aqui investem - os que lutam em seu dia-a-dia, com perseverança e dinamismo, estão aí, no comércio, nos negócios e na vida cotidiana, colhendo os frutos.

Hoje São Mateus tem praticamente tudo: têm um comércio forte e diversificado em sua principal avenida, a Mateo Bei, e conta com várias agências bancárias, indústrias e setores de prestação de serviços. Recentemente, a briga foi pela implantação de um Cartório de Registro Civil, vitória esta conquistada com sua inauguração em 05/06/2000. Agora, a comunidade se esforça para organizar um movimento pela implantação de um Fórum: mais

uma luta em prol do desenvolvimento. Tem também um grande parque industrial, o São Lourenço, e vem crescendo muito no setor de serviços, em 30 de Abril de 2007 a região entrou com pedido de emancipação administrativa junto a Assembléia Legislativa de São Paulo⁵⁷.

1.5 Início da Assembléia de Deus Ministério de Madureira em São Mateus

A partir de uma análise sobre a Reforma Protestante, iremos perceber que além de romper a unidade do cristianismo no Ocidente, representou radical ruptura com os aspectos eminentemente mágicos do catolicismo medieval. Considerado por vários estudiosos um dos promotores da secularização ocidental, por seu combate sem tréguas aos elementos mágicos, muito deles de origem pagã, presentes na Igreja Católica e mesmo em certas ramificações protestantes, nada permitia prever que, séculos mais tarde, este protestantismo, já no Novo Mundo e com outras configurações, daria origem a uma religião de notável feição magicizante.

Pois é este o caso do pentecostalismo, que, embora seu herdeiro distingue-se teologicamente do protestantismo, grosso modo, por pregar, baseado em Joel 2:38, Atos 1:8 e Atos 2, a contemporaneidade dos (nove) dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura, discernimento de espíritos. Isto é, o pentecostalismo, nascido em pleno século XX, ressuscita práticas religiosas e mentalidades próprias do cristianismo primitivo, ao apregoar, distintamente do protestantismo reformado, que Deus continua a agir hoje tal como no passado bíblico, curando enfermos, expulsando demônios,

⁵⁷ Esses dados históricos foram adquiridos na sub-prefeitura de São Mateus.

concedendo bênçãos e dons espirituais, fazendo milagres, intervindo na história e na vida cotidiana de seus servos (Prandi, 1991, p. 65-69).

Da mesma forma, a teoria criacionista, as histórias de Adão e Eva, Noé e sua arca, Jonas e o peixe, Davi e Golias, o nascimento virginal de Cristo, enfim, todo o ideário mítico inscrito nas Escrituras (para eles, a verdade imutável divinamente inspirada) encontra nos pentecostais seus mais ardorosos defensores, e a Assembléia de Deus em São Mateus não é diferente.

Segundo a história oficial dessa igreja (Anexo 1.3) - inaugurada em 1947/48 a Assembléia de Deus de São Mateus era uma igreja ligada ao Ministério de Madureira, Campo do Brás, mas conseguiu sua emancipação em 1964, tornando-se campo autônomo, ligado diretamente a Convenção Nacional de Madureira.

As primeiras congregações deste campo foram: Relógio e Jardim Colonial. Hoje são mais de 200 (duzentas) congregações, e aproximadamente 20.000 (vinte mil) membros, sendo que na sede congregam aproximadamente 2.000 (dois mil membros).

Em 1998, a sede foi transferida para um salão com área de 3700 m², na própria Avenida Mateo Bei, 263, sendo por aluguel com contrato de 30 meses. Segundo o Pastor, “foram diversas revelações e profecias de que seria da igreja este local”. A Igreja adquiriu o referido imóvel em 10 de julho de 2001 e desde 02/09/2000, o campo é presidido pelo Pastor Deiró de Andrade.

Com maior facilidade é possível encontrar em algumas congregações, o efeito do pentecostalismo, oferecendo no cotidiano de seus cultos, conhecer Jesus, ter um encontro com Ele e seguir seus ensinamentos constituem, acima de tudo, meios infalíveis de o converso se dar bem nesta vida e neste mundo, relegando o velho paraíso celestial a segundo plano. Daí a tarefa primordial desse Deus – razão, aliás, pela qual Ele é tão assediado, pressionado e até desafiado por seus servos – ser a de abençoá-los abundantemente no presente. Baseiam-se em

promessas e rituais para prosperidade, cura física e emocional, libertação de demônios, resolução de problemas familiares e afetivos. Apropriados de modo utilitarista, funcionam como verdadeiros prontos-socorros espirituais para atender demandas de problemas do cotidiano de populações carentes e de indivíduos em crise (Revista USP, 1996, p. 124-125).

Podemos definir tais práticas segundo Pierucci (2001, p. 9) como crença mágica, pois, “reside na suposição de que alguns seres humanos são capazes de controlar forças ocultas (pessoais ou impessoais) e intervir nas leis da natureza por intermédio de técnicas rituais. Predizer o destino de alguém e curar uma doença”.

1.6 A liderança carismática

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus, é uma igreja que teve um crescimento fabuloso nos últimos 7(sete) anos, cresceu aproximadamente 7.000 (sete mil) membros e hoje são mais de 200 (duzentas) congregações, e aproximadamente 20.000 (vinte mil) membros, sendo que na sede congregam aproximadamente 2.000 (dois mil membros).

Este crescimento é atribuído unicamente à liderança de uma única pessoa, o seu líder máximo, Pastor Deiró de Andrade. Quando lhe foi perguntado se a igreja cresceu com a sua gestão, ele afirma que sim e os números comprovam isso. Veja a sua resposta:

Deus fez crescer a obra. Na verdade pastor não sabe fazer crescer igreja. Eu costumo dizer que se o pastor não atrapalhar, a igreja cresce, porque a semente é boa, a palavra é boa, o campo é fértil, e quem dá o crescimento é Deus. Nós chegamos aqui tinha 63 congregações, dentre essas uma boa parte delas no interior, demos autonomia pra várias igrejas, são campos filiados a nós, tem presidente, pastores, cujo estatuto está vinculado a nós, é o caso de Alfenas, Campos Gerais, Três Pontas, Ponta Grossa, Pedro de Toledo, Parnaíba no Piauí, Sarandi, Ourinhos, com isso diminuiu bastante o número de congregações, e Deus nos abençoou tanto que foram abertas muitas congregações. Hoje nós temos em São Paulo, 128, mais as que estão fora já passaram de 200 congregações, neste caso eu entendo que cresceu. Foram adquiridas muitas propriedades e nessas incluímos a Sede, que é um patrimônio

fantástico, histórico e tivemos um crescimento em mais de sete mil membros. Então, acredito que Deus tem abençoado muito e tem feito crescer. A obra é de Deus, Deus faz crescer a obra.

Antes do Pastor Deiró de Andrade chegar em São Mateus, seus respectivos membros eram tristes, desanimados, sem perspectivas de progresso, pois os diversos cismas, e principalmente os dois últimos foram muito traumáticos⁵⁸, muitos foram embora da instituição e outros não participaram mais de instituições eclesiásticas.

O povo estava sofrendo e esperava ansiosamente que alguém revertesse o quadro de apatia⁵⁹ espiritual dos seus membros. Era como se fosse à espera de um novo Messias, que trouxesse a alegria novamente. Geralmente nestes casos de esperança, é quando nasce a pessoa do carisma. Weber comenta que:

A validade do carisma decide o livre reconhecimento deste pelos dominados, consolidado em virtude de provas – originariamente, em virtude de milagres - e oriundo de entrega à revelação, da veneração de heróis ou da confiança no líder. Mas esse reconhecimento (em caso de carisma genuíno) não é a razão da legitimidade; constitui, antes, um dever das pessoas chamadas a reconhecer essa qualidade, em virtude de vocação e provas. Psicologicamente, esse “reconhecimento” é uma entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo ou da miséria e esperança (1999, p. 159).

E essa pessoa na visão da igreja é o Pastor Deiró de Andrade, pois ele está acima de qualquer questionamento devido a sua grande liderança.

Quando algumas pessoas foram indagadas sobre a seguinte questão:

Você acha que a igreja melhorou com a gestão dele?

Alguns responderam:

⁵⁸ Essas cismas foram ocasionadas pelos Pastores Moacir Ferreira e Moacir de Oliveira.

⁵⁹ Apatia neste sentido seria o não desejo de divulgar a sua fé a outras pessoas que não professam a mesma crença.

Menino, nem fala. Com ele, nem se compara, até pra te falar a verdade eu me sinto outra pessoa depois que estou congregando com Pastor Deiró, meus filhos, minhas filhas, meus netos, pra mim é um homem de Deus. Quando fala alguém, que ah! Pastor Deiró vai sair do Campo de São Mateus, só Deus sabe como meu coração fica, me sinto triste, porque pode ter alguém igual, mas melhor do que ele não.

Muito! Muito! Muito! Pastor Deiró veio pra cá, eu ainda lembro de São Mateus, apesar de congregar aqui em São Mateus há seis anos, mas nós tivemos sempre muito amor por este campo de São Mateus, e nós visitávamos muito, vinha muito em cultos, e nós presenciamos vários confrontos infelizmente. Vários confrontos sempre, até evangélicos lutando por uma cadeira, um lugar, querendo posição, e São Mateus foi destruído daí. Eu costumo dizer que São Mateus é Israel de Deus aqui no Brasil, porque era tanta luta, Deus levantou o rei andou na sua presença, de repente saiu da presença de Deus, e Deus levantou outro, e assim eu vejo o pastor Deiró, como o representante legal de Deus, e mudou muito, essa igreja enorme tinha dez membros, pagando-se aluguel, hoje não se dá pra contar quantos membros tem, então realmente, a igreja melhorou muito num todo. Uma coisa eu dizia pro pastor Deiró, que nós aqui somos livre escolha. Eu vendi plano de saúde, e no plano de saúde você escolhe, você quer o plano tal, plano tal, plano tal, e tem o plano livre escolha, da qual você pode escolher de que forma você quer ser atendido. Assim é em São Mateus, você escolhe de que forma você quer ser abençoado.

Totalmente irmão, totalmente, isso está visível, todo o campo diz a mesma coisa que eu estou dizendo aqui.

Na verdade, a igreja não melhorou, ela ganhou vida nova, um fôlego novo, então é um renovo que vem de Deus através do homem de Deus. Muito mais do que uma melhora, um renovo.

Houve um crescimento de 40 anos em sete anos, através do Pastor Deiró. O crescimento foi fantástico, compras de vários templos, e além do crescimento do patrimônio, teve crescimento de pessoas e de obreiros. Tem sido uma coisa inegual, dificilmente uma Igreja cresceu tanto quanto São Mateus, é uma coisa fantástica.

Segundo Weber a dominação carismática é “baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas” (1999, p. 141).

Denominamos “carisma” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder” (Ibid., p. 159).

De acordo com as respostas extraídas, podemos caracterizar que este carisma é totalmente atribuído ao líder máximo da instituição. E se torna mais evidente este carisma quando perguntado:

O que representa o Pastor Deiró de Andrade?

Pra mim representa como Pai, eu não sei nem te expressar o que sinto por ele, é um homem de Deus, amoroso, é bondoso, ele tem tudo o que é bom. Não vou falar muita coisa não, porque bom é Deus não é verdade, o próprio Jesus falou que bom é Deus, mas o Pastor Deiró pra mim é como um Pai.

Olha ele não é um super-herói, ele é um homem comum, como muitos de nós, só que ele é um homem dedicado, ele representa um amigo, um pai, um líder espiritual abençoadíssimo, através da palavra dele eu me lembro uma vez, tava eu e meu esposo, e nós assim havíamos sido roubados, dois carros já tinham sido roubados, não somos ricos de maneira nenhuma, ele pois a mão sobre nós e ele dizia: “e eu desautorizo o inimigo, eu desautorizo a mexer no bem de vocês, a partir de hoje está desautorizado, de lá pra cá o Senhor tem nos abençoado muito, então o pastor Deiró, ele representa pra nós, pra minha família, um como que eu posso dizer, alguém da qual você possa olhar e se espelhar, é um pai, um amigo, um irmão, ele também não deixa de ser duro muitas vezes porque precisa. E o pai é assim que ele age.

Dizer do Pastor Deiró é muito melindroso no que tange a pessoa do Pastor Deiró e a pessoa até mesmo da Pastora Susi, um casal abençoado, que eu só tenho a dizer pra você, que o Pastor Deiró pra mim, quando eu digo do nome do Pastor Deiró, que eu lembro do anjo da igreja, esse anjo da igreja eu me emociono porque é uma pessoa que, deve-se todo o meu respeito o meu carinho, eu receio em dizer qualquer palavra com relação ao Pastor Deiró, porque o Pastor Deiró é uma das pessoas que de toda a minha trajetória, eu conheci, hoje eu posso dizer, que conheci um Pastor de uma integridade assim absoluta, que é uma pessoa de uma índole maravilhosa, que me ajudou no meu crescimento espiritual, no meu ministério, hoje eu sou baseado em Deus e nas doutrinas do meu Pastor Deiró de Andrade e da minha Pastora Ana Susi, que Deus continue os abençoando em nome de Jesus.

Muito mais do que apenas um Pastor, eu vejo a presença física do Pastor Deiró como a de Nemias. Nemias foi chamado de profeta chorão porque quando ele chegou em Jerusalém estava tudo destruído os muros e ele chorou e ele começou a reconstruir. Assim foi Pastor Deiró aqui em São Mateus, ele chegou e os muros estavam no chão, as pessoas distanciadas, as pessoas afastadas e Deus enviou ele aqui pra nos abençoar, e hoje nós cantamos a vitória, porque Jesus se lembrou de São Mateus e nos enviou um grande homem de Deus que é o Pastor Deiró de Andrade.

Um homem o qual Deus escolheu, separou para fazer a obra Dele, ou seja, levar a palavra e ensinar as pessoas.

Sua liderança é absolutamente inquestionável pelos fiéis, e isto foi perceptível constatar devido à pesquisa de campo, que foi realizado. Foi possível perceber que os cultos geralmente são iniciados pelo pastor vice-presidente e auxiliados por aproximadamente 30 a 40 pastores que ficam sentados no púlpito.

Enquanto o Pastor Deiró não chega, o povo sente tanto sua ausência que a participação no culto não é com muito entusiasmo. Está faltando alguma coisa, com certeza a presença do líder carismático que tem a responsabilidade de levar o povo ao encontro de Deus. Mas quando ele aparece, geralmente chegando pelo lado esquerdo do púlpito, a igreja simplesmente entra em êxtase, uma alegria sobrenatural toma conta do recinto, o povo começa a sorrir, e isto simplesmente pelo fato de vê-lo.

Os obreiros pastores que ficam no púlpito, todos se levantam prestando uma reverência ao seu líder máximo, e não voltam a sentar-se se não forem autorizados. A dinâmica do culto passa a ser outra, parece que um poder sobrenatural emana daquele homem que faz com que o povo tenha verdadeiramente adoração por ele.

Quando um pastor auxiliar é convidado a transmitir a mensagem, geralmente não esquece de emitir um grande elogio ao líder, como grande idealizador da obra, o responsável pelo sucesso milagroso da igreja em seu crescimento, e comentários como: a igreja não estaria desta forma se não fosse por ele.

Um simples levantar de mão (não intencional) do Pastor Deiró de Andrade, quando é visto pela igreja, é interpretado como um sinal da percepção da manifestação de Deus por ele, logo a igreja como um grande coral, começa a glorificar em voz alta (glossolalia) simultaneamente. As palavras não são compreensíveis, mas o manifestar das vozes, levam o povo a um grande êxtase, Muitos dizem: “Deus está operando neste lugar!”.

Durante o culto em meio a grandes emoções, são lidas algumas cartas que os membros enviam. E vários milagres (cura, bênçãos financeiras, etc), são atribuídas à intercessão do líder.

No final do culto, o povo é aclamado a ir à frente do púlpito, para receber um toque através das mãos dos pastores auxiliares representando o líder, com a convicção que estarão indo embora, mas os seus desejos serão adquiridos através daquela intercessão que é feito pelo próprio Pastor Deiró. O povo já está pronto para ir embora com a certeza de ter tido um encontro com o sagrado.

O amor que sentem pela igreja também fica evidenciado através desta pergunta:

Você trocaria de igreja?

Não! Às vezes eu passo prova porque um vai pro lado, outro vai pro outro, mas eu queria mesmo é estar lá, em São Mateus, e muitas vezes eu tenho de acompanhar eles. Mas de maneira nenhuma.

Não. No momento não. Há não ser que me mudasse, eu venho de carro pra cá, de carro são quinze minutos da minha casa até aqui, e assim eu venho, e eu não trocaria de igreja, aqui sinto muito paz.

Hoje não, hoje não, eu não posso negar, que quando vim do Brasil para Cristo, eu até posso dizer que, eu andei passando por uma fase difícil aqui no campo de São Mateus, pensei até, repito, antes de conhecer o Pastor Aparecido Dias, antes de conhecer Pastor Deiró de Andrade, em fugir da guerra, mas o Senhor tinha um propósito comigo aqui, hoje eu posso dizer, eu me sinto orgulhoso, em Deus em participar do campo de São Mateus que é uma casa abençoada, inclusive casa abençoada é o título do último CD da banda MILLA.

Não. De forma nenhuma. Aqui é um céu.

De forma alguma, aqui é o lugar que eu encontrei o verdadeiro amor.

De acordo com estes depoimentos, acreditamos que a Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus representa muito mais do que um simples espaço para cultivar o seu

Deus, “mas o lugar onde a superação dos conflitos, tanto pessoais como sociais, pois somente a realidade não daria conta de responder a essas pessoas para que continuassem lutando, projetando dias melhores” (Padovan, 2004, p. 64).

Se por muito tempo não há provas do carisma, se o agraciado carismático parece abandonado por seu deus ou sua força mágica ou heróica, se lhe falha o sucesso de modo permanente e, sobretudo, se sua liderança não traz nenhum bem-estar aos dominados, então há a possibilidade de desvanecer sua autoridade carismática (Weber, 1999, p. 159). Mas isto está longe aparentemente de acontecer, pois a liderança carismática do seu líder está cada vez mais solidificada, e isso é perceptível de acordo com as respostas dada a seguinte questão:

Você acredita que ele é um legítimo representante de Deus em São Mateus?

Eu creio ele é, eu creio sim, ele é.

Eu acredito!

Eu posso afirmar, porque na vinda do Pastor Deiró pra cá, pós o Pastor Aparecido Dias, que Deus usou pra alugar esse grande, posso até dizer esse grande complexo aqui e Deus mandou o Pastor, também um administrador, que quando nós não tínhamos quase valores pra pagar o aluguel, Deus mandou o Pastor Deiró para administrar, e hoje nós compramos o prédio, dispensa qualquer comentário.

Mais do que isso. Tem a mão de Deus na mão dele, e tudo que ele põe a mão Deus faz ele prosperar. As pessoas vem de longe, pra ver que deu certo o Pastor Deiró em São Mateus, igual a mulher que veio ver a grandeza de Salomão⁶⁰. Uma comparação assim evasiva. Salomão teve seu reinado. Eu tou falando da pessoa abençoada que é o Pastor Deiró.

Sim acredito fielmente nisso, caso contrário não tinha acontecido tantas coisa boas aqui.

Pastor Deiró foi levantado por Deus, para restaurar a dignidade do povo de São Mateus, trazer a glória de volta e a dignidade que os fiéis tinham pela igreja. Trazer

⁶⁰ Essa passagem Bíblica é encontrada em I Reis 10:1.

confiança para os obreiros, trazer estima para crescer, restaurar a imagem do Ministério de Madureira e trazer a paz para a igreja. Deus o usou para isto.

A admiração de um dos entrevistados ficou tão evidenciado que o comparou com Salomão, e a visita que a rainha de Sabá o fez. E isso é devido à sabedoria encontrada no seu líder. Falar sobre Pastor Deiró gera muita emoção nos entrevistados, e até conversando informalmente com várias pessoas, não me deparei com ninguém que se afirma o contrário.

Por mais que o carisma desse homem esteja tão evidenciado, ele próprio não se preocupa com a sua popularidade. Ele tem muita convicção da sua meta, que é fazer o crescimento da obra “instituição”. Quando foi perguntado a ele:

Você sabe qual a visão que os fiéis tem sobre sua pessoa?

Pra te falar com muita sinceridade eu não me preocupo muito com isso não, eu procuro estar debaixo da orientação e da direção de Deus, e entendo que se assim estiver as coisas, vão fluir segundo a orientação de Deus. O apóstolo Paulo acho que teve uma pergunta como essa, ele disse: Pouco estou preocupado com o que dizem de mim, eu também não digo de mim porque quem me julga é o Senhor.

O portador do carisma assume as tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Se as encontra, ou não, depende do êxito. Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante “provas” (Weber, 1999, p. 324). Não há hierarquia, salário, autoridade institucional, regulamento algum. Há somente a intervenção do líder, a camaradagem do amor, juízos de Deus, revelações e o reconhecimento como dever. O carisma e os adeptos. Haverá sempre espaço para os carismas se manifestarem e, muito mais espaço legitimador para realimentarem os mesmos.

Em um determinado dia, uma mulher chegou à instituição (igreja), e deparou-se com o próprio Pastor Deiró, sem saber quem ele era. Ela perguntou pelo homem de Deus o Pastor Deiró de Andrade. Dialogando a mulher disse que veio ao encontro do Pastor Deiró porque soube que ele é um homem “muito bom” e com certeza lhe ajudaria, pois, ela ouvira falar que ele ajudava muita gente, e como ele é um “santo”, também iria ser beneficiada com a ajuda dele, afinal era apenas algumas telhas, areia, cimento e pedra para dar início a sua construção.

Naquele momento, o Pastor Deiró se identificou e ficou furioso, pois não conhecia a mulher, não prometeu nada, e não queria ser visto como a pessoa que veio resolver os problemas de todos. Weber ressalta que neste caso o “carisma só é legítimo enquanto e na medida em que “vale”, isto é, encontra reconhecimento, o carisma pessoal, em virtude de provas; e os homens de confiança, discípulos só lhe são úteis enquanto tem vigência sua confirmação carismática”(1999, p. 160).

De acordo com a análise destas respostas e conceituando-a com o “carisma”, algo evidente no cotidiano, percebe-se que o crescimento da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus está relacionado totalmente a interferência única e exclusiva de um homem, de seu líder, o Pastor Deiró de Andrade. O povo tem nítida convicção disso, e está disposto a estar de alguma forma em baixo da visão do seu líder, pois representa a única e exclusiva liderança carismática do momento.

1.7 O sincretismo no cotidiano

O ser humano é um ser sociável, e isso é constatado historicamente desde os primeiros relatos da humanidade: os conflitos, os debates, as conquistas, a vivência do próprio ser humano, nunca foram compostos por uma pessoa, mas pela somatória de inúmeras delas. E

dessas relações surgiu o que chamamos de sociedade, essas sociedades são emanadoras de inúmeras coisas, para não dizer talvez de todas as coisas, como a política, a economia, a pobreza, a riqueza, a guerra e a religião (Padovan, 2004, p. 51).

No entanto o nosso recorte de estudo estará centrado no cotidiano religioso da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus, sendo possível perceber que há um contingente enorme de pessoas que vieram de outras igrejas, carregando consigo suas culturas e também resquício de sua antiga religiosidade. Religiosidade que vêm de tempos passados, de heranças culturais, que dão a essas pessoas, a esses grupos suas crenças, suas maneiras de viver o presente e projetar o futuro.

Para se entender essa religiosidade, é necessário que se tenha um conhecimento da historicidade das pessoas que freqüentam o cotidiano da igreja, pois sabendo de suas origens é possível fazer uma leitura do sincretismo religioso existente. Nos depoimentos a seguir teremos como objetivo apresentar a manifestação do sincretismo religioso no cotidiano da igreja.

Quando foi perguntado aos nossos entrevistados:

Você é convertido de uma outra religião? Qual o motivo de sua vinda para a igreja de São Mateus?

Eu era católica primeira, depois espírita e do espiritismo Jesus me tirou de lá, sou uma grande salva na pessoa Bendita de Jesus.
Eu morava em Minas Gerais e de lá nós mudamos pra cá e uma irmã em Cristo me levou na Igreja do Relógio e lá me batizei e fui congregar com o Pastor João da Sanfona , no Colonial, depois nós viemo pra cá.

Sim. Antes de ser evangélica eu era Católica e muito Católica. Participava de missa, batismo, crisma, catecismo e tudo!
Em São Mateus, meu esposo começou a vir e eu comecei a assistir os cultos daqui. O culto muito abençoado, muito diferente. Eu me lembro que estava sendo tocado na época aquele hino diante do trono, e aquela música ma chamou muito atenção, porque dizia assim: “cheguei aqui sem merecimento algum, meu destino estava traçado”, e nós chegamos muito infelizes, eu e meu esposo, nosso casamento estava assim praticamente que destruído mesmo, e já não tinha muita razão pra gente continuar. O inimigo havia trabalhado no nosso meio né, e quando eu ouvia aquilo

Deus começou a trabalhar na minha vida, começou a me transformar, transformar, transformar, a meu esposo também e hoje a minha família toda serve ao Senhor aqui em São Mateus.

Sou convertido, desde criança na Assembléia de Deus, mas, porém, batizado nas águas na Igreja O Brasil para Cristo.

É uma boa pergunta. Passado por aqui no momento de uma certa crise que o nosso campo de São Mateus passou, houve um desmembramento, e nesse desmembrar, o pastor Aparecido veio a ser empossado aqui em São Mateus, o pastor Aparecido Dias que estava no Rio de Janeiro, presidindo uma igreja no Rio de Janeiro, e veio para São Paulo, e nisso ele me descobriu na congregação, numa das congregações no campo de São Mateus, em Vila Nova York, não recomeçado do trabalho que Deus nos usava ali através do louvor, ele foi informado que eu estava ali, e como não tinha ainda esta área do louvor, da música na igreja, comecei tudo do começo, ele me trouxe junto com ele, me tirou da congregação e até hoje estamos aqui, por isso que vim parar aqui para dirigir o louvor e foi uma benção até hoje, estamos aqui.

Eu era católico e depois aceitei Jesus na Igreja Jesus o Bom Pastor. Na verdade, vim a convite do pastor vice-presidente Osnir Olavo Ribeiro. Eu congregava na Igreja Jesus o Bom Pastor do qual passou a fazer parte e unir-se com a Assembléia de Deus aqui de São Mateus.

Sim. Fui espírita, católico e hoje sou evangélico.

Eu passava na porta desta igreja e achava muito interessante como as pessoas aparentemente demonstravam uma alegria muito grande, aí tive uma curiosidade de entrar e estou até hoje, não sai mais.

Podemos observar nos depoimentos, que existe um sincretismo religioso que não só caracteriza a comunidade, como também caracteriza o indivíduo. O trânsito religioso pelas diferentes crenças que ocorreram e ocorrem nos é passada com a maior naturalidade. Outra questão relevante é o da religiosidade se apresentar sem vínculo com a instituição religiosa anterior. Nos depoimentos, suas investidas por outras instituições é algo que nos aparece como questões resolvidas. Mas o que faz com que essas pessoas, mesmo estando vinculadas às instituições religiosas, trafeguem por diferentes meandros da sagrado e não carreguem, pelo menos é o que nos deixam transparecer em suas entrevistas, sentimentos de culpa por essa “infidelidade religiosa”.

O autor Pierre Sanchis, pode nos dar uma luz teórica no sentido de discutirmos as transformações sociais que vêm ocorrendo no mundo moderno e que afetam diretamente o

campo religioso, obrigatoriamente também sofrendo transformações. “O campo religioso constrói-se e reconstrói-se constantemente nas relações entremeadas das instituições, dos grupos, quase grupos e indivíduos, diante do jorro dos acontecimentos” (Sanchis, 1995, p. 81).

Podemos começar por fazer uma leitura das transformações que afetam o campo religioso contrapondo passado e presente. A modernidade não tem mais como característica a regimentação e administração do religioso concentrado nas mãos das instituições, mas um religioso centrado no indivíduo, ele como núcleo e origem da própria vida. “O coletivo religioso homogêneo vem sendo transformado em um religioso individual heterogêneo, a massificação religiosa feita através das instituições vem dando lugar a uma pluralidade religiosa” (Padovan, 2004, p. 54).

... a identidade religiosa não corresponde necessariamente a uma identidade prescrita por uma organização religiosa e não se confunde necessariamente com o fato de pertencer a uma. O processo que escora tal evolução é evidentemente o da individualização, por sua vez parte ativa da secularização. Mas o exemplo nos permite chamar a atenção sobre o fato de que a secularização não significa simplesmente o desaparecimento nem mesmo o recuo geral da religião, mas uma transformação na sua função societária (Sanchis, op.cit., p. 89).

Como já foi dito anteriormente, a religiosidade se individualizou, pois o sujeito ao ver que lhes são oferecidas múltiplas correntes religiosas, portanto, tem a sua frente uma vitrine com diferentes produtos, e sabendo que a decisão de consumo parte dele, o sujeito se apropria dos elementos necessários à satisfação de suas necessidades religiosas. Isso significa “a individualização da crença, e caso não seja suficiente para um indivíduo a escolha de um só produto religioso, ele pode escolher alguns e navegar com tranquilidade sem traumas e sem perseguições” (Padovan, op.cit., p. 55). Enfim, “a supremacia da subjetividade sobre a instituição leva a procura espiritual de uma relação com o sagrado, e não a um processo de

identificação com um conjunto de regras, rituais e normativas de uma igreja” (Sanchis, op.cit., p. 92).

Acreditamos que essas mudanças que vieram no bojo da modernidade e passaram a constituir o imaginário da população, abarcam também as transformações do campo religioso, isentando as pessoas de se prenderem a dogmas ou regras de uma só igreja ou instituição, é nesse estágio que se encontram algumas pessoas que cultuam na Assembléia de Deus em São Mateus.

Em nossa pesquisa de campo, deparei-me com uma situação que não vi acontecer na instituição (Igreja). Não presenciei nenhum fiel solicitar alguma oração em prol de um animal de estimação que estava doente, porém, no cotidiano isso já foi possível, na casa de três fiéis que confessaram que além de orarem para que Deus curasse seus animais, também os ungiram com óleo santo, pois faz parte do cerimonial do rito.

Na casa de outro fiel os ritos usados na semana santa (sexta-feira da paixão)⁶¹ continuam sendo praticados da mesma forma de quando eram católicos, ou seja, não comem carne vermelha, jejuam na sexta-feira, e ainda assistem a procissão que passa na rua.

Tivemos em um primeiro momento, a fundamentação do indivíduo que trafega por esse campo e sua relação com o religioso na modernidade. Fica evidente que esse sujeito passou a se relacionar, às vezes de maneira próxima – como freqüentador -, outras pelo simples conhecimento de sua existência, com inúmeras vertentes religiosas, vertentes religiosas que coexistem. Essa coexistência, tanto de diferentes religiosidades, como de diferentes sujeitos, é o que estamos chamando de sincretismo religioso.

Trataremos o sincretismo não como a sobreposição de uma crença sobre a outra, mas como a relação entre as diferentes crenças religiosas que vão se absorvendo de tal maneira “que nunca se chega a uma verdade unificada” (Sanchis, 1995, p. 98), expressando um

⁶¹ Rito cultuado pelos católicos lembrando à morte de Jesus Cristo.

pluralismo de fato. A partir daí talvez seja possível traçarmos um panorama de estudos sobre a religiosidade com reais preocupações de entender o diferente e não simplesmente absorvê-lo e superá-lo, “... o encontro de universos simbólicos diferentes, e que chamaremos de sincretismo: um processo muito geral, que faz cada grupo se redefinir constantemente em função do encontro com o outro” (Ibid., p. 96-97).

Define-se sincretismo como um processo que se propõe a resolver uma situação de conflito cultural, e o faz através de uma intermistura de elementos culturais, uma inter fusão, uma simbiose entre componentes de culturas em contato. Tal processo percorre uma primeira etapa de acomodação, ajustamento e redução do conflito social. Em seguida vem a assimilação, que implica um lento e inconsciente movimento de interpretação e fusão (Soares, 2001, p. 32).

Essas duas últimas citações evidenciam o quanto é complexa a construção e a leitura do sincretismo religioso, talvez seja por isso que inúmeros cientistas sociais, há décadas, vêm se dedicando ao tema, e nos deixando diferentes ferramentas sobre o assunto que nos possibilita, ao nos apropriarmos delas, diferentes possibilidades de análises sobre um determinado fato, momento histórico ou povo. Da mesma maneira que sugerimos anteriormente, que no processo de evolução do sincretismo “nunca se chega a uma verdade unificada”, arriscamos dizer que na busca da conceitualização do sincretismo também nunca se chegará a verdade unificada.

1.8 A magia popular ou milagre institucional

Neste tema, tendo como base de análise o material de campo, principalmente as entrevistas e alguns pensadores que nos ajudará a traçar pontos em comum da religiosidade

que se manifesta de maneira popular no cotidiano da Igreja Assembléia de Deus em São Mateus. E essa manifestação da religiosidade popular que caracteriza a Igreja Assembléia de Deus nos remete à questão do trânsito religioso, pois qualquer religioso busca soluções para os problemas do cotidiano, dentro e fora das instituições religiosas ou mesmo em várias instituições religiosas.

Através da pesquisa de campo foi possível encontrar nos cultos de domingo um pastor que segundo as palavras do pastor presidente, ele tem o dom de maravilhas⁶², o efeito deste dom é promover curas instantâneas nas vidas das pessoas que tenham algum tipo de doença. Mas o processo só é completo se o doente receber o toque do pastor e receber a unção com óleo de suas mãos. Por ventura, se o fiel não estiver doente, mas deseja levar a cura a algum parente, basta ser ungido como representatividade do doente familiar e a cura deverá ser adquirida. Este pastor tem a autorização e a liberdade de atender as pessoas que o procuram, e enquanto ficar no ambiente da igreja, fiéis não faltam para receber o toque deste homem, pois acreditam que dele pode emanar um poder sobrenatural.

Segundo o pastor presidente, ele orou e teve revelação de Deus, que este determinado pastor, tinha o dom de efetuar grandes milagres de cura através da sua intercessão. Durante o culto em meio a grandes emoções, são lidas cartas que os fiéis enviam para serem lidas e geralmente atribuem à igreja os milagres recebidos em suas vidas. São milagres de cura, bênçãos financeiras, etc.

Na definição de Marcel Mauss,

quando o mágico não está já qualificado por sua posição social, ele o está, no mais alto grau, pelas representações coerentes de que é o objetivo. Ele é, antes de tudo, um homem que tem qualidades, relações e, enfim, poderes especiais. A profissão de mágico é, em última instância, uma das profissões melhor classificadas, talvez uma das primeiras que o tenham sido. Ela é tão claramente matéria de qualificação social que o indivíduo nem sempre ingressa nela de maneira autônoma e de bom grado (2003, p. 77).

⁶² Considerado pela igreja como um dom que efetua milagres. É possível encontrar este dom segundo a interpretação da igreja na Bíblia no livro de I Coríntios 12:10.

A crença mágica reside na suposição de que alguns seres humanos são capazes de controlar forças ocultas (pessoais ou impessoais) e intervir nas leis da natureza por intermédio de técnicas rituais. Predizer o destino de alguém, curar uma doença, defender dos invejosos, atacar os inimigos (Pierucci, 2001 p. 9). Por isso, mesmo não sendo admirado da mesma forma que o pastor presidente é, tem o respeito dos fiéis como o homem que tem o dom de maravilhas, portanto é respeitado pelo status que lhe foi ortogado, pois a qualquer momento pode emanar um poder sobrenatural deste homem e o milagre ocorrer.

Podemos encontrar várias pessoas que admitem ter diversos dons, e caracterizamos esta afirmação através das respostas de alguns líderes quando foi feita a seguinte questão:

O senhor tem algum dom? Como o obteve?

Olha pra falar que eu não tenho, eu vou te falar, eu acho que enterrei, pus debaixo de uma pedra, mas eu tinha dom de profecia de profeta, dom de cura e tinha vários dons, não tinha de visão, revelação. Muitas das vezes até que o Senhor me revela as coisas, mas eu não sou aquela pessoa de dizer, ah! Ela tem aquele dom sabe. E eu acho que o meu dom maior é o de aconselhamento.

Olha, eu dirigi trabalho no parque Boa Esperança 30 anos ou até mais, dirigindo oração e ali o Senhor me usava muito, então eu pude descobrir que eu tinha esse dom e também muitos outros. Lá oravam por mim e falavam que o Senhor estava me dando dom de profecia e de cura, então aí fui profetizando e graças a Deus por isso.

Olha, Deus tem me dado sim pela misericórdia dele. Deus tem me dado dom sim! De falar na língua dos anjos, porque serve pra nossa própria edificação. E nós precisamos disso, eu preciso disso, dom de profecia, dom de revelação, o Senhor muitas vezes mostra as coisas em sonho, e nisso tem feito muita diferença na minha vida. Até pra comprar, olha que ver um exemplo? Até pra pintar minha casa, outro dia eu chamei um pintor pra fazer orçamento, queria desenhos, queria assim e assim. Ele fez tudo e eu coloquei na ponta do papel pra fechar negócio e Deus disse: Não! Então, eu acredito que é um dom também, aquilo que você sentir e discernir o que é e o que não é de Deus, o que é e o que não é pra fazer ainda.

Pra ter estes dons agente não adquire se você pedir. O dom, como você explica o poeta? Como ele compõe? Quando ele compõe, ele é gratuito, eu acho que se você tem fé, se você busca, se você acredita, não dá pra explicar da onde saiu à poesia, de que jeito! Então como que eu posso explicar da onde veio o dom, onde eu busquei o dom, não tem como! O poeta é inspirado, ele tem o dom de compor poesia, de fazer poesia, e o dom ele veio de Deus, não é de outra pessoa, é de Deus.

Esses dias eu vim no meu carro pensando, nos dons e os talentos, acho que o meu dom eu ainda to a descobrir, mas o meu dom que eu vejo hoje é na música, né,

música, inicialmente o Senhor me deu o dom de contra baixo, tocar e executar o instrumento, contra baixo.

Olha primeiro eu tive que me referenciar, tirar referência de alguém, espelhar em alguém, ver alguém, isso tem o nome de um profissional, muito abençoado, Abraham Laboriel, Stanley Clark que é popular, e espelhei nessas pessoas aí, e fui aprimorando isso, hoje Deus me deu o dom e me fez cuidar dos meus filhos e da minha esposa como um lar abençoado que vivo dele.

Ah! Eu não sei. Jesus me chamou pra fazer sua obra! O restante é com Ele, agente não trás é Ele que dá. Ele me deu o dom de agregar as pessoas.

Através da palavra e através dos exemplos que Jesus deixou, isso me fez mudar os meus atos, por isso acho que isso é um dom de agregar as pessoas.

Acho que dom depende do sentido da conotação dessa palavra, todo ser humano tem dom, como dote natural. Agora nós somos chamados como Pastores, como obreiros e ministros, eu tenho sim, segundo a Graça de Deus, dom ministerial.

Creio que sim, pois dificilmente tenho sonhos, e em alguns casos sonhei, orei e repreendi, mas dias depois aconteceu o que eu havia sonhado, portanto acredito ser o dom de sonhar e se concretizar.

Não sei o certo, mas acredito que foi participando dos cultos, e o Senhor me agraciou com este precioso dom.

Todos esses dons citados pelos entrevistados e muitos outros que constatamos na pesquisa de campo, são atribuídos à dádiva de Deus, e geralmente não sabem por que lhes foram dados, mas sabem que o tem, e acreditam serem escolhidos por Deus para exercerem este dom na vida de alguém.

Em algumas ocasiões, os fiéis têm a possibilidade de por em prática seus dons, pois se abre um momento no culto para as pessoas profetizarem, impor as mãos sobre outros para receberem bênçãos financeiras, curas, alegrias, etc. Assim aquele que obteve a dádiva de ter o dom terá a chance de por em prática na vida de alguém, e isto tem acontecido segundo os entrevistados.

Quando foi perguntado se eles já presenciaram o resultado do dom obtido divinamente na vida de alguém, eles responderam:

Em muitas pessoas. Vejo muitas pessoas que vem ao meu encontro na igreja, para dizer que aquilo que eu tinha profetizado aconteceu. E foram muitas pessoas.

Sim. Me lembro de várias histórias, mais, vamos lá. Tinha uma pessoa, tava na igreja, e daí a pouco comecei a falar que Deus era o nosso juiz, e Jesus é o nosso advogado, e sendo o juiz pai do advogado a causa seria ganha, a causa já estaria ganha, porque tava tudo concretizado, e eu dizia, seja qual for o seu problema, o advogado está aqui e com certeza ele vai falar com o juiz que é Deus, o nosso pai, e é causa ganha! Ao final do culto, chega o irmão, e eu pedi pra que viessem vários orar, pra que recebessem oração. Oramos por vários, e ele me mostrou uma carta, da qual a esposa dele havia aberto um processo contra ele, e antes ele era assim, um ébrio, bebia muito, muito, muito, e andava jogado pela calçada. Só que este homem antes disso, ele trabalhou, batalhou, teve a sua vida, sua casa edificada, e depois ele começou a beber enfim, foi para a igreja e estabilizou a sua vida, e agora a esposa tava entrando na justiça pra tirar tudo dele, pois ele morava num quartinho separado, e ele disse, e ele falava assim, já que você me falou que Jesus é o meu advogado, eu não vou levar advogado na audiência com o juiz, eu vou lá. E aquilo me preocupou, mas eu falei: Deus, se é o dom que o Senhor me deu, e o Senhor me usou dessa maneira, ele vai em paz, e ele foi sem advogado. Quando o juiz perguntou pra ele cadê o advogado? Ele disse é Jesus Cristo, ele está aqui. E o juiz ali, a esposa dele começou a falar porque ele fez isso, fez aquilo, e o juiz falou espera aí, mas tudo isso ele trabalhava, então vai ter a partilha de igual modo, vai ser dividido meio a meio, e ela falou não mas de jeito nenhum, eu sofri muito com ele porque ele bebia. E o juiz falou: olha se você continuar a falar até o que eu te dei, vai ser tirado de você. E ele foi lá na igreja testemunhar, dizer que este dom da qual Deus tinha me mostrado, foi concretizado na vida dele. Ele foi confiante que Jesus estava com ele. Então assim, é uma coisa que não dá pra explicar. É dom! É presente de Deus!

Acabou de acontecer isso ontem, aqui na nossa ceia o primeiro sábado de cada mês, que é uma grande mesa onde o Senhor está nos servindo do seu corpo e do seu sangue, nós fazemos memória disso e algo muito importante, muito, muito seletivo, ceia do Senhor, e ontem aqui ao louvar a Deus com o meu grupo de louvor, quando ele me disse que isso ia acontecer, eu vi ontem e eu vi acontecer, na hora do louvor o Pastor em cima da tribuna, testemunhou que após o louvor ele foi curado de uma grande forte dor de cabeça, e eu louvei a Deus por isso, porque o Senhor a cada dia Ele cumpre suas palavras, suas promessas em nossas vidas.

Muitos. Conheci uma mulher que se achava menosprezada, não tinha no conceito dela valor algum, eu falei pra ela que viesse aqui pra Igreja e Deus estaria de braços abertos esperando ela e hoje ela é uma pessoa abençoada. Outro exemplo foi uma jovem, uma menina abençoada e o esposo nem deixava ela vir pra Igreja, e através do nosso testemunho, hoje é uma mulher abençoada na Igreja e dando bons testemunhos e muito feliz.

Há mais ou menos uns 20 anos, eu tive um sonho horrível com o meu pai e meu esposo, sonhei que eles sofreriam um acidente na obra. Acordei assustada, orei e repreendi. Fui à igreja para orar sobre o sonho. Passado mais ou menos duas semanas, eles sofreram um acidente no local de trabalho, no qual o meu esposo era

pra ter perdido a vida, pois caiu mais de 10 metros de altura, só que Deus é maravilhoso, deu livramento a eles, e não quebrou um osso se quer.

Na definição de Pierucci, a crença mágica reside na suposição de que alguns seres humanos são capazes de controlar forças ocultas (pessoais ou impessoais) e intervir nas leis da natureza por intermédio de técnicas rituais, predizer o destino de alguém, curar uma doença, defender dos invejosos. A crença na magia envolve a coletividade inteira, sendo justamente a fé coletiva o que assevera a eficácia dos ritos da magia primitiva, sua eficácia simbólica (2001, p. 9).

É possível verificar que as pessoas que tem o dom são muito respeitadas, e quem o procura para receber sua intercessão, acredita fielmente que o sobrenatural vai acontecer, pois essas pessoas estão submissas à unção dada ao pastor presidente (líder carismático), portanto o mesmo poder que é manifestado na vida do líder também deverá ser manifestado na vida das pessoas autorizadas a manifestar o seu dom na igreja.

Segundo os relatos de muitos fiéis, os milagres têm acontecido constantemente na igreja. Quando perguntado aos entrevistados se eles viram milagres acontecendo na igreja, eles responderam:

Eu sou o milagre. Primeiramente porque ele me perdoou, é o 1º milagre e depois curou minha filha. Quando aceitei Jesus deu um negócio nela, era algo muito esquisito, isso eu era nova convertida, ela desmaiava à toa, eu não entendia, depois fui ver que era coisa satânica, nós passamos 15 dias sofrendo com esta menina, ela não podia tossir, ela não podia chorar que ela desmaiava e dentro de 15 dias o Senhor a libertou. E eu estive muito mal no ano de 1997 que está com dez anos agora, muitos achavam que eu não ia viver de tão mal que eu fiquei, mas o Senhor me libertou, foi um milagre e muitos milagres Ele tem feito, não tem como eu expressar pra você.

Já vi vários milagres. Olha, eu sou um milagre, mas eu posso citar pessoas, eu acredito que me dói muito é ver pessoas presas nas drogas, pessoas que querem ficar livres e não conseguem, e se você vê muitos dos jovens que faz parte dessa mocidade enorme, era tudo viciado em droga, e assim pra ter uma libertação total

sem que ele seja internado numa clínica, é milagre de Deus, é milagre de Deus! Outro, já vi pessoas aqui que foram curados tendo aids, comprovado, e foram curados. Eu posso dizer que eu sou um milagre. Alguns anos atrás eu fui desenganada pelo médico com um câncer no rim, e o médico me deu cinco meses de vida, isso foi em 1998, e Deus é tão fiel, é tão lindo que ele confundiu, confundiu. A medicina ela é limitada, mas Deus não, e Deus falou que ia mudar tudo, ia fazer tudo diferente. E Deus fez tudo diferente daquilo da qual foi comprovado, tenho marcas de cirurgia, fizeram-se biopsia, tudo direitinho. Mas Deus operou um milagre na minha vida, me curando desse câncer e isso é um milagre.

Já ouvi dizer que quando aconteceu os milagres aqui, exceto vários milagres que Deus faz através dos testemunhos dos irmãos, no dia que aconteceu, infelizmente eu não estava, que houve cura de câncer aqui na igreja, cura, expelindo úlceras aqui, parafíticos andando aqui na igreja, nesse dia infelizmente eu não pude estar, mas já me contaram e eu acredito na palavra do anjo da igreja (Pastor Deiró), que testemunhou isso.

Muitos. Uma mulher estava perdendo cabelos por obra de macumbaria, feitiçaria, veio na quarta feira no culto do qual Deus tem me colocado pra dirigir, e no final aquela mulher estava ficando careca. Ela pediu o óleo da unção quando eu estava ungindo outros doentes, ela pediu para levar o óleo para casa pra banhar a cabeça, como que o óleo fosse impedir os cabelos de continuar caindo. E a ora em que eu e os pastores oramos por ela, ela começou a vomitar algo como se fosse um bolo, um bolor preto que chegou a manchar o piso da Igreja, e ela pos pra fora toda aquela obra em vômito. E mais, Jesus reconstituiu os cabelos que ela tinha perdido, foi um grande milagre. Outro exemplo, estava junto com o vice-presidente da igreja, e visitamos uma pessoa que estava em estado terminal do HIV, e Jesus me mostrou que estava curando aquele rapaz, em dois meses estava indo pra Igreja. Pra você ter idéia do estado dele, já tinha uma enfermeira só pra cuidar do restante das horas dele. Jesus restaurou, levantou e salvou aquele rapaz.

Já. A igreja é um milagre. A restauração da igreja, do povo de Deus. O que Deus tem feito aqui é um verdadeiro milagre. Exemplo: a restauração da alegria do povo depois de tantos anos de sofrimento, o milagre do crescimento em número de membros, crescido durante os anos que aqui estamos, a compra desse grande prédio que estamos agora, que é a Sede do trabalho, uma área de 4000 m², graças a Deus, totalmente paga, escriturada, registrada em nome da igreja. Além de outras, tantas pessoas que foram libertas, salvas, transformadas, saindo de um mundo complicado. Acho que esse é o maior milagre, a salvação das pessoas.

Sim. Com a minha filha, que aos 4 meses de vida a sua molera fechou, e a pediatra encaminhou para o neurologista, pois ela corria o risco de desenvolver uma doença a qual se chama microcefalia. Ao passar com o neurologista, ela nos explicou que com a tomografia, poderíamos ver o quanto havia fechado, e conforme fosse o resultado

seria caso de cirurgia. Eu e meu esposo entramos em desespero, pois desde a gravidez, lutamos por essa criança, e ao nascer ela sempre ficava doente, e agora mais esse problema. Certo domingo, no decorrer do culto, o pastor Deiró pregou e falou sobre o que Deus havia nos dado, e que naquela noite nos deveríamos oferecer de volta nossa criança, entregar novamente a Deus, assim como Abraão fez com Isaque⁶³. Então eu e meu esposo fomos até a frente do altar, e lá oramos e entregamos a nossa filha, a qual já tinha oito meses de vida. No fim do culto fomos até o pastor Deiró, e ao revelar pra ele tudo o que estava acontecendo com nossa filha, eu entrei novamente em desespero, não conseguia se quer falar, pois estava totalmente sem forças, foi quando o pastor reuniu um grupo de obreiros, formaram um círculo e meu esposo com a nossa filha no colo dele e eu, nos ajoelhamos. O pastor orou e ungiu nossa pequena, e o óleo escorreu pela face dela. Naquela mesma semana fui até a clínica especializada em tomografia computadorizada para fazer o exame, só que o mais interessante é que nesse espaço de tempo entre a oração e a unção de domingo e o dia do exame, quinta-feira, por onde escorreu o óleo da unção na face da minha filha, eu sentia um cheiro no qual não sei explicar, ninguém mais sentia, apenas eu. Passava perfume, mais o cheiro permanecia ali, e somente eu, a mãe da pequena conseguia sentir aquele cheiro suave, doce, até hoje não sei explicar esse cheiro, e quando terminou o exame, ele simplesmente desapareceu. O resultado do exame tenho até hoje, cinco anos se passaram, e a minha filha está saudável como nunca. Só lembro que a neurologista ao olhar o exame dela ficou parada e olhou para nós e disse: “Nunca vi um exame tão perfeito, a sua filha não tem absolutamente nada, ela é perfeita”. A primeira palavra que saiu da minha boca foi glória Deus.

Podemos observar que os milagres fazem parte do cotidiano, e a igreja é o espaço para a cerimônia dos milagres, Marcell Mauss relata que a cerimônia mágica não se faz em qualquer lugar, mas nos lugares qualificados. A magia tem verdadeiros santuários, onde o altar serve para fazer a magia. No cristianismo certos ritos mágicos devem ser executados na igreja e inclusive nos altares (2003, p. 83).

Geralmente os milagres que são relatados, teve seu acontecimento no altar ou próximo dele, demonstrando que aquele espaço é sagrado e respeitado pelos fiéis. As pessoas que não são líderes geralmente têm receio de andar neste espaço, pois está reservado para as pessoas que de alguma forma tem um contato mais íntimo com o sagrado ou tem algum dom, e eles são pessoas comuns que recebem intercessão dos mesmos, e às vezes se sentem indignos de estar neste espaço que é muito santo.

⁶³ Podemos encontrar esta passagem Bíblica no livro de Gênesis cap. 22.

Os profissionais da magia ficam mais bem recortados sociologicamente quando comparados com os profissionais da religião, os sacerdotes. Segundo Pierre Bourdieu (1988 Apud Pierucci, 2001, p. 27), denominam-se sacerdotes os funcionários qualificados de uma empresa religiosa permanente, especializada em exercer influencia sobre os deuses e os corações dos homens através do culto regular e organizado. Em torno do serviço divino administrado rotineiramente pelos sacerdotes, forma-se e se reúne periodicamente uma comunidade religiosa de irmãos instituída na forma de igreja – isto é, comunidade moral permanente e permanentemente moralizável pela ação pastoral de proselitismo insistente e endoutrinação incansável dos seguidores, a fim de fazê-los e mantê-los fiéis. Já os serviços oferecidos pelos magos e feiticeiros são procurados eventualmente pelos clientes, dos quais não se espera nem constância, nem regularidade, nem muito menos fidelidade.

Aos olhos dos sacerdotes e profetas, seus concorrentes na administração do sobrenatural e na oferta de serviços de acesso ao sagrado, são apenas aparentemente religiosos, ou seja, “pseudo-religiosos”, religiosos ilegítimos ou ilícitos, “manipulações profanas e profanadoras” do divino (Pierucci, 2001, p. 27).

No entanto foi possível encontrarmos pessoas que exercem seu dom miraculoso fora da instituição, e tem seu público fiel que as consulta constantemente. São denominadas pela igreja de missionárias e pelo povo de profetizas. Em nossa pesquisa de campo, acompanhamos uma profetisa que foi solicitada para fazer um trabalho, que pudesse reverter uma obra do inimigo em sua empresa, pois os negócios não estavam bem.

A empresária que convidou aquela profetiza tinha total convicção que após a visita, e a intercessão da profetiza, Deus iria modificar todo o quadro de falência da sua empresa, pois ela já fora indicada por outra. Chegando na empresa, a profetiza pegou sua Bíblia, orou para abrir uma parte qualquer e disse que Deus já estava revelando os problemas da empresa. Pos

as mãos nas paredes como que um poder sobrenatural pudesse sair de suas mãos e modificar toda uma história esperada com muita fé pela empresária que encomendou o serviço.

Segundo a profetiza, o período de dificuldade era para que Deus manifesta-se a sua glória na vida dela, e ela deveria evangelizar muito mais para que as coisas pudessem começar a modificar na empresa e também deveria despedir uma funcionária, pois ela iria trair a confiança da dona. Durante o expediente o aparelho de som poderia tocar algumas músicas evangélicas para espantarem os maus fluídos das potestades. Assim todo o trabalho de falência estaria desfeito e a benção era garantida, mas tinha que ser feito exatamente como ela pediu, para que a benção desse certo.

A empresária ficou muito feliz e esperançosa que as coisas começariam a mudar, deu uma oferta para profetiza, pois ela depende das doações. Perguntei a profetiza se fazia esse trabalho sempre, e ela respondeu-me que já tinha uma vasta agenda de visitas para fazer, ou seja, quem necessitar de seus serviços vai ter que esperar chegar sua ora.

Duas semanas depois perguntei a empresaria se ela demitiu alguém, e ela respondeu-me que com certeza, pois estava sentindo que uma de suas funcionárias a estava traindo, e na dúvida a despediu para que a benção pudesse acontecer o mais rápido possível.

Observamos que todo o processo começou com a Bibliomancia, pois o livro foi aberto aleatoriamente e como um passe de mágica Deus falou exatamente através do texto que foi aberto por acaso. E ambos acreditaram fielmente nisso.

No exato momento em que alguém decide procurar um agente da magia, nesse momento o cliente potencial já começa a reafirmar (e confirmar) na mente do agente mágico, tanto quanto em sua própria cabeça, a crença que ambos compartilham na validade da etiologia mágica dos males, na capacidade pessoal do feiticeiro, sua “força”, e, por conseguinte, crença na viabilidade das soluções mágicas (Pierucci, 2001, p. 48). Quem pretende dar a solução

total, alegando estar de posse da chave geral que leva à explicação global da vida e do universo, é a religião (Ibid., p. 49).

De acordo com Pierucci,

a mentalidade mágica, cada doença, desavença, transtorno, tormento ou atropelo-em suma, cada crise do indivíduo-encontra sua explicação especial num malefício individualizado e localizável, no ato malévolos singular de um agente singular, cuja identidade a crença mágica prevê a possibilidade de descobrir mediante procedimentos também mágicos, condições para que a coisa-feita possa ser efetivamente desfeita e revidada pelos poderes extraordinários do mago. Antes mesmo de ser proferido pelo especialista, o diagnóstico já está feito, embutido em qualquer ato de procura por solução emergencial fora da ordem natural: buscar a cura mágica é buscar sempre-já o desmanche de um trabalho, a remoção do efeito daninho de um sortilégio (Ibid., p. 49).

Não é preciso apelar para a magia todo dia, toda hora, por qualquer coisinha. Magia é para ser acionada no momento oportuno, quando se tem que enfrentar, com sucesso, dificuldades não-usuais, situações específicas fora do trivial, quando o inexplicável teima em acontecer e o imprevisto pode sobrevir. Quando não se dispõe de outra solução viável, magia é feita para concretizar o extraordinário.

No cotidiano popular encontramos estas pessoas que podem fazer este trabalho, mas de forma alguma o resultado não é revelado na instituição (igreja), acreditamos que não seja bem aceito pelos líderes, por isso é melhor não ficar em evidência, mas basta estar no momento certo que os convites acontecem tranqüilamente no cotidiano da igreja.

Em outro momento, estive numa congregação do campo de São Mateus. Os obreiros me contaram que a igreja estava passando verdadeiras batalhas espirituais com o inimigo, e estava muito difícil reverter o processo de bênçãos na igreja, pois os milagres não estavam acontecendo, pessoas não estavam se convertendo, e os fiéis precisavam de um novo ânimo. Mas o pastor usou um exemplo da Bíblia, para mudar a situação da sua igreja, ele pediu para as pessoas começarem a dar voltas ao redor da igreja. Foram sete voltas, o pastor falou que se

fossem seis não daria certo e se fossem oito também não daria, mas sete é o número da perfeição, pois, Josué derrubou as muralhas de Jericó com sete voltas⁶⁴, e nós também daremos sete voltas e vamos derrubar a muralha da miséria, da pobreza, da doença, etc.

Na definição de Pierucci,

magia é menos um sistema de crenças e mais um conjunto de práticas. Em operação sob tais práticas, porém, é possível encontrar a crença difusa e não necessariamente reflexiva de que existem leis que regem “ocultamente” as relações de correspondência entre os reinos da natureza, conferindo regularidade e previsibilidade a essas relações (2001, p. 62).

O pastor acredita que a igreja não será a mesma depois que as muralhas caírem, muitas coisas vão mudar, pois já fizeram sua parte.

Percebemos pela atitude dos fiéis, uma convicção plena que as difíceis situações que estavam vivendo, iriam modificar na vida da igreja e daqueles fiéis que estavam fazendo o sacrifício, pois, andavam com alegria ao redor da igreja e cantavam incessantemente. Acreditavam que cada volta dada, através do seu sacrifício, Deus pudesse intervir nas vidas deles fazendo algum milagre que mudassem suas vidas de forma sobrenatural.

Numa outra semana acompanhei um grupo de irmãos que iriam fazer uma visita na casa de uma vizinha de uma das fiéis da igreja. Nessa casa, descobrimos que eram pessoas que não freqüentavam nenhuma igreja, mas solicitaram a visita do grupo de oração da igreja que também é conhecido como círculo de oração. A dona da casa disse que freqüentemente estava doente e não agüentava mais passar por tanto sofrimento.

Observei que o método usado para se fazer visita é muito semelhante com as outras congregações do campo, pois se pega a Bíblia, faz uma oração, e abri-se a Bíblia em uma parte qualquer, e isto é feito aleatoriamente. A líder do grupo de oração diz que a Bíblia é a boca de Deus, e abrir a Bíblia sem preparar o texto é estar sempre pronto para descobrir qual é

⁶⁴ Podemos encontrar esta passagem Bíblica no livro de Josué cap.6.

à vontade de Deus para sua vida. Segundo ela, não é possível fazer uma visita sem a Bíblia, pois ela é uma forma de proteção para sua vida.

Faz-se uma leitura da Bíblia e o texto é explicado pela líder do grupo, e na sua interpretação a leitura falava sobre fidelidade, sendo que foi cobrada daquela senhora uma fidelidade para que ela pudesse ficar livre da doença. Ela deveria participar da igreja, aceitar Jesus como seu único e suficiente salvador, que a obra começaria a ser feita por completo na vida dela. Pediu-se também para que ela fizesse jejum de um dia por semana durante sete semanas consecutivas para que pudesse consagrar a sua vida a Deus, e assim ela iria se arrepender de seus pecados e a cura na sua vida viria mais rápido.

A dona da casa disse que iria fazer tudo que fosse possível para adquirir sua cura e também iria começar a ir à igreja. Antes de irmos embora o grupo intercedeu pela cura dela, com palavras de ordem e exigências para que Deus curasse aquela mulher. Segundo Pierucci, “muitas curas costumam serem feitas associando a eficiência das palavras sagradas a um rito imitativo” (2001, p. 66). Muitas orações, rezas e benzeduras se estruturam em cima de comparações feitas expressamente com palavras: assim como... , assim também... , eu decreto... , está confirmado...

Essas palavras usadas com frequência são expressões que demonstram o desejo de que aconteça o milagre ou a benção por aquele que intercede, e também por aquele que solicita o serviço. Percebemos que todos foram embora satisfeito, pois o dever foi cumprido, e a dona da casa também estava satisfeita, pois disse que a cura já estava decretada na vida dela.

Difícilmente em nossas pesquisas de campo, percebemos esses intercessores sem Bíblia, seja qual for o pedido, eles sempre levam a Bíblia para começar qualquer prática ritualística. Mas sempre a convicção de que o improvável vai acontecer, não foge da realidade desses “enviados de Deus”⁶⁵.

⁶⁵ Expressão dada por alguns membros da Igreja.

No Brasil há uma igreja pentecostal denominada Igreja Cuspe de Cristo. Entre os evangélicos, acredita-se que trazer consigo a Bíblia Sagrada pode funcionar como protetor mágico por contato. Dizem que afastam assaltantes. “Os amuletos são assim: seu poder de defesa aumenta quanto mais diretamente em contato com o corpo” (Pierucci, 2001, p. 73).

A prática da magia não é algo novo, muito pelo contrário, desde o período medieval é algo que incomodava o poder estabelecido, a Igreja Católica, e por isso sempre foi condenada pela mesma. Porém, a intensidade que se condenava essa prática veio se alterando conforme o passar do tempo, o que era passivo, por exemplo, no século XV na Europa de ser considerada uma pena grave pela Santa Inquisição, tendo muitas vezes como desfecho a fogueira santa, hoje pode ser praticado sem sofrer a menor censura por parte das instituições religiosas. O que foi considerado um pecado grave entre os séculos XV e XVIII, atualmente, no imaginário popular, talvez nem seja considerado magia. Pois, mesmo com a incessante busca do extermínio dessas práticas, elas além de sobreviverem, continuam presentes no cotidiano das pessoas, dando sentido às suas vidas, curando enfermidades, trazendo fortuna, afastando forças maléficas, etc (Padovan, 2004, p. 70).

Em nenhum momento da pesquisa, observamos alguma pessoa afirmar que se apropria das magias como rituais comuns e necessários, muito pelo contrário negam a existência da magia, porém, o milagre é algo presente dentro das instituições, e especificamente no cotidiano da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus e no cotidiano popular de seus membros.

1.9 O sagrado no cotidiano

O homem busca constantemente uma forma de se ajustar ao mundo à sua volta, na tentativa de saber como se comportar e posicionar-se frente a ele. “É uma necessidade humana compreender os acontecimentos que vão surgindo, pois para o homem não basta apenas agir por instinto como os demais animais, ele quer agir com conhecimento de causa, e é por essa razão que cria representações. É uma forma de transformar em família o que até então era desconhecido” (Colonhezi, 2004, p. 27).

Na definição de Gerard Duveen, “do mesmo modo que a natureza detesta o vácuo, assim também a cultura detesta a ausência de sentido, colocando em ação algum tipo de trabalho representacional para familiarizar o não familiar, e assim restabelecer um sentido de estabilidade” (2003, p. 16).

O homem sendo um ser social compartilha com outros homens sua realidade, e para tanto, cria representações, que são sociais à medida que lhe servem de apoio para ajustar-se ao mundo social, através das quais, ele se relaciona, em um constante intercâmbio de significados. E este conceito seria a justificativa para chamar as representações de sociais, à medida que são uma modalidade de conhecimento particular que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.

A Assembléia de Deus em São Mateus também tem sua representação social para seus fiéis. Quando foi perguntado aos entrevistados:

O que representa a Igreja de São Mateus para você?

Ah! pra mim, olha, vou te dizer, eu não vou falar que é o céu, porque lá entra pecadores e lá no céu não vai entrar, mas pra mim, não tem igual, ali pra mim é um refúgio, é um hospital, é tudo pra te falar a verdade, é coisa maravilhosa, me sinto assim, quando entro ali dentro ah!!! Eu dou um suspiro bem fundo, porque parece que estou entrando no céu. E o céu é muito lindo, é uma coisa de paz.

Representa pra mim assim, um apoio pro meus pés, representa uma família, é como se fosse assim, aquela casa do pai. Eu costumava dizer que a geladeira na casa da gente é muito íntima, e ninguém tem a liberdade pra chegar e abrir a geladeira, eu me sinto em São Mateus como estivesse assim na casa do meu pai, onde eu posso chegar e abrir a geladeira. Me sinto à-vontade, muito à-vontade.

A igreja de São Mateus representa pra mim hoje uma vasta experiência, aprendi muito, o campo de São Mateus e a igreja de São Mateus, hoje me ensinou muitas coisas que outrora eu não sabia.

Tudo. Abrange tudo, eu está integrado nos trabalhos da Igreja, a minha família da qual ter meus filhos despertado para a obra de Deus. Que é a coisa mais importante da vida,

A Igreja de São Mateus é uma grande benção, é um jardim de Deus que está florido e regado, passou por situações muito complicadas, a ponto de quase secar-se, mas como diz a Bíblia, os ramos brotaram novamente, floresceu e hoje nós estamos vendo a benção de Deus aqui, é uma linda igreja, povo abençoado, costume dizer que não há outra igreja igual.

Muitas vezes um hospital, pois quando estamos doentes, não somente doenças físicas, mas também espiritualmente, onde a alma está doente, e lá o Senhor usa o pastor, ou até mesmo outras pessoas que estão debaixo da unção de Deus, para trazer uma palavra de cura, palavra de ânimo e conforto.

Os entrevistados que participaram deste trabalho, em nenhum momento esboçaram uma insatisfação com a igreja, muito pelo contrário, segundo eles é inconcebível pensar viver no mundo e não estar na igreja. Esse pensamento foi relatado por muitas pessoas, a vida gira quase que em torno da igreja. Tudo que se pensa fazer socialmente é em prol da igreja. Muitos falaram que é melhor está um dia na igreja do que mil fora dela⁶⁶.

Para um entrevistado, falar da igreja foi motivo de dar um suspiro, pela grande representatividade que a igreja tem na sua vida. É como se fosse entrar no céu, que é um dos maiores objetivo do cristão. Para outro uma família, para outro hospital, já para outro um

⁶⁶ Esta expressão refere-se a uma passagem da Bíblia encontrada no livro de Salmos 84:10.

jardim de Deus. São várias as representatividades para demonstrar a grande importância da igreja na sua vida.

Na concepção de Mircea Eliade “...para alguns seres humanos, o sagrado manifesta-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, não se trata da veneração da pedra como pedra, da árvore como árvore.(...) A pedra sagrada, a árvore sagrada, pois revelam algo que não é nem pedra nem árvore mas, o sagrado”(2001, p. 18). O sagrado dentro desta perspectiva pode ser vinculado ao conceito de transcendência.

Para (Durkheim, 1989) a individualidade humana se constitui a partir da sociedade, pois, a raiz dos julgamentos está impregnada de noções coletivas como, por exemplo, a noção de tempo e espaço. De fato não é possível pensar objetos que não estejam no tempo ou no espaço. Todavia, o tempo não é organizado de forma individual, mas sim, pensando por membros de uma coletividade, assegurando o ritmo e a regularidade de atividades coletivas. O mesmo ocorre em relação ao espaço, pois, para poder dispor espacialmente se faz necessário situar, e a distinção provém de valores comuns atribuídos por membros de uma mesma coletividade.

Para os mesmos entrevistados a concepção de religião não tem muita diferença de igreja, eles atribuem quase que os mesmos conceitos para ambos. É possível observar esta afirmação após responderem a seguinte questão:

Qual a importância da religião em sua vida?

Representa coisa muito boa, porque quando eu aceitei Jesus, eu aceitei o príncipe da paz e foi uma alegria muito grande porque eu vivia atribulada e deprimida e o Senhor me libertou. Eu fui uma mulher muito alegre, creio que sou ainda a mulher mais alegre que possa existir, porque tenho Jesus no meu coração.

A religião ela serve como base, eu acho que pra várias pessoas, mas na minha vida a religião ela te dá uma sustentação né, ela dá um motivo pra que você acredite em alguma coisa, que você lute, que ainda tenha esperança, que você vá pra frente,

alcance tudo que você está buscando, seja saúde, seja na sua vida financeira, na sua vida material, enfim.

A importância da religião na minha vida eu vejo, às vezes eu falo com os amigos, olha irmão não importa se a pessoa é católica, se é espírita o que ele deva ser, eu lido com bastante pessoas que não são crentes dentro da minha área de trabalho, da área musical, eles perguntam, olha porque você não participa de tal coisa? Eu acho que a minha religião é seguir a Jesus, eu não sigo, eu sou de Jesus, costumo dizer que sou de Jesus, eu não sou da Assembléia, eu não sou da Universal, não sou de placa nenhuma, eu sou de Jesus, porém eu sigo a Jesus na minha religião aqui na igreja Assembléia de Deus.

Promoveu uma mudança de caráter, de pensamento e de hábitos. Quando caímos na conscientização do que a religião mudou o ambiente, a vida e tudo na minha vida.

A religião foi a causadora para minha transformação de vida e da minha família. Eu estava arruinado, mas depois da religião com muita fé, tudo mudou, agora tenho objetivo de vida.

Para compreendermos melhor esta questão de igreja e religião, encontramos na definição de Durkheim (1989) uma boa explicação para este conceito. Segundo sua concepção,

Religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. O segundo elemento que ocupa um lugar em nossa definição e que não é menos essencial que o primeiro é o fato de que a idéia de religião é inseparável da idéia de igreja, isto quer dizer que a realidade deve ser uma forma eminentemente coletiva.

A religião é vista por muitos teóricos como sendo uma construção humana constituída e edificada pelos símbolos que os homens usam para manterem uma relação com o sagrado. Na concepção de Peter Berg,

...A religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. A religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo (1985, p. 41).

A simbologia da igreja e da religião é algo transcendente, maior e mais rico do que o momento histórico vivido por alguém. Portanto, quando as pessoas se encontram em situações que, ao ver delas, são entendidas como críticas, ao se projetarem por esse universo de símbolos e imagens reencontram-se com os paraísos perdidos, com sonhos esquecidos, com desejos dormentes, revigorando entusiasmos necessários para darem continuidade a suas vidas. Segundo Mircea Eliade “o pensamento simbólico da igreja ou da religião, não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos - que desafiam quaisquer outros meio de conhecimento” (1996, p. 8).

A busca desses símbolos e imagens acaba por expressar muito mais do que as pessoas poderiam fazer por meio de palavras, “...tais imagens aproximam os homens de maneira mais eficaz e real do que a linguagem analítica. Na realidade se existe uma solidariedade total do gênero humano, ela só pode ser sentida no nível das imagens”(Ibid., p. 13).

Podemos encontrar diversas definições sobre o sagrado, e não temos o objetivo de conceituá-la como certo ou errado, não é o tema deste trabalho, mas sim demonstrarmos os diversos conceitos que os fiéis tem sobre o tema. Quando foi indagado aos entrevistados:

O que significa o sagrado?

Olha, eu acho que é uma vida reta diante de Deus, uma vida consagrada, eu acho que é isso, não tenho bem uma sabedoria pra te explicar, mas acho que é isso.

Pra mim a palavra sagrado significa, eu acho que é santo acima de tudo, o que é santo é sagrado, o que é sagrado que não pode faltar, é Deus na nossa vida, é adoração a Deus é sagrado pra mim.

O sagrado é você está embasado na palavra do Senhor, estar ligado no Espírito Santo do Senhor, seguir uma conduta com Deus, seguir os seus mandamentos, fazer a vontade Dele, estar debaixo de jejum e oração, e se consagrar pra o Senhor, eu acredito que seja por aí.

É saber que quando eu venho pra Igreja, eu tenho certeza que Deus tem uma palavra para mim através do nosso Pastor Deiró de Andrade, isso é sagrado.

O sagrado é tudo que provém de Deus no sentido de beneficiar o homem para a salvação, além do sagrado que provém de Deus para beneficiar o homem para a salvação, há o que provém de Deus para subsistência do ser humano, que de certa forma é também sagrado. Agora, o que está no santuário de Deus, para a glória de Deus, é sagrado.

É algo que se dá muito respeito, intocável, santo, está acima de qualquer coisa.

Nesta perspectiva, uma conceitualização simples e generalizadora poderiam aprisioná-lo a um único ponto de vista, o que tornaria o tema mais restrito e pontual, descaracterizando a intenção de uma parte da pesquisa, que busca uma ampliação do olhar sob as bases do sagrado.

Desta forma, optou-se por fazer um levantamento através da pesquisa para levantarmos as diferentes abordagens sobre o conceito do sagrado, e explicitar a intensidade e complexidade do tema.

No processo histórico, através do qual a civilização ocidental se formou, ela recebeu uma herança simbólica, a partir dos hebreus, dos cristãos e das tradições culturais dos gregos e romanos. Sendo esta, sem dúvida as bases da formação cultural religiosa de todo o Ocidente. Assim, o sagrado foi sendo adotado no decorrer da história, principalmente pela modernidade, muitas vezes, como tendo um sentido figurado, sendo entendido como um predicado de ordem ética, sinônimo da moralidade.

Acreditamos que esta influência nos ajuda na compreensão da definição dos entrevistados, pois, afirmam ser sagrado, ter uma vida reta, ser santo, ter uma boa conduta com Deus, e também comparar o sagrado com a pregação dada pelo pastor Deiró que é visto como sagrado segundo um entrevistado.

Segundo a definição de Rudolf Otto, “...Temos o hábito de usar a palavra “sagrado” dando-lhe um sentido primitivo. Entendemos, geralmente, como um predicado de ordem ética, sinônimo de absoluto moral e de perfeitamente bom” (1985, p.11). Também expressa o sagrado como “... o elemento vivo em todas as religiões. Ele constitui a parte mais íntima e sem ele, a religião perderia as suas características. A sua vitalidade manifesta-se sempre com vigor nas religiões semíticas e dentre elas, num grau superior nas religiões Bíblicas” (1985, p. 12).

Rudolf Otto, não nega que o sagrado passa por outros domínios como, por exemplo, o domínio ético, porém ele defende que ele não provém destes domínios paralelos e sim do domínio religioso. E se podemos afirmar que o sagrado é elemento primordial na formação das religiões e, contudo, é também formado por elas, é possível afirmar que ambos estão intimamente ligados.

O homem se descobre frente o sagrado como dependentes dele, ele deixa de ser o centro do universo, e passa a se ver frente a certas forças que o dominam, impondo normas de comportamento que ele se sente incapaz de transgredir. Desta forma, o sagrado pode ser considerado como sendo a origem da ordem, a fonte das normas e a garantia da harmonia. E sendo assim, torna-se correto afirmar que a essência do sagrado não é a idéia, mas a força. O sagrado é um elemento de poder. Porém, um poder que os homens tentam, mas não podem possuir.

Na definição de Callois,

o sagrado é aquilo que dá a vida e o que a rouba, é a fonte donde ela corre, o estuário onde ela se perde. Mas é igualmente aquilo que em caso algum se poderia possuir plenamente ao mesmo tempo que ela. A vida é desgaste e perda. Ela obstina-se em vão em preservar no seu ser e em recusar-se a qualquer despendido, a fim de melhor se conservar (1950, p. 135).

Quando os entrevistados foram indagados nesta questão do sagrado, foi perceptível observar a postura, o respeito e temor em expressar essa palavra. Mesmo que alguns não soubessem o significado da palavra, sabiam que ela representava muito para ele, pois usavam a expressão “tudo pra mim”.

A partir do exposto. É possível vislumbrar a magnitude e a imensidão do sagrado e do seu poder incorruptível na vida do homem. Mesmo quando os indivíduos adotam atitudes erradas perante a vida, perante a natureza, perante as leis de Deus ou perante outros homens, ainda que tentem disfarçadamente colocá-las como corretas e as defendem com convicção, lá no seu íntimo há algo mais forte do que ele, que lhe afirma que algo de sagrado foi por ele violado.

Considerações finais

Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura possa se vangloriar diante de Deus (I Co. 26-28, Bíblia de Jerusalém, Paulinas).

Este texto bíblico é usado por Shaul (1999, p. 159) na sua análise do pentecostalismo no capítulo “Reconstrução da vida no poder do Espírito”. Os fundadores da Assembléia de Deus jamais imaginariam que, noventa anos depois de eles usarem esse texto bíblico para se defenderem e justificarem sua falta de cultura e riqueza, um dos principais teólogos da libertação faria o mesmo.

As leituras são distintas, mas têm o mesmo objetivo: a identificação da ação do Espírito em solidariedade com os pobres. O risco de estereotipação e a carga ideológica desta leitura são patentes. Mas o que mais chama a atenção é que, há noventa 96 anos, um grupo de pobres, semi-analfabetos, com posturas eclesiais fora da normalidade da época (línguas, risos, curas, etc.) se insurge contra as estruturas seculares das instituições e se inicia como um novo modelo, segundo eles mesmos melhor e com a verdade completa. No início, ridicularizados, perseguidos. Mas esse grupo resolveu ler toda a perseguição e ridicularização de uma outra forma; transformando o “mal”, em “bem”- e partir daí cresceu.

A Assembléia de Deus foi iniciada e construída a partir dos pobres, analfabetos e gente da periferia, que fora isto era visto pejorativamente. Mas os assembleianos “assumiram” estas categorias como “bênção” – era a marca legalizadora da verdadeira identificação com os Atos dos Apóstolos. O novo convertido, que poderia ser um seringueiro do Norte, um agricultor do Nordeste ou um operário do Sul, na Assembléia de Deus não era apenas mais um a assistir aos

cultos, ele era participante da celebração. Afinal, era uma celebração que ele entendia. Diferente de alguém do mesmo estrato social assistindo um ofício religioso na Igreja Católica, em latim, na Luterana, em alemão, na Anglicana, em inglês, ou mesmo na Congregação Cristã, em italiano. Ele participava dos cultos, não assistindo, mas cantando, pregando, glorificando, construindo a igreja. Ele era a igreja.

Vingren pregando na Suécia, em 1922, explica o sucesso da missão no Brasil da seguinte forma: “experiências, uma fé simples e verdadeira obediência aos mandamentos do Senhor” (Vingren, 1973, p.110). Excluindo a teologia da “verdadeira obediência”, sociologicamente percebe-se a simplicidade e a experiência como componentes fundamentais da construção desta igreja.

A Assembléia de Deus no Brasil foi um “acidente”. Os suecos não vieram fundar uma igreja, nem depois de a fundarem queriam que ela fosse a Assembléia que se tornou. Os brasileiros que aderiram não sabiam o que viria a ser a Assembléia, mas queriam construir algo. Foi nessa mistura de intenções e tensões que ela nasceu. Conseguiu desagradar a muitos fazendo a alegria de muitos outros. A Assembléia de Deus nasceu e se tornou a maior igreja do Brasil apesar dos suecos, apesar dos brasileiros. Ou, exatamente, por causa deles.

Weber tem um conceito muito importante - os tipos de dominação - que foi fundamental para a compreensão do crescimento da Assembléia de Deus em seu início, tendo como protagonista Gunnar Vingren e Daniel Berg e posteriormente na Assembléia de Deus em São Mateus Deiró de Andrade. Segundo definição do próprio, dominação “é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis”. Dentro de sua classificação há três tipos de dominação: a racional, a tradicional e a carismática que foi a mais detalhada neste trabalho, pois era a que mais nos interessava.

A dominação carismática é “baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas”. Enquanto as anteriores, para funcionarem e serem legitimadas, necessitam de um corpo burocrático, ordens impessoais, qualificação pessoal, prebendas, etc., esta se legitima a partir dos adeptos. Adeptos - isto é algo de suma importância para entendimento do fenômeno pentecostal.

O carisma é uma dotação pessoal extracotidiana, e como o próprio Weber diz, é impossível avaliar isto “objetivamente” com critérios estéticos, éticos, etc., pois o portador dos “carismas” é reconhecido por seus adeptos. O pentecostalismo se realizou, cresceu e expandiu-se a partir do reconhecimento endógeno dos carismas; líderes - homens e mulheres - na condição de “enviados por Deus” que reúnem em torno de seus dons um grande grupo de adeptos e causaram a guinada. Só que esse carisma, por mais fenomenal que seja, tende a se “rotinizar”, daí aparece um novo personagem extracotidiano (de preferência mais extracotidiano que os anteriores), com um novo carisma (ou o mesmo carisma, mas com uma nova roupagem), consegue novos adeptos e dá nova guinada.

Esse carisma já se rotinizou em São Mateus, porém o carisma que o foi atribuído no início continua mais forte do que nunca, pois Deiró de Andrade continua crescendo cada vez mais em popularidade e sua fama começa a ultrapassar os muros da Assembléia de Deus ministério de Madureira, chegando em outras denominações. Isto foi possível concluir pelos diversos convites que recebe para pregar em igrejas e convenções no Brasil e exterior.

Na vida real da Igreja Assembléia de Deus, na ordem dos fatos, mas não dos conceitos magia e religião, convivem formando um sistema de conexão ora expostas, ora ocultas, mas delineadoras de uma forma de pensar específica. Devido aos ensinamentos da Igreja Assembléia de Deus, o termo magia tomou uma conotação contrária e até mesmo ofensiva à religião. Dessa forma nenhum fiel admitirá existir um pouco de magia em seus procedimentos

ou crenças. Mas, basta uma observação mais cuidadosa de seus atos e conversas cotidianas para se perceber a convivência harmoniosa dos dois fenômenos, magia e religião.

Na igreja Assembléia de Deus, vemos a expansão da esfera do sagrado para fora dos limites oficial da igreja. Segundo Rubem Alves,

o sagrado não pode crescer em jardins internos e protegidos, que ele é selvagem e indomável... Já não fazem sentido as divisões que separam os espaços sagrados internos dos espaços seculares externos. Os muros caem por terra... Deus sai da cela onde o havíamos colocado. Alguns ficam horrorizados e dizem: Deus morreu! O sagrado chegou ao fim!, mas não percebem que é justamente o oposto, que Deus escapuliu das estufas religiosas que construímos e invadiu o mundo. Agora o mundo inteiro é sagrado (1985 Apud Ribeiro, 2005, p. 367).

Como uma grande liturgia cósmica, a vida cotidiana do fiel na Igreja Evangélica Assembléia de Deus se desenvolve num universo que transpira a presença divina numa constante eucaristia. O sagrado não se contém dentro do templo, mas extravasa também nas casas de seus fiéis, mas o templo ainda mantém sua importância centralizadora das esferas religiosas, psíquicas e sociais. No pentecostalismo que se desenvolveu na Assembléia de Deus, não há a ausência de magia, mas esta se encontra permeando as relações sociais, as relações com os seres sobrenaturais e mesmo nas relações com Deus.

A Igreja Assembléia de Deus (sede), urbana e erudita e a Assembléia de Deus (congregação), rural, rica em magia, pertencem a um mesmo sistema organizacional e histórico, fazendo parte de uma estrutura que se inter-relaciona, com reuniões periódicas, onde os membros de ambas as instituições se encontram e partilham de suas crenças em comum, embora as representações sociais de seus membros tragam originalidades de suas culturas locais.

O reconhecimento social e a eficácia das bênçãos foram verificados nos depoimentos das pessoas, da Igreja Assembléia de Deus. Isto certamente é um dos motivos para persistência desta arte da cura popular, o que por sua vez estimula o trânsito religioso.

Finalizando, queremos que esta obra possa contribuir para o aprimoramento do nosso tema. Não tivemos em momento algum, a pretensão de esgotar qualquer tema discutido, mas sim estimular o debate na direção da superação do que está posto, pois acreditamos ser este o maior objetivo da academia.

Referências Bibliográficas:

- ALENCAR**, Gedeon Freire. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembléia de Deus-1911-46: origem, implantação e militância. Dissertação de Mestrado. Umesp, 2000.
- _____. La Instrumentalización Del Poder Divino: analogía en la ética neopentecostal y la candomblecista. CETELA, Concepción, Chile, 2003.
- _____. Construção , Desconstrução e Reconstrução de Heróis Missionários: Um estudo de caso sobre Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários fundadores da Assembléia de Deus no Brasil. São Paulo, ALER, 2006.
- _____. Protestantismo Tupiniquim. São Paulo, Arte Editorial, 2007.
- ALMEIDA**, Abraão de , et alii. História das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 1982.
- ALVES**, Rubem. Protestantismo e repressão. São Paulo, Ática, 1979.
- _____. Dogmatismo e tolerância. São Paulo, Paulinas, 1982.
- _____. O suspiro dos oprimidos. São Paulo, Paulinas, 1984.
- _____. Religião e repressão. São Paulo, Loyola, 2005.
- ANDERSON**, Robert Mapes. Vision of the Desinheritance: The Making of American Pentecostalism. Nova Iorque, Oxford University Press, 1979.
- BARDIN**, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTIDE**, Roger. O sagrado selvagem. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- BERG**, Daniel. Enviado por Deus. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1973.
- BERG**, David, Daniel Berg - Enviado por Deus, versão ampliada. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.
- BERGER**, Peter Ludwig – O Dossel Sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, Paulinas, 1985.
- _____, Thomas Luckmann. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1985.
- BETHENCOURT**, Francisco. O imaginário da magia. São Paulo, Companhia da Letras, 2004.

- BONFATTI**, Paulo. A expressão popular da sagrado. São Paulo, Paulinas, 2000.
- BOURDIEU**, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- BOYER**, O.S. Pequena Enciclopédia Bíblica. São Paulo, Vida, 1995.
- BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. Os Deuses do Povo. São Paulo, Brasiliense, 2^a. ed. 1986.
- BRENDA**, Albert W. Ouvi um Recado do Céu. Rio de Janeiro, CPAD, 1984.
- BURGESS**, Stantey M e Gray B. McGee (ed.) – Dictionary of Pentecostal and Carismatic Movements, Grand Rapids, Michigan, Zondervan Publishing House, 1988.
- CAILLOIS**, Roger. O homem e o sagrado. Lisboa, Edições 70, 1950.
- CALDAS**, Carlos. O Último Missionário. São Paulo, Mundo Cristão, 2001.
- CAMPOS**, Leonildo S. Teatro, templo e mercado. Petrópolis, Vozes, 1997.
- CAMPOS JÚNIOR**, Luís de Castro. Pentecostalismo. São Paulo, Àtica, 1995.
- CAVALCANTI**, Robson, Cristianismo & Política. Teoria bíblica e prática história. São Paulo, Temática Publicações, 1994.
- CESÁR**, Waldo. Linguagem, espaço e tempo no cotidiano pentecostal. Rio de Janeiro, Religião e Sociedade, 17-12, agosto de 1996. 110-123.
- _____. Para uma sociologia do protestantismo brasileiro. Petrópolis, Vozes, 1973.
- CHAUÍ**, Marilena. Filosofia. São Paulo, Ática, 2002.
- COHEN**, Eliézer. Simon Lundgren. A Obra Missionária no Brasil. Curitiba, Luz da Palavra, 1986.
- COLONHEZI**, Laura Cristina Ferreira. As representações do sagrado. Dissertação de Mestrado. Mackenzie, 2004.
- CONDE**, Emílio – O testemunho dos séculos. Rio de Janeiro, Livros Evangélicos, 1960.
- _____. História das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2005.
- CONTINS**, Márcia - Narrativas pentecostais: estudo antropológico de grupos pentecostais negros no Estados Unidos. Rio de Janeiro, CIEC, ECO, UFRJ, 1993.
- COSTA**, Jéferson Magno. Paulo Macalão: a chamada que Deus confirmou. Rio de Janeiro, CPAD, 1983.
- DAYTON**, Donald W. - Theological roots of pentecostalism, London. The Scarecrow Press, 1987.

- D'EPINAY**, Chistian L. - O refúgio das massas. Estudo sociológico do protestantismo chileno. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.
- DEIROS**, Pablo A e Carlos Miraida. Latinoamérica en Llamas - historia y creencias del movimiento religioso más impresionante de todos los tiempos. Nashville, Editoril Caribe, 1994.
- DELGADO**, Lucila de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, identidade. In: História oral: revista da Associação Brasileira de História Oral, nº. 6, Junho de 2003. São Paulo: Associação Brasileira de História oral. (Dossiê: tempo enarrativa).
- DESROCHE**, Henry. Sociologia da Esperança. São Paulo, Paulinas, 1985.
- DURKHEIM**, Émile. As formas elementares de vida religiosa. São Paulo, Paulus, 1989.
- DUVEEN**, Gerard. O poder das idéias. Representações sociais. Petrópolis, Vozes, 2003.
- ELIADE**, Mircea. Mito do eterno retorno. São Paulo, Mercúrio, 1992.
- _____. Mito e Realidade. São Paulo, Perspectiva, 1998.
- _____. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- _____ e Ioan P. Couliano. Dicionário das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- _____. Tratado de história das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- FAUSTO**, Boris . História do Brasil. São Paulo, Edusp, 1999.
- FILORAMO**, Giovanni/ Carlo Prandi. As ciências das religiões. São Paulo, Paulus, 1999.
- FORBES JR**, Jones A. Estará o movimento pentecostal ainda em marcha?, Rio de Janeiro. Tempo e Presença, nº. 188, novembro/dezembro/83, p. 12-16.
- FREYRE**, Gilberto - Casa grande e senzala. Record, Rio de Janeiro, 1933.
- FRESTON**, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro in Nem Anjos, Nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo, Petrópolis, Antoniazzi, Alberto et alli. Vozes, 1994.
- GAARDER**, Jostein. O livro das religiões. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- GALIMBERTI**, Umberto. Rastros da sagrado. São Paulo, Paulus, 2003.
- GIANNETTI**, Eduardo. O mercado das crenças. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

- GIRARD**, René. A violência e o sagrado. São Paulo, Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.
- GONDIM**, Ricardo. É proibido: O que a Bíblia permite e a igreja proíbe. São Paulo, Mundo Cristão, 1998.
- GUIMBELLI**, Emerson. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.
- GUTIÉRREZ**, Benjamim Franco & Campos, Leonildo Silveira (editores) - Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas- Aipral/Ed. Pendão Real, 1997.
- HISTÓRIA** da Assembléia de Deus em Belém, 2ª. edição revista e ampliada, (sem autor e editora), 1986.
- HOFFNAGEL**, Judith. “The Believers: Pentecostalism in a Brazilian City”, tese de doutoramento, Indiana University, 1978.
- HOLANDA**, Sergio Buarque de - Raízes do Brasil, Cia das Letras, São Paulo, 1999.
- HOUTART**, François. Mercado e religião. São Paulo, Editora Cortez, 2002.
- HOLLENWEGER**, W - O movimento pentecostal no Brasil, São Paulo, Simpósio/Aste, ano II, no. 3, junho de 1969. p.5-41.
- _____. – El pentecostalismo – historia y doctrinas, Buenos Aires, La Aurora 1976.
- JARDILINO**, José Rubens. Sindicato dos Mágicos. São Paulo, Aste e Ciências da Religião, 1993.
- JODELET**, Denise.(org). As representações Sociais. Rio de Janeiro, UNERJ, 2001.
- KANT**, Immanuel. Crítica da razão pura. Coleção os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1974.
- LÉONARD**, Emile G. O Protestantismo brasileiro. São Paulo, Aste, 1963.
- MACALÃO**, Zélia Brito. Traços da Vida de Paulo Leivas Macalão. Rio de Janeiro, CPAD, 1986.
- MARIANO**, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Loyola, 1999.
- MARTIN**, David. The Dilemmas of Contemporary Religion. Ox Ford, Blackwell, 1978.
- MAUSS**, Marcel&HUBERT, Henry. Esboço para uma teoria geral da magia.São Paulo, EPU-Edusp, 1974.

_____. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosacnaify, 2003.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo, Paulinas, 1984.

MENSAGEIRO DA PAZ, Fevereiro de 1984.

_____, Junho de 1985.

_____, Fevereiro de 1986.

_____, Fevereiro de 1990.

_____, Fevereiro de 1991.

_____, Janeiro de 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

MESQUITA, Antônio Neves – História dos Batistas no Brasil de 1907 até 1935 – Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1940.

MONTERO, Paula. Magia e pensamento Mágico. São Paulo, Àtica, 1990.

NEVILLE, Robert Cummins. A condição humana: Um tema para religiões comparadas. São Paulo, Paulus, 2005.

NIEBUHR, Richar, H - As origens sociais das denominações cristãs. São Paulo, ASTE-Ciências da Religião, 1992.

NOVO Dicionário da Bíblia, São Paulo, Vida Nova, 1999.

OTTO, Rudolf. O sagrado. Lisboa, Edições 70, 1985.

OLIVEIRA, Joanyr. As Assembléias de Deus no Brasil - sumário histórico ilustrado. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Metodologia das ciências humanas. São Paulo, Unesp, 2001.

PADEN, William E. Interpretando o sagrado. São Paulo, Paulinas, 2001.

PADOVAN, Adenilson. Religião e cotidiano na cidade de Alto Paraíso (Rondônia). São Paulo, Annablume, 2004.

PASSOS, João Décio. Pentecostais: origens e começo. São Paulo, Paulinas, 2005.

_____. Movimentos do Espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais. São Paulo, Paulinas, 2005.

PAUWELS, Louis/Jacques Bergier. O despertar dos mágicos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

PEREIRA, J. REIS. Breve História dos Batistas. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 2ª. ed. 1979.

PIERUCCI, A F O e PRANDI. Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. A magia. São Paulo, Publifolha, 2001.

PINTO, Silas do Amaral. As igrejas da Grande São Paulo. São Paulo, Visão Mundial, 1986.

PRANDI, Reginaldo. Cidade em transe: religiões populares no Brasil no fim do século da razão. São Paulo, Revista USP, 1991.

_____. “Perto da Magia, Longe da Política: Derivação do Encantamento no Mundo Desencantado”. São Paulo, Novos estudos Cebrap, 1992.

_____. Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo, USP: Fapesp, 1998.

RANAGUAN, Kevin e Dorothy. Católicos Pentecostais. Pindamonhangaba: O. S. Boyer, 1972.

READ, Willian. Fermento Religioso das massas do Brasil. Campinas, Livraria Cristã Unida 1967.

REGO, José Teixeira. Breve História da “Assembléia de Deus” no Ceará. Fortaleza, Indústrias Gráficas Urânia, 1942.

REILY, Duncan Alexander. História documental do protestantismo no Brasil. São Paulo, Aste 3ª. ed. 2003.

REVISTA USP / Coordenadoria de Comunicação Social. Universidade de São Paulo, São Paulo n 31, setembro/novembro 1996.

_____/ Coordenadoria de Comunicação Social. Universidade de São Paulo, São Paulo n 67, setembro/novembro 2005.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa. Rio de Janeiro, Vozes, 1979.

_____.Religião e classes populares. Petrópolis, Vozes, 1980.

_____. Pentecostais no Brasil: Uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis, Vozes, 1985.

_____.O que é Pentecostalismo. São Paulo, Ática, 1995.

- _____. Pentecostalismo: Brasil e América latina. Petrópolis, Vozes, 1995.
- ROMEIRO**, Paulo. Evangélicos em crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo, Mundo Cristão, 1999.
- _____. Decepcionados com a Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo, Mundo Cristão, 2005.
- SANCHIS**, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.
- SHAKARIAN**, Demos. O povo mais feliz da Terra. Rio de Janeiro, CPAD, 1982.
- SOARES**, Afonso Maria. Sincretismo e inculturação – pressupostos para uma aproximação teológico – pastoral às religiões afro brasileiras, buscados na epistemologia de Juan Luiz Segundo. Dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.
- SOUZA**, Beatriz Muniz de. A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- STRAUSS**, Claude Lévi. O pensamento selvagem. Campinas, Papyrus, 1989.
- THIOLLENT**, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo, Autores Associados, 1992.
- THOMAZ**, Keith. Religião e o declínio da magia. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- VÁRIOS**, Despertamento Apostólico no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 1987.
- VASCONCELOS**, Alcebíades. Sinopse Histórica das Assembléias de Deus no Brasil. Manaus, Ibadam, 1983.
- VINGREN**, Ivar, Gunnar Vingren. O Diário do Pioneiro. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1973.
- _____. O Diário do Pioneiro. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1982.
- _____. Despertamento Apostólico no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 1987.
- WEBER**, Max. Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1974.
- _____. Economia e Sociedade. Brasília, 4ª edição, Unb, 1999.
- _____. Economia e Sociedade. Brasília, 4ª edição, Unb, 2002.

_____. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

WLAKER, Luisa Jeter, Siembra y Cosecha - reseña histórica de la Asambleas de Dios de México y Centroamérica, Deerfield, Florida, Editorial Vida, 1990.

ANEXOS

1. Siglas usadas

AEVB	Associação Evangélica Brasileira
CEB	Confederação Evangélica Brasileira
CCB	Congregação Cristã no Brasil
CGADB	Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil
CONAMAD	Convenção Nacional Madureira das Assembléias de Deus
AD	Assembléia de Deus
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IPBC	Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo
IPDA	Igreja Pentecostal Deus é Amor
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
MP	Mensageiro da Paz
VV	Voz da Verdade
SA	Som Alegre
BS	Boa Semente
PNN	Pesquisa Novo Nascimento
CPAD	Casa Publicadora das Assembléias de Deus
MFA	Missão da Fé Apostólica
EBD	Escola Bíblica Dominical
HC	Harpa Cristã
ISER	Instituto de Estudos da Religião

1.1 Glossário

OBSERVAÇÕES:

Este glossário é uma tentativa genérica de “explicar” a Assembléia de Deus, mas dada a sua heterogeneidade, algumas definições aqui não valem para toda a igreja no Brasil. De

um Ministério para outro muita coisa muda.	
Auxiliar	- é à base da pirâmide hierárquica, e, em algumas igrejas, realiza o mesmo trabalho que um diácono, mas invariavelmente, se limita a função de porteiro.
Batismo nas águas	- batismo por imersão realizado em rios, mar ou no tanque batismal. AD não aceita os batismos por aspersão e infantil como realizados pela Igreja Católica e outras igrejas protestantes (Presbiteriana, Luterana). Invariavelmente, os novos convertidos são batizados a partir dos 12 anos (não há uma regra geral).
Carta de Recomendação e Mudança	- documento de apresentação que o membro da AD leva em viagens temporárias (recomendação) ou definitivas (mudança) para apresentar nas igrejas e para os demais irmãos que encontrar. Ela dá a possibilidade de hospedagem e ajuda fraterna em qualquer lugar que se chegue.
Círculo de Oração	- grupo feminino que se reúne semanalmente para orar em horário de diurno. Reuniões de Oração à noite é <i>Culto de Oração</i> .
Comunhão	- é o mesmo que <i>Santa Ceia</i> . “Dia da Comunhão” é o dia da celebração eucarística; “suspensão da comunhão” é estar em “disciplina”.
Congregação	- é uma igreja-filha; não-autônoma ligada financeira e administrativa a outra. Localizada num bairro, está submetida à Igreja-Sede da cidade.
Congresso de Mocidade	- reunião anual onde, em tese, se prega/canta temas para os jovens. É mero encontro, já que os mesmos não têm nenhum poder decisório como o nome congresso pressupõe. Idem para <i>Congresso de Senhoras</i> .
Consagração 1	- solenidade em que, após uma leitura bíblica e uma oração com imposição de mãos, se ortoga os títulos ministeriais de diácono, presbítero, pastor. Os auxiliares/cooperadores são apenas indicados, nomeados, mas a partir de diácono há uma “consagração”. Os pastores dizem: “Comecei como auxiliar, depois foi consagrado a diácono, depois consagrado a presbítero e depois consagrado a Pastor”.
Consagração 2	- diz-se da reunião em que os participantes estão em jejum e, nela, finalizam o mesmo como “entrega do jejum”. Há reuniões de “Consagração da Mocidade, de Senhoras, de Obreiros” e até de Crianças.
Consagração 3	- solenidade de inauguração de um novo templo, instrumento musical, aparelho de som etc., onde se diz que aquele recinto/instrumento será “consagrado para o louvor de Deus”.
Convenção	- reunião anual (de cada ministério) ou bienal (nacional) onde a liderança da AD se reúne. No início todas as esposas de obreiros participavam, hoje as esposas têm um encontro separado - Encontro de Esposas de Pastores. Em algumas Convenções, apenas pastores, evangelistas, presbíteros e diáconos participam. Na Convenção Geral todos os anteriores designados podem assistir, mas apenas pastores podem falar, compor comissões, votar e serem votados para os cargos da Mesa. Cada Ministério tem critérios diferentes para sua Convenção.
Cooperador	- é uma expressão genérica usada para todos os envolvidos na vida da igreja - pastor, professor da EBD, visitadora, porteiro, etc. Também usada para obreiros que não tiveram uma “consagração” como diáconos, presbíteros, etc.
Culto ao ar livre	- culto realizado em praças, feiras, esquinas, enfim, em qualquer local

	onde haja a probabilidade de público “ouvinte/incrédulo” com a clara finalidade proselitista.
Culto de Mocidade	- é uma reunião mensalmente onde a prioridade de cantar e pregar é dada aos jovens. Similar ao culto de senhoras, de crianças.
Culto de oração	- reunião em que, apesar de ter cânticos e pregação, o maior tempo é dedicado à oração.
Diácono	- homem que realiza às tarefas de tirar oferta, distribuir Santa Ceia e, em diversos lugares, até mesmo a função pastoral de dirigir uma igreja. Poucas AD têm diaconisas, depende do Ministério.
Disciplina	- é uma punição temporária dada a um membro que cometeu algum erro doutrinário (cortar o cabelo, ir a uma festa, dançar, etc.), implica em não poder cantar no conjunto, participar de reuniões de oração (cultos públicos pode) e ficar “suspenso da comunhão”; em algumas igrejas a “disciplina” é por um período determinado (dois ou três meses) e, após isso, o fiel deve vir publicamente (invariavelmente no Dia da Santa Ceia) pedir perdão à Igreja. Ver <i>exclusão</i> .
EBD	Escola Bíblica Dominical - reunião dominical em que faixas etárias são reunidas separadamente para um estudo bíblico com material didático preparado pela CPAD.
Escola Bíblica	- herdada da tradição sueca, é um período (inicialmente duas ou três semanas, atualmente dois ou quatro dias) de estudos bíblicos para os obreiros.
Evangelismo	- toda a ação da igreja tem objetivos proselitista, portanto, todas as atividades da igreja são “evangelística”, ou seja, visam converter às pessoas”.
Evangelista	- é mais um título temporário que um cargo, mesmo que em algumas igrejas seja um estágio para o pastorado. Também serve de designação para um pregador de Campanha Evangelística, apesar de mesmo ter o cargo de pastor ou missionário.
Exclusão	- é a punição máxima e definitiva dada a um membro que cometa um erro doutrinário grave (a gravidade varia de uma região/tempo para outra, mas sempre esteve relacionada a moral: adultério, roubo, etc.); ser excluído é equivalente a ser excomungado.
Harpa Cristã	- hinário pentecostal assembleiano. Atualmente em sua 44ª edição.
Igrejas-mãe	- Igreja sede de um Ministério. Expressão usada por Read.
Madureira versus S. Cristóvão (Rio) e Brás versus Belém (SP)	Para além de bairros do Rio e SP, estes nomes representam no universo assembleiano a infundável disputa de ministérios em que um se apresenta como “original” na reivindicação de ser a “verdadeira Assembléia de Deus” - que, de alguma forma, é reproduzida em todos os outros ministérios subsequentes.
Ministérios	- é um conglomerado de igrejas reunidas em uma Convenção que leva o nome do bairro ou cidade na qual a igreja-sede está fixada, ex.: Ministério do Belém, Ministério do Ipiranga (bairro de SP), Ministério de Anápolis (cidade).
Mundanismo	- devido à acentuada visão dualista do mundo, há uma percepção das “coisas espirituais” (orar, cantar, evangelizar, etc.) e das “coisas materiais” (trabalhar, comer, viajar, etc.), como subproduto das “materiais” há toda uma parcela de “mundanismo” – como lazer e esportes, ou seja, “ <i>tudo o que não é feito para glória de Deus</i> ”.

<i>Novo convertido</i>	- pessoa recente na igreja, quase sempre ainda não batizada nas águas.
<i>Obreiro</i>	- o mesmo que <i>cooperador</i> .
<i>Oferta</i>	- momento do culto em que os membros fazem suas doações financeiras que podem ser ofertas (doação esporádica) e dízimos (10% dos salários).
<i>Pastor-presidente</i>	- pastor chefe de um ministério, ou seja, presidente da Convenção do Ministério, Read chama de <i>pastor-geral</i> (221).
<i>Porteiro</i>	- cargo exercido por homens que ficam nas portas das Igrejas nos horários de cultos para recepção dos visitantes. Também exercem a função de “triagem” da frequência. Em algumas igrejas só participavam da Santa Ceia os membros em comunhão. <i>Disciplinados</i> são proibidos entrar.
<i>Presbítero</i>	- cargo exercido por homens que, em tese, auxiliam os pastores na condução das Igrejas, ou até mesmo exerce à função pastoral. Não há consenso na AD sobre este cargo. Alguns Ministérios não consagram presbítero por entenderem que, bíblicamente, o termo é o mesmo para pastor.
<i>Professor da EBD</i>	- medida as proporções é o “intelectual orgânico” da AD. Este é o único cargo em que ambos os sexos participam ativamente; homens e mulheres - habilitados ou não - têm a oportunidade de “ensinar”.
<i>Reunião de Ministério</i>	- diz-se do momento em que os obreiros se reúnem para oração, consagração ou alguma deliberação institucional. Há igrejas em que a RM é restrita a pastores, ou a pastores e presbíteros, excluindo os diáconos e auxiliares.
<i>Santa Ceia</i>	- é a celebração da eucaristia, e, na tradição assembleiana, realizada mensalmente. Ver <i>Comunhão</i> .
<i>Sub-Congregação</i>	- é uma igreja fundada e ainda sustentada por uma congregação; aqui reproduz a mesma relação da Congregação com a Igreja-Sede.
<i>Tanque batismal</i>	- pequeno reservatório de água construído, invariavelmente atrás do púlpito ou sob o mesmo para a realização de <i>batismo nas águas</i> por imersão.
<i>Trabalho</i>	- em tese todas as atividades evangelística da igreja são “trabalho”; “abrir um trabalho” - é iniciar um ponto de pregação que, invariavelmente, se localiza numa residência familiar.
<i>Tribuna</i>	- púlpito existente no templo onde ficam sentados os obreiros.
<i>Vaso</i>	- indica uma pessoa (homem/mulher) que tem muitos “dons espirituais”, como por exemplo, profecia, revelação, etc. Por exemplo: “Fulano de tal é um vaso muito usado por Deus”.
<i>Visitadora</i>	- invariavelmente a mesma mulher que faz parte do <i>Círculo de Oração</i> realiza o trabalho e visitação aos enfermos, novos convertidos, presídios, hospitais, etc.

1.2 Convocação da convenção geral em 30 em Natal ⁶⁷.

A TODAS ASSEMBLÉIAS NO BRASIL (conservada a grafia original).

Nós, reunidos na cidade de Natal, nos dias 17 e 18 de dezembro⁶⁸ próximo, tivemos pela graça de Deus a inspiração da necessidade urgente de uma Convenção Geral, em que se congregue a maior parte dos trabalhadores brasileiros e missionários para resolverem certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor.

Todos nós sabemos a crise por que como uma dura prova, passou a Assembléia de Deus neste país e não podemos nos conformar com esse estado de coisas, sem o necessário entendimento daqueles que tem responsabilidade diante de Deus.

Sabemos que crises podem ocorrer; mas temos na Palavra do Senhor o exemplo a seguir.

Todos conhecem a dificuldade por que passou a igreja em Jerusalém com a inovação dos judaizantes; porém vemos, aliás, que se congregaram os apóstolos e anciãos para considerar a questão (At. 15:6).

Não tomaram atitudes pessoais, porém se congregaram e com eles estava o Espírito Santo que os dirigia.

Assim queremos fazer, amados irmãos, e pedimos em nome do Senhor a vossa aprovação.

Temos em vista convidar todos os obreiros por meio deste manifesto e solicitamos que nos respondais com urgência, pois a nossa Convenção se realizará em julho vindouro, na cidade de Natal. Deve começar no dia 12 do referido mês e se não precisamos o termino da mesma Convenção, é porque achamos justo deixar no arbítrio das necessidades e circunstâncias de ocasião.

⁶⁷ Este texto foi publicado meses no Jornal Boa Semente durante o ano de 1929.

⁶⁸ Esta reunião aconteceu em 1928.

Temos a certeza de que foi o Senhor que nos ditou a necessidade de uma Convenção Geral, pois só assim será possível remover certos obstáculos que podem embaraçar a causa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Certos de que não haveis de desprezar o que sentimos da parte do Senhor, contamos com a vossa presença na referida Convenção, cujo fim será a exaltação do nome do Senhor e a fraternidade daqueles que desejam estender o reino de Deus neste mundo.

Francisco Gonzaga, Cícero Lima, Antonio Lopes, Ursulino Costa, José Amador, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa, Francisco César, Nathanael G. de Figueiredo, Pedro Costa.

Os que vierem tenham a bondade de comunicar com urgência, afim de que se torne fácil à hospedagem.

Francisco Gonzaga.

Endereço: Rua Amaro Barreto, 40.

1.3 História de São Mateus

Podemos encontrar a história da Assembléia de Deus em São Mateus, na sua biblioteca local, detalhado segundo a pesquisa do Pastor Deiró de Andrade.

Nos anos de 1947/48, um certo irmão chamado Juvelino, membro da Congregação do Jardim Santo Estevão, Ministério de Madureira, Campo do Brás, morador da região de olarias em São Mateus, viu a ocasião em que foi feito o primeiro culto ao ar livre. Era dia propício, pois o Senhor havia separado este lugar para sua obra.

Uma caravana vinda da congregação do Jardim Santo Estevão esteve dirigindo este abençoado culto onde diversas pessoas ouviram falar do amor de Deus e, logo começaram os cultos numa olaria onde residia e trabalhava a família do irmão Zeferino Antunes da Silva. O dirigente da congregação do Jardim Santo Estevão, à época era o irmão Presbítero Antonio Ianoni, que enviou diversos obreiros para dirigir cultos neste ponto de pregação, entre eles os irmãos Domingos de melo, Vicente, Dalmo, Benedito Ribeiro, José Pinto, hoje presidente da Assembléia de Deus Ministério de Madureira em Arujá – SP, José Ferreira, João Guarda, Josias Baptista e outros.

O primeiro lugar fixo de cultos, depois da olaria, foi uma casa alugada no bairro de Nove de Julho, sendo o proponente do aluguel o irmão João Feliciano Gomes, hoje pastor auxiliar na Assembléia de Deus Ministério de Madureira em Osasco – SP.

Foi o irmão Josias Batista quem comprou a primeira propriedade da Igreja, na Avenida Mateo Bei, 2967, à época apenas uma estrada de servidão para carro de boi, mesmo porque não existia urbanização por aqui, apenas sítios, chácaras e olarias, sendo designado para dirigir este trabalho o irmão Diácono Moisés de Castro, hoje presidente do Campo da Assembléia de Deus – Ministério de Madureira em Piracicaba – SP. O trabalho floresceu, cresceu e ganhou corpo. A propriedade na Avenida Mateo Bei era uma casa pequena, de

companhia que fora transformado num bar e, depois de vendida à Igreja, passou a ser o local oficial de cultos na região. A casa recebeu pequenas reformas, tirando-se as paredes internas transformou-se numa boa congregação.

Terminada a empreitada de construção da congregação do Jardim Colonial, iniciou-se a construção da IGREJA DO RELÓGIO. Era sob orientação de Deus. Toda a planta, o modelo e tudo mais, por revelação de Deus. As dificuldades foram muitas, houve privações e sofrimento dos irmãos, todavia o Senhor Jesus deu provisão em tudo. Houve uma irmã por nome Vitalina, viúva, que vendeu sua casa e doou os materiais para o término da construção da Igreja do Relógio, seguindo orientação de Deus e movida pelo amor à obra e causa do evangelho. O relógio da igreja foi doação. Ela passou a morar na casa da igreja até sua partida para a glória de Deus. O pedreiro responsável foi o irmão Geraldo Romão. O carpinteiro foi o irmão Francisco, morador dos fundos do antigo templo.

Os irmãos fabricavam tijolos ali mesmo no local, esforçavam-se e Deus os honrou. Lembramos aqui do irmão José Egídio, muito amável, que era o responsável pela comissão de visitas e trouxe muitas alegrias a São Mateus. O irmão José Picolli, como bom marceneiro muito contribuiu fazendo os forros das congregações.

A família da irmã Minelvina, mãe do Evangelista Naézio Olímpio da Silva, Presbítero Josenildo Medeiros da Silva chegou a São Mateus em 1959, vindos da cidade de Guariba – SP. Outros vinham se somando ao grupo que crescia a cada dia, a exemplo da irmã Maria Dantas, que era possuidora de grande parte da área do largo de São Mateus, desde 1945, veio unir-se conosco em 1963, sendo hoje a praça Felisberto F. da Silva em memória e honra de seu esposo. A irmã Maria Dantas dirige seu período de oração pela manhã há mais de 39 anos, sempre guerreira sem falar, mesmo com chuva ou sol. É uma referência.

A irmã Maria Moraes e seu esposo irmão Geraldo Romão de Moraes que estão conosco desde 1956, sempre na região do Quarto Centenário, viram o início da benção de Deus aqui.

O irmão Geraldo Romão de Moraes foi o pedreiro responsável pela construção da Igreja do Relógio. A congregação do Jardim Quarto Centenário teve início na casa destes irmãos.

O primeiro batismo realizado em São Mateus foi no rio Aricanduva em 1964, próximo à rua 102, hoje rua Tita Rufo.

As primeiras pessoas a congregarem-se em São Mateus foram Zeferino Antunes da Silva, Maria Benedita de Jesus Silva, Benedita Antunes da Silva, Áurea Antunes da Silva, irmão Lázaro Balbino, irmã Ana de Jesus Balbino, Maria José de Lucas e família, hoje dirigente do círculo de oração da Igreja do Relógio, irmão João Cruz e família, o doador do terreno do Jardim Colonial, Moisés Batista dos Santos entre outros tantos ilustres servos de Deus.

O irmão Zeferino, que se convertera num momento difícil, quando seu filho estava doente e os crentes vieram orar, passou a evangelizar na região ganhando diversas pessoas para Jesus, entre as quais os irmãos Adarci de Oliveira e família, Álvaro Maceió e família, João Ferreira (o da Sanfona) e família, irmão Virgulino e família, entre outros.

Num dia de culto, foram convidados os vizinhos, moradores das olarias para virem à congregação, pois, viria um enviado do Jardim Santo Estevão. Choveu muito e as pessoas chegaram para ouvirem o pregador que não chegou, pois o lamaçal e a chuva torrencial impediu. O irmão Sebastião perguntou ao irmão Zeferino o que fariam, já que haviam 20 pessoas convidadas esperando. A resposta foi honrada pelo Espírito Santo – “Não faremos nada, Jesus fará tudo” - o irmão Sebastião leu um texto, falou um pouco, as adolescentes Benedita e Áurea cantaram, cheias do Espírito Santo, sem instrumento e à luz de lampião. O irmão Zeferino abriu então a bíblia em São João 14 e pregou na unção de Deus. As 20 pessoas ali aceitaram a Jesus como Salvador.

Quando o loteamento do Jardim Colonial começou, a igreja recebeu por doação uma área onde foi construído o primeiro templo da Igreja em São Mateus. O doador do lote foi o

irmão João Cruz. A construção foi liderada pelo servo de Deus, pastor Moisés de Castro que, com muita dificuldade a levou até o fim. Lembramos aqui do irmão João Gonçalves que doou os tijolos da construção do Jd. Colonial por duas vezes, pois caíram as paredes durante a construção.

Os trabalhos de Avaré e Ourinhos são desta época, abertos pelo pastor Moisés de Castro. Em Avaré foi empossado naquela época o irmão Benedito Frauline.

Os primeiros obreiros de nosso campo foram os irmãos Zeferino Antunes da Silva, Lázaro Balbino e João Ferreira (o da sanfona), além dos irmãos Evangelista Francisco Alves de Lucena, militar que comandava trânsito para os desfiles tradicionais na Avenida Mateo Bei e o Presbítero Luiz Moisés, homem íntegro, dos primórdios do trabalho.

Lembramos também do Evangelista Antonio de Pádua, uma linda marca de fidelidade em nosso abençoado campo. Irmão Antonio Nicácio, dos fundadores do trabalho na região de Vila Nova York e Vila César. O irmão Sebastião Caetano, o Evangelista José Maria, que cedeu sua casa para o início do trabalho em Jardim Santa Terezinha, em 1966, entre outros ilustres como o Pastor Manoel de Souza, que dirige congregações pelo nosso campo desde 1966. Lembramos também do Pastor Manoel Alves de Oliveira, ilustre companheiro que até hoje cuida da manutenção do Relógio de nossa Igreja. Temos ainda o irmão Pastor Florindo Felisbino, membro aqui desde 1964. Também os irmãos José Cipriano e Joaquim Cipriano.

O irmão João Ferreira (o da sanfona) ainda se lembra da mensagem pregada pelo pastor Zeferino no dia de sua conversão: São Mateus 11:28 – “vinde a mim...” Ele foi consagrado a presbítero em 17/07/1960.

Ainda em fase de acabamento, o ministério transferiu para São Mateus o pastor Antonio Ianoni. Foi este quem concluiu a construção da Igreja do Relógio, fazendo sua inauguração em 07/09/1967, com a presença inclusive do Senhor Prefeito municipal da época Doutor Faria Lima.

A emancipação chegou em 1964, tornando-se campos autônomos, ligados diretamente à CONVENÇÃO NACIONAL DE MADUREIRA. O representante do Pastor Paulo Leivas Macalão que era o presidente da convenção foi o ilustre pastor Otávio José de Souza.

Foram presidentes deste campo os seguintes pastores:

- 1º. Pastor Antônio Ianoni;
- 2º. Pastor Lupércio Verginiano;
- 3º. Pastor Antônio Pastori;
- 4º. Pastor José Eduardo Modesto;
- 5º. Pastor Miguel Bento;
- 6º. Pastor José Joaquim Alves;
- 7º. Pastor Moacir Ferreira;
- 8º. Pastor Perácio Grilli;
- 9º. Pastor Manoel Ferreira;
- 10º. Pastor Moacir Paulo de Oliveira;
- 11º. Pastor Aparecido Dias;
- 12º. Pastor Deiró de Andrade.

As primeiras congregações deste campo foram: Relógio e Jardim Colonial. Hoje são mais de 200 (duzentas) congregações, e aproximadamente 20.000 (vinte mil) membros, sendo que na sede congregam aproximadamente 2.000 (dois mil membros).

Em 1998, a sede foi transferida para um salão com área de 3700 m², na própria Avenida Mateo Bei, 263, sendo por aluguel com contrato de 30 meses. Segundo o Pastor, foram diversas revelações e profecias de que seria da igreja este local. A Igreja adquiriu o referido imóvel em 10 de julho de 2001 e desde 02/09/2000, o campo é presidido pelo Pastor Deiró de Andrade.

1.4 Carta de Informação ao Sujeito da pesquisa

O presente trabalho se propõe a estudar a questão da magia popular no cotidiano da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus e relatar como o sagrado interfere no cotidiano de indivíduos. Os dados para o estudo serão coletados através de entrevistas gravadas com líderes da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em São Mateus. Será garantido o sigilo sobre a identidade dos participantes desta pesquisa.

Os dados coletados serão utilizados na dissertação de Mestrado do aluno Francisco José Barbosa do Programa em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

.....
Francisco José Barbosa

.....
Antônio Maspoli de Araújo Gomes

Termo de consentimento livre e esclarecido

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) _____, sujeito de pesquisa, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo,.....de.....de.....

Assinatura do Sujeito ou representante legal

1.5 Fotos da Igreja de São Mateus

Primeira Igreja de São Mateus “Igreja do Relógio”



Frente da igreja sede atual



Culto público



Pastor presidente - Deiró de Andrade



Pastor Deiró de Andrade e sua esposa Susi



Visão do púlpito da igreja



Visão de toda a igreja-frente para o púlpito



Visão dos obreiros sentados no púlpito



Antigo logotipo da igreja



Atual logotipo da igreja



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)